

apoio cultural



realização



CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA 2018

Ministério da Cultura e Prefeitura de Curitiba *apresentam*



CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA 2018





CAMERATA
ANTIQUA
DE CURITIBA
2018

Índice

4.

Rafael Greca de Macedo
Prefeitura Municipal
de Curitiba

6.

Ana Cristina de Castro
Fundação Cultural
de Curitiba

8.

Marino Galvão Jr.
Instituto Curitiba
de Arte e Cultura

10.

Camerata Antiqua
de Curitiba

14.

Orquestra de Câmara
da Cidade de Curitiba

18.

Coro da Camerata
Antiqua de Curitiba

22.

Programação

74.

Concerto nas Igrejas

80.

Música pela Vida

88.

Alimentando
com Música

93.

Biografias dos
Compositores

113.

Biografias dos Artistas

137.

Capela Santa Maria
Espaço Cultural

139.

Ficha Técnica





Tanto melhor a orquestra, mais prestígio tem a cidade entre as Nações.

Nascida de um grupo de exímios e talentosos cantores e instrumentistas em 1974, quando era regida pelo maestro emérito Roberto de Regina, tendo no solo de cravo, a mestra de música Ingrid Müller Seraphim e hoje difusora da música erudita, barroca e contemporânea que inspira novas gerações.

Símbolo de nossa excelência cultural, a Camerata inaugura a temporada 2018 com uma das peças mais significativas de seu repertório, A Paixão Segundo São João de Johann Sebastian Bach demonstrando mesmo vigor que caracteriza a essência da vida curitibana.

Suas vozes virtuosas recrutadas nas diferentes igrejas de tradição europeia da cidade e suas congregações levam ao conhecimento do público um repertório diversificado, democratizando o acesso ao que há de melhor na cultura de nossa cidade.

Alma musical de Curitiba, herança de nossos avós imigrantes, o Coro e Orquestra deste conjunto singular confunde sua trajetória com a história contemporânea da capital do Paraná. Seus cantos e acordes precisos orientam para um futuro promissor que garantem a vida longa a esse prestigioso conjunto da cena musical do país.

Não se esqueçam da beleza e da harmonia dos instrumentistas e cantores de Curitiba, afinal uma cidade é também a música que consegue produzir.

A música que a Camerata produz, com o seu coro e orquestra, é a alma de Curitiba.

RAFAEL GRECA DE MACEDO
Prefeito da Cidade de Curitiba



Em 2018 a Fundação Cultural de Curitiba dá início a mais uma série exemplar de celebração da música, da cultura e do espetáculo da Camerata Antiqua de Curitiba, grupo que consolida sua marca de qualidade e apresenta um calendário de música erudita em nossa cidade.

Programas pedagógicos voltados para crianças estarão presentes com a série Alimentando com Música, com concertos didáticos para estudantes da rede pública de ensino, de fundamental importância para a formação de futuros apreciadores do espetáculo e da cultura musical.

A formação de plateia é também uma tarefa que a Camerata faz questão de assumir. Programas como Nosso Canto e MusicaR que por meio do poder transformador da arte viabilizam conhecimento para a apreciação musical e formam futuros cantores e músicos.

Em 2018 estão previstas diversas apresentações em igrejas, asilos e hospitais, demonstrando a versatilidade desse grupo que alinha compromisso social, música de alta performance e beleza em sua programação.

Assim, a Camerata Antiqua escreve novamente seu nome na história de Curitiba e do País, tornando-se um dos grupos de música erudita de maior destaque no Brasil. São quarenta e quatro anos de existência e mais uma temporada! Mais um ano promissor.

Uma conquista trabalhada dia a dia por todos os virtuosos músicos da Orquestra de Câmara e do Coro da Camerata.

Uma excelente temporada a todos.

ANA CRISTINA DE CASTRO

Presidente da Fundação Cultural de Curitiba

O ano de 2018 será marcado musicalmente pelo retorno da Oficina de Música de Curitiba ao calendário da Cidade e pela temporada diversificada e intensa realizada pela Camerata Antiqua de Curitiba em sua sala de concertos, a Capela Santa Maria.

A Paixão Segundo São João de Johann Sebastian Bach com regência de Abel Rocha foi a escolhida como programa de abertura da Camerata Antiqua de Curitiba por se tratar de um das obras mais emblemáticas no repertório deste importante grupo.

Enquanto o coro da Camerata Antiqua de Curitiba com regência de uma dinâmica e talentosa Mara Campos, organiza pelo terceiro ano consecutivo a Semana de Canto Coral, com homenagem aos 90 anos do compositor Edino Krieger, a Orquestra de Câmara presta homenagem ao maestro Norton Morozovicz que atua também como regente e flautista solista em concerto que mistura Bach e Villa-Lobos.

A Camerata circula novamente pelo Festival de Campos do Jordão apresentando-se também na Sala São Paulo, desta vez com Coro e Orquestra de Câmara com regência de Luis Otávio dos Santos. Um talento jovem do cravo, Fernando Cordella comandará um programa inspirado nas músicas da corte de Luis XIII e Luis XIV que inclui também dança barroca.

A temporada de Ensembles conta ainda com Sexteto de Strauss & Dvorák, Sexteto de Tchaikovsky & Korsakov e Quaretos de Debussy & Fauré. O ano encerra em caráter festivo com a execução do Weihnachts Oratorium de Johann Sebastian Bach com regência do maestro Belga Bart Naessens.

Que a Camerata Antiqua possa continuar ecoando cada vez mais música pela cidade de Curitiba e pelas salas nas quais se apresenta Brasil afora.

MARINO GALVÃO JR.

Diretor Executivo do Instituto Curitiba de Arte e Cultura



Camērata ANTIQUA DE CURITIBA



A Camerata Antiqua de Curitiba (CAC) traduz o som que celebra a cidade, tornando-se, ao longo de seus 44 anos de existência, um dos símbolos musicais locais. Constituída por Coro e Orquestra, a Camerata nasceu em 1974, sob a égide do talento de seus fundadores, o regente Roberto de Regina - hoje seu maestro emérito - e a cravista Ingrid Seraphim. A proposta inicial de execução exclusiva de música barroca e renascentista foi enriquecida com o acréscimo de um repertório de compositores contemporâneos nacionais e estrangeiros. Mantida pela Fundação Cultural de Curitiba - FCC e administrada pelo Instituto Curitiba de Arte e Cultura - ICAC, a Camerata possui uma trajetória de conquistas e sucessos que se explica pelo empenho de seus integrantes no contínuo aperfeiçoamento de conhecimentos e técnicas musicais, levando o grupo a se destacar nacionalmente pela qualidade e excelência de seu trabalho. Além do prestígio conquistado, a CAC tem destacados instrumentistas e cantores que desenvolvem carreiras individuais, conquistando prêmios em concursos no Brasil e no exterior. Para alcançar esse patamar, a Camerata contou com o comando seguro de músicos notáveis, como o maestro Gerard Galloway e o violinista Paulo Bosísio, responsáveis por longo período pela orientação técnica do coro e da orquestra, respectivamente, além de Lutero Rodrigues, maestro titular nos anos de 1987 e 1988, e Wagner Polistchuk, diretor artístico de 2009 a 2011. A preocupação com questões sociais tem marcado a atuação da Camerata, no decorrer dos anos. Foram criados os programas “Música pela Vida”, em 1990, e “Alimentando com Música”, em 1993, com o propósito de levar a linguagem universal da música para salas de aulas, fábricas, asilos, orfanatos, hospitais e penitenciárias, transformando concertos didáticos em ingredientes de integração social. Seguindo o caminho de modernização trilhado por orquestras de todo o mundo, a Fundação Cultural de Curitiba implantou diversas ações, entre elas a ampliação do número de integrantes do grupo e a construção de parcerias e, principalmente, investiu na restauração da Capela Santa Maria em um Espaço Cultural, atual sede oficial da Camerata, que conta com salas de concertos e ensaios. A Camerata instituiu, ainda, um Conselho Artístico, formado por músicos representantes do grupo, que atualmente responde pela elaboração da programação oficial das temporadas anuais, na qual estão presentes como convidados importantes regentes e solistas nacionais e internacionais. A maturidade musical conquistada em quatro décadas de atuação está registrada em oito discos (long plays) e seis CDs, com um repertório que abrange composições dos grandes nomes da música erudita universal. Importantes projetos realizados entre 1990 e 2000 fortaleceram a projeção do grupo curitibano no Estado do Paraná, como o programa “Curitiba Abraça o Paraná”. Em nível internacional, destaque, em 1995, para o concerto comemorativo do aniversário da cidade de Assunção, Paraguai, no Centro Cultural Paraguai - Japão. Em 1996, estão os concertos em Washington, a convite do Banco Interamericano de Desenvolvimento, realizados em sua sede, como também na Embaixada do Brasil e na Epiphany Church. No Brasil, em 22 de abril do ano de 2000, a CAC participou das comemorações dos 500 anos da descoberta do país, em Porto Seguro, Bahia, nas quais estiveram presentes os presidentes do Brasil e de Portugal. Abrindo novas vertentes musicais, nos últimos anos, a Camerata obteve também sucesso e reconhecimento em diversas estreias nacionais e mundiais, incluindo obras encomendadas especialmente para o grupo. A versatilidade na execução da música antiga e contemporânea é elemento fundamental de um trabalho contínuo, verdadeiro legado à cultura brasileira.

In its 44-year anniversary, Camerata Antiqua of Curitiba (CAC) translates the sound that celebrates the city, thus becoming one of the local musical symbols. Formed by a combination of Choir and Orchestra, Camerata was born in 1974, under the aegis of the talent of its founders, conductor Roberto de Regina – today its conductor emeritus – and harpsichord player Ingrid Seraphim. The initial proposal for the exclusive execution of Baroque and Renaissance music was enriched by the addition of a repertoire of contemporary national and foreign composers. Being financially supported by Fundação Cultural de Curitiba – FCC and managed by Instituto Curitiba de Arte e Cultura – ICAC, Camerata has a track record of achievements and success that can be explained by the commitment of its members in the continuous improvement of musical knowledge and techniques, leading the group to national recognition for the quality and excellence of its work. In addition to the prestige it has achieved, CAC can also count on outstanding musicians and singers, who develop individual careers, winning prizes in competitions around Brazil and abroad. In order to reach this level, Camerata has counted on the competent and reliable command of notable musicians, including conductor Gerard Galloway and violinist Paulo Bosísio, both respectively in charge of the technical orientation of the choir and the orchestra for long periods. Other notable contributors include Lutero Rodrigues, principal conductor in the 1987 and 1988, and Wagner Polistchuk, artistic director from 2009 to 2011. Concern about social issues has marked the performance of Camerata over the years. The “Music for Life” programs were created in 1990 and the “Feeding with Music” program in 1993, with the purpose of bringing the universal language of music to classrooms, factories, nursing houses, orphanages, hospitals and penitentiaries, transforming concerts into social integration. Following the modernization path followed by orchestras from all over the world, Fundação Cultural de Curitiba (Curitiba Cultural Foundation) implemented several actions, among them is the expansion in the number of members of the group and the building of partnerships and, mainly, investment in the restoration of Capela Santa Maria (Santa Maria Chapel) in a cultural space, currently the official headquarters of the Camerata, which has concert halls and rehearsals. The Camerata also set up an Artistic Council made up of musicians that represent the group. It is currently responsible for the preparation of the official program of the annual seasons, in which important national and international conductors and soloists are invited as guests. Camerata’s musical maturity, achieved in four decades of performance, is recorded in eight long plays and six CDs, with a repertoire that includes compositions by the great names of classical music. Important projects carried out between 1990 and 2000 strengthened the projection of this group from Curitiba within the State of Paraná, such as “Curitiba Abraça o Paraná” (Curitiba Embraces Paraná) program. At an international level, the main contribution of CAC was in 1995 with a concert commemorating the anniversary of the city of Asuncion, Paraguay, at the Paraguay – Japan Cultural Center. In 1996, CAC performed concerts in Washington, invited by the Inter-American Development Bank. The concerts were held at the bank’s headquarters, at the Brazilian Embassy and at Epiphany Church. On April 22nd, 2000, CAC participated in the commemorations of the 500th anniversary of the discovery of Brazil, in Porto Seguro, Bahia, in the presence of presidents of Brazil and Portugal. By opening to new musical strands in recent years, Camerata has also achieved success and recognition in several national and world premieres, including works commissioned especially for the group. The versatility in the execution of ancient and contemporary music is the fundamental element for a continuous job, which represents a true legacy to the Brazilian culture.

Orquestra

DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA





Fundada em 1974, como parte integrante da Camerata Antiqua de Curitiba, teve um período de dedicação exclusiva à música antiga, sob a direção do maestro Roberto de Regina. Posteriormente, incorporou a música contemporânea, estimulada pelo violinista Paulo Bosisio, que respondeu pela orientação técnica e regência do grupo de 1983 a 1985. Em 1989, passou a ser chamada de Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba, dominando um repertório amplo e original, com audições brasileiras e mundiais inéditas. Em sua programação constam obras para cordas de todos os tempos, com ênfase para a música barroca e brasileira. O grupo atua sob a direção de importantes regentes convidados e tem acompanhado renomados solistas brasileiros e estrangeiros. Aberta a experiências em outras áreas que não apenas a da música erudita, a Orquestra de Câmara tocou na companhia do grupo paulista “Nouvelle Cuisine”, em apresentações pelo Brasil, em 1991. Também foi escolhida para participar do “Projeto Brasil Musical”, em 1994, quando realizou turnês com destacados nomes da música instrumental brasileira, entre eles Egberto Gismonti, Wagner Tiso e Zimbo Trio. Além de ter se apresentado em várias cidades brasileiras, a orquestra tomou parte dos principais festivais de música do país. A Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba exibe, igualmente, um currículo internacional. Em 1990, foi convidada a integrar o Festival Cultural de Sinaloa, no México. Participou, ainda, em 1997, do Festival Brasileira II, em Copenhague (Dinamarca). Em setembro de 1999, na comemoração dos seus dez anos de existência, a Orquestra de Câmara apresentou-se na Itália, na abertura das comemorações do V Centenário da República do Brasil. Também executou concerto no “51° Prix Itália” da rede de televisão estatal italiana – RAI, no Teatro Verdi de Florença, na cerimônia de entrega do “Prêmio Especial ao Presidente da República do Brasil”, pelos 500 anos de descobrimento do país, além de realizar um concerto na Igreja de Santo Antonio de Portoghesi em Roma. Para aprimorar ainda mais o conhecimento técnico e artístico, hoje a Orquestra de Câmara Cidade de Curitiba realiza seu trabalho sem a presença de um maestro titular, apresentando-se com regentes convidados, vindos dos mais importantes centros culturais do país e do exterior, alçando o grupo à posição de uma das principais orquestras brasileiras de câmara.

Founded in 1974, as an integrant part of the Camerata Antiqua de Curitiba, the String Orchestra had a period of exclusive dedication to the old music, under the direction of conductor Roberto de Regina. Later, he incorporated contemporary music to it, stimulated by violinist Paulo Bosisio, who was in charge of the technical orientation and regency of the group from 1983 to 1985. The work resulted in important technical growth of the musicians. In 1989, it began to be called the Chamber Orchestra of the City of Curitiba, dominating a wide and original repertoire, performing unpublished Brazilian and worldwide auditions. In its music program there are works for strings of all times, with emphasis on Baroque and Brazilian music. The group acts under the direction of important guest conductors and has accompanied renowned Brazilian and foreign soloists. Being open to experiences in sorts of music other than classical, the Chamber Orchestra played in the company of music group Nouvelle Cuisine from São Paulo, in presentations around Brazil in 1991. The Chamber Orchestra was also chosen to participate in the “Projeto Brasil Musical” (Brazil’s Musical Project) in 1994, when it toured with prominent Brazilian musicians such as are Egberto Gismonti, Wagner Tiso and Zimbo Trio. In addition to having performed in several Brazilian cities, the Chamber Orchestra has taken part in the country’s major music festivals. The Chamber Orchestra of the City of Curitiba also exhibits an international curriculum. In 1990, it was invited to join the Cultural Festival of Sinaloa, Mexico, performing Brazilian music in nine concerts and obtaining great public and critical acclaim. In 1997, it participated in the Festival Brasileira II, in Copenhagen (Denmark). In September 1999, in celebration of its ten years of existence, the Chamber Orchestra of the City of Curitiba performed in Italy at the opening of the celebrations of the V Centenary of the Republic of Brazil, performing concerts at the Italo-Latin American Institute, Palace of Santa Croce and the Church of the Portuguese in Rome. It also performed a concert at the “51st Prix Italia” of the Italian state television network – RAI, at Teatro Verdi in Florence, at the ceremony to deliver the “Special Prize to the President of the Republic of Brazil” for the country’s 500 years of discovery. On that trip, the Chamber Orchestra showed the music of Brazilian authors and held the first hearing in Europe of composers from the State of Paraná – Brasília Itiberê and Bento Mossurunga. The program was satellite broadcast to the whole world, thus motivating the recording of a CD. In order to further improve technical and artistic knowledge, the Chamber Orchestra of the city of Curitiba performs its work without the presence of a principal conductor, having guest conductors that come from the most important cultural centers of the country and abroad, raising the group to the position of one of the main Brazilian chamber orchestras.

Coro DA CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA





Fundado em 1974, como parte da Camerata Antiqua, desde o início de suas atividades o Coro da Camerata Antiqua de Curitiba destacou-se pela originalidade e leveza na interpretação da música renascentista e barroca, proposta que se intensificou a partir de 1982, sob a regência de seu fundador, o maestro Roberto de Regina (RJ), e de eminentes convidados, entre eles o maestro Gerard Galloway (Inglaterra/Brasil). A sólida formação musical de seus componentes transformou o Coro da Camerata Antiqua em uma das referências da música vocal no Brasil, realizando concertos como convidado de importantes orquestras, a exemplo da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (OSESP), sob a regência de Roberto Minczuk (SP). Ao abordar diferentes vertentes, com a incorporação da música contemporânea e estreias de peças escritas especialmente para o grupo, o Coro adquiriu a marcante característica de transitar com autoridade por um vasto e eclético repertório. O investimento em espetáculos diferenciados e cênicos e a realização de grandes apresentações renderam ao grupo reconhecimento que extrapolou fronteiras. Entre os concertos internacionais mais significativos destaca-se a turnê em 2006 por cinco cidades alemãs, cantando “a cappella” e com a Orquestra de Câmara da Philharmonica de Arad (Romênia). Em 2007 participou do 29º Festival Internacional de Música do Algarve - Portugal, acompanhando a Orquestra Sinfônica de Póvoa do Varzim. Em 2008, integrou o 8º Simpósio Mundial de Música Coral, em Copenhague (Dinamarca). A participação no 18º Festival Corale Internazionale – La Fabbrica Del Canto, na Itália, em 2009, fez com que o Coro realizasse uma série de dez concertos pela região no país. A performance obteve críticas favoráveis da imprensa europeia, que o elegeu como um dos dez melhores grupos vocais da época. Em 2013, o grupo representou o Brasil na Bienal de Coros de Aachen (3ª Internacional Chorbiennale), na Alemanha. O trabalho tem o respaldo de nomes consagrados na música, como a cantora lírica Neyde Thomas (SP/PR), orientadora vocal no período de 1992 a 2011; o maestro Wagner Polistchuk (SP), que assumiu a direção artística da Camerata Antiqua de Curitiba (Coro e Orquestra), de 2009 a 2011; e a regente titular do Coro, Helma Haller (PR), de 2009 a 2012. De 2013 e 2014, a maestrina cubana Maria Antonia Jimenez (PA) assumiu a regência. Desde 2015, a maestrina Mara Campos (SP) está à frente do Coro da CAC como regente titular e diretora musical. O grupo formado por 20 cantores realiza frequentes oficinas de técnica vocal ministradas por Eiko Senda (Japão/Uruguai) e Lúcia Passos (RS). Atualmente, está sob a orientação técnica vocal da paranaense Denise Sartori.

The Choir was founded in 1974, as part of Camerata Antiqua, and since it started its activities, the Coro da Camerata Antiqua de Curitiba has reached an outstanding performance due to the originality and lightness it has achieved, interpreting Renaissance and Baroque music, which also led the group to develop a capella programs. This has been more intensified from 1982 on, under the command of its founder, conductor Roberto de Regina (RJ) and other eminent guest conductors, among whom we can mention conductor Gerard Galloway, who was also in charge of the technical orientation of the group for a long period. The solid musical background of its components has made Coro da Camerata Antiqua a point of reference of vocal music in Brazil. The choir has been performing concerts as a guest of many important orchestras, for instance Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo – OSESP (the Symphony Orchestra of São Paulo State), under the command of conductor Roberto Minczuk (SP), among other performances around Brazil. By approaching a variety of musical branches, and also incorporating contemporary music and the premiere of new compositions written especially for the group, the Choir achieved the condition to move freely and in a highly-qualified condition around a vast and eclectic repertoire. The Choir's investment on performing in major productions of high-standard musical and scenic shows granted the group a level of recognition that led it to extrapolate national boundaries. Among the most important international shows the Choir has performed in, special relevance should be given to the 2006 tour around five German cities, where the Choir sang “a cappella” and also with the Chamber Orchestra of Arad State Philharmonic (Romania). In 2007, the Choir took part in the 29th International Music Festival of Algarve – Portugal, together with Póvoa de Varzim Symphony Orchestra. In 2008, CAC was a participant in the 8th World Symposium on Choral Music (Denmark), performing the shows called “Cores do Brasil” (Colors of Brazil) and “Lampejos da Música Sacra no Brasil” (Glimmers of Sacred Music in Brazil). The Choir's participation in the 18th Festival Corale Internazionale – La Fabbrica del Canto, in Italy, 2009 – a consequence of the success reached in Denmark, allowed the Choir to perform a series of 10 concerts around Italy, in the Lombardy region, starting in the city of Legnano and finishing in Milan. The performance had excellent reviews from European critics, who considered the Choir one of the top ten vocal groups from that time. In 2013, the Choir represented Brazil at the Biannual Festival for Choral Music of Aachen (3rd Internationale Chorbiennale), in Germany. The winning work performed by the Choir has the support of well-regarded professionals in the music scenario such as lyrical singer Neyde Thomas (SP/PR), who worked as a vocal coach in the period ranging from 1992 to 2011; conductor Wagner Polistchuk (SP), who took over the art direction of Camerata Antiqua de Curitiba (Choir and Orchestra), from 2009 to 2011; and Helma Haller (PR), head female conductor of the Choir from 2009 to 2012. In 2013 and 2014, Cuban female conductor Maria Antonia Jimenez (PA) took over Mrs. Haller's position. Since 2015, female conductor Mara Campos (SP) has been in charge of the Choir and music direction of Camerata Antiqua de Curitiba. Currently, the Choir's vocal coach is Denise Sartori (PR).



Programação

CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

CONCERTO DE ABERTURA DA TEMPORADA

PAIXÃO SEGUNDO SÃO JOÃO DE BACH

Regência Abel Rocha (SP)

29 de março, 20h	Terceira Igreja do Evangelho Quadrangular
30 de março, 19h30	Santuário Nossa Senhora do Guadalupe
31 de março, 19h	Igreja Batista Alameda

Personagens e Solistas

Jesus (barítono) Norbert Steidl (Áustria/Brasil-PR)

Evangelistas Padre Reinaldo Manzotti, Ator Edson Bueno (PR)

Pilatos (barítono) Victor Torres (Argentina)

Soprano Cintia de Los Santos (RS)

Contratenor Paulo Mestre (PR)

Tenor Miguel Geraldi (SP)

Barítono Victor Torres (Argentina)

Participação Especial

Coros do Projeto Nosso Canto (30 e 31 de março)



- 12a. **Evangelista:** Und Hannas sandte ihn gebunden
- 12b. **Coro:** Bist du nicht seiner Jünger einer
- 12c. **Evangelista, Pedro, Servo:** Er leugnete aber
- 13. **Ária (tenor):** Ach, mein Sinn
- 14. **Coral:** Petrus, der nicht denkt zurück

Segunda parte

- 15. **Coral:** Christus, der uns selig macht
- 16a. **Evangelista, Pilatos:** Da führten sie Jesum
- 16b. **Coro:** Wäre dieser nicht ein Übeltäter
- 16c. **Evangelista, Pilatos:** Da sprach Pilatus zu ihnen
- 16d. **Coro:** Wir dürfen niemand töten
- 16e. **Evangelista, Pilatos, Jesus:** Auf daß erfüllet würde das Wort
- 17. **Coral:** Ach großer König
- 18a. **Evangelista, Pilatos, Jesus:** Da sprach Pilatus zu ihm
- 18b. **Coro:** Nicht diesen, sondern Barrabam
- 18c. **Evangelista, Pilatos, Jesus:** Barrabas aber war ein Mörder
- 19. **Arioso (baixo, viola d'amore, lute):** Betrachte, meine Seel
- 20. **Ária (tenor, viole d'amore):** Erwäge, wie sein blutgefärbter Rücken
- 21a. **Evangelista:** Und die Kriegsknechte flochten eine Krone
- 21b. **Coro:** Sei gegrüßet, lieber Jüdenkönig
- 21c. **Evangelista, Pilatos:** Und gaben ihm Backenstreich
- 21d. **Coro:** Kreuzige, kreuzige
- 21e. **Evangelista, Pilatos:** Pilatus sprach zu ihnen
- 21f. **Coro:** Wir haben ein Gesetz
- 21g. **Evangelista, Pilatos, Jesus:** Da Pilatus das Wort hörete
- 22. **Coral:** Durch dein Gefängnis, Gottes Sohn

- 23a. **Evangelista:** Die Jüden aber schrienen und sprachen
- 23b. **Coro:** Lässet du diesen los
- 23c. **Evangelista, Pilatos:** Da Pilatus das Wort hörete
- 23d. **Coro:** Weg, weg mit dem
- 23e. **Evangelista, Pilatos:** Spricht Pilatus zu ihnen
- 23f. **Coro:** Wir haben keinen König
- 23g. **Evangelista:** Da überantwortete er ihn
- 24. **Ária (baixo e coro):** Eilt, ihr angefochtnen Seelen
- 25a. **Evangelista:** Allda kreuzigten sie ihn
- 25b. **Coro:** Schreibe nicht: der Jüden König
- 25c. **Evangelista, Pilatos:** Pilatus antwortet
- 26. **Coral:** In meines Herzens Grunde
- 27a. **Evangelista:** Die Kriegsknechte aber
- 27b. **Coro:** Lasset uns den nicht zerteilen
- 27c. **Evangelista, Jesus:** Auf daß erfüllet würde die Schrift
- 28. **Coral:** Er nahm alles wohl in acht
- 29. **Evangelista, Jesus:** Und von Stund an nahm sie der Jünger
- 30. **Ária (contralto, viola da gamba):** Es ist vollbracht
- 31. **Evangelista:** Und neiget das Haupt
- 32. **Ária (baixo e coro):** Mein teurer Heiland, laß dich fragen
- 33. **Evangelista:** Und siehe da, der Vorhang im Tempel zerriß
- 34. **Arioso (tenor, flautas, oboés):** Mein Herz, in dem die ganze Welt
- 35. **Ária (soprano, flauta, oboé da caccia):** Zerfließe, mein Herze
- 36. **Evangelista:** Die Jüden aber, dieweil es der Rüsttag war
- 37. **Coral:** O hilf, Christe, Gottes Sohn
- 38. **Evangelista:** Darnach bat Pilatum Joseph von Arimathia
- 39. **Coro:** Ruht wohl, ihr heiligen Gebeine
- 40. **Coral:** Ach Herr, lass dein lieb Engelein

PROGRAMA

JOHANN SEBASTIAN BACH (1685-1750)

Paixão Segundo São João - BWV 245

Primeira parte

- 1. **Coro:** Herr unser Herrscher
- 2a. **Evangelista, Jesus:** Jesus ging mit seinen Jüngern
- 2b. **Coro:** Jesum von Nazareth
- 2c. **Evangelista, Jesus:** Jesus spricht zu ihnen
- 2d. **Coro:** Jesum von Nazareth
- 2e. **Evangelista, Jesus:** Jesus antwortete
- 3. **Coral:** O große Lieb
- 4. **Evangelista, Jesus:** Auf daß das Wort erfüllet würde
- 5. **Coral:** Dein Will gescheh, Herr Gott, zugleich
- 6. **Evangelista:** Die Schar aber und der Oberhauptmann
- 7. **Ária (alto, oboés):** Von den Stricken meiner Sünden
- 8. **Evangelista:** Simon Petrus aber folgte Jesu nach
- 9. **Ária (soprano, flautas):** Ich folge dir gleichfalls
- 10. **Evangelista, Empregada, Pedro, Jesus e um Servo:** Derselbige Jünger war dem Hohenpriester bekannt
- 11. **Coral:** Wer hat dich so geschlagen

NOTA DE PROGRAMA

Johann Sebastian Bach - Paixão Segundo São João, BWV 245

A Paixão Segundo São João (BWV 245) é um oratório sacro de Johann Sebastian Bach. Composta em Leipzig, Alemanha, no inverno que precedeu a Sexta-Feira Santa de 1724, a obra é uma representação dramática do texto contido no Evangelho de João, emoldurada por dois corais na abertura e final e dramatizada de forma reflexiva em recitativos, corais, ariosos, e árias. Comparada com a Paixão Segundo São Mateus, BWV 244, a Paixão Segundo São João tem sido descrita como mais extravagante, com um andamento expressivo, às vezes desenfreado e menos "acabado". A Paixão é uma obra de ocasião muito bem elaborada artisticamente. O que o ouvinte não conseguia entender em termos estéticos, como disse Chafé, era compensado por seu conhecimento de uma rede de intenções que ligavam a experiência religiosa de cada um ao seu contexto cultural e religioso maior. A principal, dentre essas intenções, era apresentar o caráter dinâmico da experiência religiosa num programa didático sequencial de afetos e formas, com o qual o ouvinte comum pudesse se identificar, criando uma ponte entre as Escrituras e a fé, à luz, naturalmente, da tradição hermenêutica fundada por Lutero. Para conseguir esse objetivo, além do conteúdo explícito dos textos, Bach recorria a um rico repertório de elementos puramente musicais para ilustrar e enfatizar o texto, elementos que por sua vez estavam associados a uma série de convenções simbólicas e alegóricas, então de domínio público. Um procedimento típico do Barroco em geral, no caso aplicado aos propósitos do Protestantismo. Bach seguiu os capítulos 18 e 19 do Evangelho de João da Bíblia Luterana, e o Tenor Evangelista diz exatamente o texto contido nela. A compilação e poemas adicionais são de

autoria desconhecida, seguindo o modelo do Hinário Luterano e da Paixão Segundo João de Christian Heinrich Postel (c.1712). Na primeira parte, a primeira cena se dá no Vale do Cédron e a segunda no palácio do sumo sacerdote Kaiphas. A segunda parte mostra três cenas: uma com Pilatos, outra no Golgotha e outra nas ruas de Jerusalém. O argumento dramático entre Pilatos, Jesus e os sacerdotes não é interrompido pelas reflexões feitas pelo coro, que em Bach sempre representa o povo.



ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

ENTRE A ITÁLIA E ALEMANHA BARROCA

6 de abril, 20h

Capela Santa Maria Espaço Cultural

7 de abril, 18h30

Capela Santa Maria Espaço Cultural

Direção Musical e cravo Fernando Cordella (RS)

Oboé solo Erico Marques (RS)

Flauta solo Zélia Brandão (PR)



Abril

PROGRAMA

ANTONIO VIVALDI (1678-1741)

Concerto per Archi em Sol menor RV 157

Allegro

Largo

Allegro

Sanche Panse berné (Sancho Pança enganado)

Le galope de Rosinante (O galope de Rocinante)

Celui d'ane de Sanche (O asno de Sancho)

Le couché de Quixotte (O adormecer de Quixote)

TOMASO ALBINONI (1671-1751)

Concerto em Ré menor Op. 9 nº 2

Allegro non presto

Adagio

Allegro

GEORG PHILIP TELEMANN (1681-1767)

Concerto para flauta, oboé e cordas TWV 52: e1

(Concerto original para flauta doce e flauta transversa)

Largo

Allegro

Largo

Presto

GEORG PHILIP TELEMANN (1681-1767)

Suíte Dom Quixote TWV 55: G10

Ouverture

Le réveil de Quixotte (O sonho de Quixote)

Son attaque des moulins à vent (Seu ataque aos moinhos de vento)

Ses soupirs amoureux après la Princesse Dulcinée (Seus suspiros amorosos à princesa Dulcinéia)

NOTAS DE PROGRAMA

Antonio Vivaldi - Concerto per Archi em Sol menor RV 157

Esta obra de Vivaldi faz parte do grupo de concertos para cordas e baixo contínuo, sem partes solo. Às vezes são chamados de concertos ripieno, um termo que Vivaldi usou em três deles. Vivaldi compôs quase cinquenta desses concertos ao longo de sua carreira. Eles são bastante diferentes em caráter, mas têm em comum o fato de que foram escritos para um conjunto de cordas, em vez de uma voz por instrumento. Nesse gênero, Vivaldi liga essas composições a um estilo popular nas últimas décadas do século XVII, especialmente no norte da Itália.

Uma coleção de doze concertos ripieno é preservada em manuscrito na biblioteca do Conservatório de Paris. Esses podem ter sido o resultado de uma encomenda de um francês, amante de música. Eles incluem algumas características do estilo francês, especialmente ritmos pontilhados. Os Concertos em Dó Maior (RV 114) e em Sol menor (RV 157) pertencem a esse grupo. O último é um dos mais famosos dessa parte da obra de Vivaldi. Em particular, os dois movimentos rápidos são irresistíveis e devem ser tocados com grande entusiasmo.

Tomaso Albinoni - Concerto em Ré menor Op. 9 nº 2

O Concerto em Ré menor Op. 9 nº 2 é, sem dúvida, uma das mais belas páginas que já foram consagradas ao oboé. O Allegro non presto impressiona pela variedade de seus ritmos e temas, por suas modulações audaciosas e por suas pretensões no trabalho temático. Segue-se um magnífico Adágio em Si bemol, que nos faz pensar em Bach. Após sete compassos de introdução o oboé solista enuncia longamente uma admirável melodia. O Allegro final em 6/8 faz alarde de sua polifonia, desde os primeiros compassos, em cerradas imitações canônicas.

Georg Philip Telemann - Suíte Dom Quixote TWV 55: G10

Desde a publicação do grande romance de Miguel de Cervantes em 1605, Dom Quixote de La

Mancha tem sido fonte de inspiração para muitos compositores; especialmente nas artes cênicas, como o teatro lírico, a ópera ou o balé. Muitos famosos como Strauss, Halffter, Telemann, Falla ou Ravel contribuíram, através de sua arte, para posicionar ainda mais o trabalho de Cervantes. Mas é o trabalho de Georg Philipp Telemann que merece grande atenção. Devemos dizer que G. Ph. Telemann (1681-1767) era um compositor alemão, que trabalhava no norte da Alemanha, na cidade portuária de Hamburgo. Do ponto de vista musical, era cosmopolita, já que absorvia as influências que estavam presentes em toda a Europa e as colocava no contexto musical da época, para dizer que era um contemporâneo de Johann Sebastian Bach e Georg Friedrich Haendel. Telemann tem duas obras referidas a Dom Quixote: a abertura - Burlesque de Quijote e Dom Quixote no casamento de Camacho. Georg Philipp Telemann escreveu esse primeiro importante trabalho de câmara sobre o personagem de Cervantes, sua Suíte Burlesca em Sol Maior sobre Dom Quixote. No caso do burlesco, a principal influência é o francês. Telemann foi um verdadeiro mestre da onomatopéia no aspecto musical, conseguindo assim representar fielmente situações e personagens em seu trabalho. Podemos observar esse aspecto nas oito partes que compõem essa suíte: 1) Overture - Escrita ao estilo da abertura francesa, a música começa com uma seção lenta com ritmos pontuados. Depois disso, o tempo aumenta e a música se torna uma fuga. 2) Le réveil de Quichotte (O sonho de Quixote) - No sonho Dom Quixote torna-se um corajoso cavaleiro em busca de aventuras e romances. Começa com as cordas tocando notas longas e pausas notórias, tentando representar o estado de Dom Quixote naquele momento. 3) Son attaque des moulins à vent (Seu ataque aos moinhos de vento) - Com sua armadura e lança, Dom Quixote, em seu delírio de grandeza, vê os moinhos de vento como monstros e dragões que ele deve matar. A música é no tempo rápido e notas repetidas representam os ataques de Dom Quixote aos seus inimigos imaginários. 4) Ses soupirs amoureux après la Princesse Dulcinée (Seus suspiros amorosos a princesa Dulcinéia) - Qual é o valor de um cavaleiro se ele não tem

uma princesa para se apaixonar? Pensando assim, Dom Quixote imagina que uma camponesa que viu, cujo nome é Dulcinea del Toboso (Aldonza Lorenzo), é sua princesa. Ele anseia contar a ela o quanto a ama. As cordas claramente tocam como se fossem suspiros para os amantes. 5) Sanche Panse berné (Sancho Pança enganado) - O grosseiro servo de Dom Quixote está representado neste movimento quando ele é pressionado e espancado pelos aldeões por não pagar o alojamento. 6) Le galope de Rosinante (O galope de Rocinante) - Podemos ouvir o galope de Rocinante, o cavalo de Dom Quixote, em uma constante em três momentos. 7) Celui d'ane de Sanche (O asno de Sancho) - O deslocamento do burro teimoso, balançando, é retratado na música que faz uma pausa e ritmos pontuados. Rocinante é ouvido mais uma vez no final da cena. 8) Le couché de Quichotte (O adormecer de Quixote) - Telemann o deixa dormir e ele tem sonhos felizes de suas conquistas e demonstra isso na música feliz.

Georg Philip Telemann - Concerto para flauta, oboé e cordas TWV 52: e1 (Concerto original para flauta doce e flauta transversa)

Durante a maior parte de sua carreira, Telemann concorreu com compositores contemporâneos na França e na Itália, ambos os países importantes centros musicais na virada do século XVIII. Telemann foi um dos primeiros compositores alemães que assimilou a elegância da ornamentação francesa e a estrutura clara e o desenvolvimento do estilo de concerto italiano. Compôs para uma grande variedade de instrumentos, com base em sua própria formação musical como o estudo do cravo, órgão, violino, flauta doce, oboé, flauta transversa, chalumeau (instrumento antecessor do clarinete), viola da gamba entre outros instrumentos.

Em uma declaração autobiográfica famosa, escrita em 1718, Telemann escreveu:

“...grande parte de meus concertos cheiram principalmente à França”. Este concerto duplo é uma exceção a essa generalização. De 1705 a 1708, ele estava a serviço do conde Erdmann

Il de Promnitz, em uma área que atualmente corresponde à cidade de Zary, situada no oeste da Polônia, a noroeste de Wrocław (Breslau). Embora tenha composto dezenas de suítes em estilo francês durante esse período, ele também foi influenciado pela música popular polonesa que ouvia na região. Telemann sempre falou com admiração da cultura musical polonesa. Este concerto, particularmente o Presto final, respira o espírito ardente da Polónia. A Alemanha foi mais lenta que a França para adotar a flauta transversal mais nova como instrumento em substituição à flauta doce (no concerto substituída pelo oboé), que havia sido usada desde a idade média. Os dois instrumentos tinham técnica semelhante, mas seus timbres eram diferentes. Telemann esforçou-se para contrastar essa sutileza de timbre, especialmente em seus dois movimentos lentos. Ao contrário da maioria de seus contemporâneos alemães, ele não adotou a forma de concerto italiano de rápido-lento-rápido, que foi popularizada por Torelli, Albinoni e Vivaldi. Em vez disso, preferiu quatro estruturas de movimento (lento-rápido-lento-rápido). Não há nada de antiquado na sua maneira de escrever. No entanto, ele alterna entre texturas polifônicas que associamos à música barroca e ao mais novo estilo homofônico de melodia mais acompanhamento. O terceiro movimento, por exemplo, consiste em uma conversa e competição entre os dois solistas, com apoio das cordas em pizzicato. O movimento final é um grande destaque no concerto. Uma mistura entre uma polonesa (Polónia) e um rondeau (França). Este Presto captura as cores brilhantes e os ritmos nítidos da popular música folclórica polonesa de Telemann, completada com sons que imitam uma gaita de foles. Uma conclusão tão animada também demonstra que, para a música barroca, o modo menor não necessariamente contém tristeza.

ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

ENSEMBLE DE CORDAS

SEXTETO DE STRAUSS & DVORÁK

Direção Musical Winston Ramalho (PR)

21 de abril, 18h30

Capela Santa Maria Espaço Cultural



PROGRAMA

RICHARD STRAUSS (1864-1949)

Sexteto de cordas, extraído de “Capriccio”

Andante con moto

ANTONÍN DVORÁK (1841-1904)

Sexteto de cordas em Lá Maior Op. 48

1. Allegro moderato
2. Poco Allegretto
3. Presto
4. Tema con variazoni: Allegretto grazioso, quase andantino

NOTAS DE PROGRAMA

Richard Strauss - Sexteto de cordas, extraído de “Capriccio”

Richard Strauss escreveu sua ópera Capriccio - uma “conversa em música” - de julho de 1940 a início de agosto de 1941. A primeira apresentação deu-se na Ópera de Munique em 28 de outubro de 1942, em plena Segunda Guerra Mundial, sob a direção de Clemens Krauss, libretista e amigo do compositor. Foi a última estreia de uma de suas obras cênicas a que pôde assistir, num teatro que tanto gostava, antes da sua destruição pelas bombas dos Aliados. O maravilhoso Sexteto, na sua redação original para dois violinos, duas violas e dois violoncelos, serve de abertura da ópera – página de magia e do encanto mais sutil, espécie de ressurreição tardia, suntuosa, do romantismo latente de Strauss. Citando Harry Albrecht: “Página admirável e harmoniosa, de pura música de câmara pós-romântica, adotando o esquema muito livre de uma forma ternária (ou pseudo-sonata), um Andante con moto moderado, quase indolente, em Fá Maior em compasso ternário, que pode ser considerado como

uma declaração de amor puramente musical do músico Flamand*, da mesma forma que o soneto do poeta Olivier* constituirá outra puramente verbal...” Trabalho polifônico admirável, de uma transparência infinita – com uma seção central agitada por uma febre súbita, em tremolando; obra de elevada maturidade, com essas sinuosidades de linhas e esse desligado do movimento a transmitir tão fortemente a impressão de uma constante improvisação – uma espécie de estudo preliminar à obra Metamorfoses, verdadeira página conclusiva, dolorosa, de toda uma vida.

**personagens da ópera Capriccio*

Antonín Dvorák - Sexteto de cordas em Lá Maior Op. 48

Entre 14 e 27 de maio de 1878, Dvo ák escreveu um sexteto para a formação de quarteto de cordas, acrescido de uma segunda viola e um segundo violoncelo – um modelo que, para ele, já tinha feito sucesso com os Sextetos op. 18 e op. 36 de Brahms. A estreia se deu em 9 de novembro de 1879 em Berlim, com o Quarteto Joachim reforçado - pouco tempo depois da sua publicação por Schlesinger. O primeiro movimento - Allegro moderato - é efetivamente escrito na forma sonata, como primeiro tema expresso pelo primeiro violino num estilo caloroso e lírico; já o segundo tema é apresentado pelo violoncelo, apoiado pela viola, com acompanhamento do quarteto restante, que usa um fragmento do primeiro tema. Um brilhante desenvolvimento conduz a um Molto tranquilo, o qual precede uma coda dramatizada em que, após uma recapitulação resumida do primeiro tema, lhe dá um final solene, quase sinfônico. O segundo movimento, Poco Allegretto, é baseado numa dumka – espécie de canção de embalar elegíaca em ritmo ternário, começando em Ré menor. Durante o movimento, a dumka passa por mutações, tornando-se

depois muito mais serena. Porém, no final ela transforma-se numa verdadeira dança empolgante. O Presto que se segue pretende ser um verdadeiro scherzo. É baseado no furiant, uma dança altaiva, que reencontra toda a força sinfônica da Dança Eslova op. 46, escrita na mesma época. O finale, Tema con variazoni: Allegretto grazioso, quase andantino, é formado pelo enunciado de um tema melancólico e ingênuo, ao jeito de uma canção popular, seguido de seis variações. Depois da introdução do tema pela primeira viola, ocorre todo um jogo polifônico usando com doçura ou plena intensidade as possibilidades de contrastes do duplo trio de cordas, para chegar, quando da variação final, a um stretto triunfante e enérgico.

CAMERATA ANTIGA DE CURITIBA

CONCERTO PARA A MISSÃO OFICIAL ANUAL DOS EMBAIXADORES DOS ESTADOS MEMBROS DA UNIÃO EUROPEIA NO BRASIL



Violão solo Petar Čulic (Croácia)
 Harpa solo Edith Gasteiger (Áustria)
 Regência da Camerata Antiga de Curitiba Mara Campos (SP/Brasil)
 Cravo e Direção musical da Orquestra de Câmara Fernando Cordella (RS/Brasil)

3 de maio, 20h Capela Santa Maria Espaço Cultural

PROGRAMA

CAMERATA ANTIGA DE CURITIBA

FRANCISCO MANOEL DA SILVA (1795-1865)

Hino Nacional Brasileiro
 Poema de Joaquim Osório Duque Estrada

LUDWIG VAN BEETHOVEN (1770-1827)

Hino da União Europeia
 Ode An die Freude (Ode à Alegria)

Poema original, em alemão "An die Freude de Friedrich Schiller"

VIOLÃO SOLO

MIGUEL LLOBET (1878-1938)

El testament d' Amelia
 El Noi de la Mare

JOHANN KASPAR (1806-1856)

Fantaisie Hongroise Op. 65, nº 1

HARPA SOLO

JOHANN PACHELBEL (1653-1706)

Canon

GEORG FRIEDERICH HÄNDEL (1685-1759)

Concerto nº 6 em Sib Maior
 Andante Allegro (1º movimento)

ALPHONSE HASSELMANS (1845-1912)

Gita, Caprice pour la harpe

ANONYMUS

Variações sobre um tema de Wolfgang Amadeus Mozart

ORQUESTRA DE CORDAS

ANTONIO VIVALDI (1678-1741)

Concerto em RéMaior de Vivaldi, RV 93, para violão

(original para alaúde) e orquestra de cordas.

I. Allegro

II. Largo

III. Allegro

JOHANN SEBASTIAN BACH (1685-1750)

Concerto de Brandemburgo nº 3, BWV 1048

I. Allegro moderato

II. Adagio

III. Allegro

CAMERATA ANTIGA DE CURITIBA

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)

Bachiana Brasileira nº 5
 Melodia Sentimental

NOTAS DE PROGRAMA

A MISSÃO OFICIAL ANUAL DOS EMBAIXADORES DOS ESTADOS MEMBROS DA UNIÃO EUROPEIA NO BRASIL

A Camerata Antiga de Curitiba honrada pelo convite, realizará em sua sede, a Capela Santa Maria Espaço Cultural, este programa de concerto para a Missão Oficial Anual dos Embaixadores dos Estados Membros da União Europeia no Brasil. A apresentação terá a participação especial dos músicos: Petar Culic, violão solo, da Croácia e Edith Gasteiger, harpa solo, da Áustria. O programa consta de compositores europeus e do brasileiro, Heitor Villa-Lobos. Considerado um expoente da música erudita no Brasil, Villa-Lobos tem suas peças executadas no circuito dos mais prestigiados teatros brasileiros, americanos e europeus.

Pela primeira vez no Paraná, em sua capital Curitiba, a comitiva que cumpre a missão diplomática oficial de fortalecer a relação dos países europeus com o Brasil, é formada pelos embaixadores da União Européia, João Gomes Cravinho; da Eslováquia Milan Cigáň; da Bulgária, Valeri Yotov; da Irlanda, Brian Glynn; da Finlândia Markku Virri; da Suécia Per-Arne Hjelmborn;

da Dinamarca, Kim Hojlund Christensen; da Eslovênia, Alain Brian Bergant; da Croácia, Zeljko Vukosav; da Itália, Antonio Bernardini; da Bélgica, Dirk Loncke; da Alemanha, Georg Witschel; do Chipre, Haralambos Kafkarides; da Romênia, Stefan Mera; do Reino Unido, Vijay Rangarajan; de Luxemburgo, Carlo Krieger; da Áustria, Irene Giner-Reichl; da Grécia, Ioannis Pediotis; pela encarregada de negócios da Polônia, Marta Olkowska, e pela cônsul-geral da Lituânia, Laura Tupe.



CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

MOTETOS DE BACH

Regência Luís Otávio Santos (MG/SP)



11 de maio, 20h

Capela Santa Maria Espaço Cultural

12 de maio, 18h30

Capela Santa Maria Espaço Cultural

PROGRAMA

JOHANN SEBASTIAN BACH (1685-1750)

1. Komm, Jesu, komm, BWV 229

2. Der Geist hilft unsrer Schwachheit auf, BWV 226

3. Jesu, meine Freude, BWV 227

Trios e Quarteto

Sopranos Luísa Favero, Karolyne Liesenberg
 Contraltos Ariadne Oliveira, Victor Lucas Bento
 Tenores Alexandre Mousquer, Maico Sant'Anna
 Baixo Cláudio de Biaggi

4. Fürchte dich nicht, ich bin bei dir, BWV 228

5. Singet dem Herrn ein neues Lied, BWV 225

Quarteto

Soprano Naura Sant'Ana
 Contralto Ariadne Oliveira
 Tenor Maico Sant'Anna
 Baixo Norbert Steidl

NOTA DE PROGRAMA

Sobre os Motetos de Bach

O moteto é um gênero musical polifônico surgido no século XII, no qual, inicialmente, usavam-se textos distintos para cada voz. Dessa característica vem a origem do termo derivado

de mot, “palavra”, em francês. Esse importante gênero tem seu exemplo máximo nos seis motetos de Johann Sebastian Bach e ocupa um lugar ímpar no conjunto de suas obras. Escritos em alemão e com textos sacros, quatro desses motetos são para dois coros de quatro vozes: I. Singet dem Herrn ein neues Lied, II. Der Geist hilft unsrer Schwachheit auf, IV. Fürchte dich nicht, ich bin bei dir, V. Komm, Jesu, komm. Já o moteto III. Jesus meine Freude foi escrito para cinco vozes (dois sopranos, alto, tenor e baixo), e o VI. Lobet den Herrn, alle Heiden, para quatro vozes com baixo contínuo. Embora sejam obras essencialmente vocais, apresentadas algumas vezes sem nenhum acompanhamento, elas eram executadas com apoio instrumental existindo partes escritas para cordas e sopros, que dobrariam as partes vocais, e para algumas delas, parte para baixo-contínuo.

Komm, Jesus, komm, BWV 229

É talvez o que mais envolve e comove o ouvinte. Ele inicia um clamor desalentado dos dois coros que chamam por Jesus, e se confessam cansados e sem forças. As palavras Die Kraft verschwind't je mehr und mehr (A força se esvai mais e mais), é repetida quatro vezes alternando-se nos dois coros. A música descreve magistralmente esse desmaio e enfraquecimento. Nesse quadro desalentador, subitamente, como um sopro de esperança e serena alegria, tudo se anima – Vem, vem, eu me entrego a Ti – à ideia dessa entrega. Segue-

se então, num clima de total envolvimento crescente e emocionante até o final, com o canto - Vós sois o caminho - numa demonstração de simplicidade e genial simetria musical. O moteto termina com uma ária a quatro vozes.

Der Geist hilft unsrer Schwachheit auf, BWV 226

Sua escrita dá uma demonstração clara de que Bach encarava a morte como uma feliz libertação. Sendo um moteto de caráter fúnebre, o clima é de uma leve, alegre e serena dança. Neste moteto o diálogo não é tão claro e as vozes dos dois coros se entremeiam em intrincada trama. Talvez por esse motivo, Bach tivesse imaginado um coro sublinhado pelas cordas e outro por sopros. O ritmo ternário da dança é interrompido, terminando o movimento com um fugato a oito vozes. O segundo movimento começa com uma fuga enérgica a quatro vozes desenvolvendo dois temas e termina com uma suave ária a quatro vozes.

Jesu meine Freude, BWV 227

É o mais famoso e longo de todos. Mostra um imenso painel dramático no qual Bach se revela, já apontado por Albert Schweitzer, como o grande músico-poeta, sublinhando cada frase do texto com uma pintura tonal, unificando as ideias literárias e musicais. Uma análise minuciosa dessa partitura à luz da força dramática do texto seria por demais extensa, mas não é difícil detectar aqui e ali as intenções musicais a serviço das palavras. Mesmo a quatro vozes da melodia coral, que aparece abrindo o moteto e se repetindo mais quatro vezes no decorrer da obra, encontramos o dedo do poeta: harmonias ora suaves, ora contundentes e atritantes em que se fala respectivamente de repouso de tempestades e do farejar de Satanás. No 4º movimento o texto que fala da lei do Espírito que vivifica, livrando-nos do pecado e da morte, é desenvolvido por uma música etérea, sem vozes masculinas, apenas sopranos e altos pairando numa região superior. Um terrível contraste: o nº 5 nos fala do Velho Dragão e sua goela mortal, o vociferar

do mundo, a Terra e os abismos que rosnam. Na fuga magistral que se segue, e que é o centro geométrico da obra, o tema musical sobre as palavras Vós não sois da carne, mas do Espírito, descreve o texto de forma literal; a própria notação gráfica da música nos mostra isso: as seis primeiras notas, Vós não sois da carne, parecem passos no chão e as seguintes, mas do Espírito, retratam algo que flutua e sobe. A mesma adversativa encontramos no Trio nº 8: o corpo está morto pelo pecado, mas o Espírito vive pela justiça... a música começa dolente e logo alça voo. O nº 9 é um quarteto em que o soprano I, II e tenor cantam uma despedida não dolorosa, mas serena e algo mordaz, das vaidades, do mundo vão e do pecado, enquanto o contralto entoia, frase por frase, a melodia coral. O movimento nº 10 volta ao tema do primeiro coro e tudo termina com a melodia coral, que inicia o moteto, revelando uma simetria arquitetônica que regeu toda a obra.

Fürchte dich nicht, ich bin bei dir, BWV 228

É de uma força notável. Escrito em um só bloco, os dois coros na primeira parte, dialogam sobre as palavras de apoio e esperança - Não temas, estou contigo. Após esse diálogo os dois coros se unem num só para um impressionante ostinato polifônico nas vozes do alto, tenor e baixo, enquanto o soprano entoia uma melodia coral, cujas palavras são de crescente e animadora entrega e fusão da alma ao Criador.

Singet dem Herrn ein neues Lied, BWV 225

É uma peça festiva baseada no Salmo 149, Cantai ao Senhor um cântico novo. Escrita para dois coros, ela inicia um diálogo entre eles com a palavra de ordem Singet! Cantai! Após este diálogo inicia-se uma fantástica fuga a oito vozes. No movimento seguinte há um diálogo no qual o coro II canta um coral interrompido a cada verso pelo coro I, que faz um comentário. O último movimento continua o diálogo festivo e termina com os dois coros juntos numa esplêndida fuga a quatro vozes sobre as palavras: Tudo o que tem alento louva o Senhor, Aleluia!

ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

VIVALDI, IL PRETE ROSSO

Direção Musical, Violino solo Domenico Nordio (Itália)

Direção Musical e Cravo Fernando Cordella (RS)

Concerto Especial MIA CARA CURITIBA

18 de maio, 20h Capela Santa Maria Espaço Cultural

19 de maio, 18h30 Capela Santa Maria Espaço Cultural

Concerto Especial MIA CARA FLORIPA

20 de maio, 19h Teatro Ademar Rosa



NOTAS DE PROGRAMA

Antonio Vivaldi – Sinfonia (da ópera L'Olimpiade RV 725)

L'Olimpiade, da qual se ouvirá a abertura (Sinfonia), é uma ópera composta por Vivaldi a partir do libreto de Metastásio (1698-1782). A obra estreou no teatro Sant'Angelo de Veneza em 17 de fevereiro de 1734, durante o carnaval. O texto de Metastásio havia sido composto originalmente para uma ópera de Caldara (1660-1736) e teve sua primeira apresentação em agosto de 1733.

A obra de Vivaldi foi encenada em um momento crítico da carreira do compositor. O estilo napolitano estava entrando em moda na cidade naquele momento e, ao musicar um libreto consagrado, Vivaldi procurava manter seu renome como compositor lírico.

A partitura se compõe de vinte e duas árias, oito das quais são reutilizações de obras anteriores. Os recitativos destinados ao personagem Meglances se destacam por sua força dramática.

O libreto se tornou um dos mais populares da história da ópera até hoje, tendo sido musicado por autores que vão desde Pergolesi (1735) até Donizetti (1817, obra incompleta). A trama fala de encontros e desencontros amorosos. Ao final da ópera, são anunciados dois casamentos.

Antonio Vivaldi - Concerto in Mi bemol Maior RV253 “La tempesta di mare”

O Concerto foi publicado em 1725, dando a impressão musical de uma tempestade no mar. O tema da tempestade foi recorrente na música barroca. Por exemplo, óperas como Alcione, de Marin Marais, continham cenas de tempestades famosas. Telemann escreveu uma cantata secular, La Tempesta, TWV 20:42, após um libreto italiano de Metastasio. Vivaldi escreveu diversos concertos da “Tempesta di mare”. Algumas variantes do

RV 433, RV 98 e RV 570 estão no concerto de câmara e no formato concerto grosso, respectivamente. O RV 98 foi composto para fauta, oboé, violino, fagote e contínuo; no RV 570 foram adicionados mais violinos orquestrais para reforçar o oboé e o violino em solo e uma parte de viola dobrando o baixo na oitava superior. O concerto La tempesta di mare em Mi bemol Maior, RV 253, está incluído como o número Op 8 de Vivaldi na Coletânea Il Cimento dell'armonia e dell'invenzione. O Concerto La Tempesta di Mare se traduz no Presto inicial por “enormes ondas que se acumulam de modo cada vez mais ameaçador”, no Largo, por uma calma, e no Presto final, por silêncios inesperados e mudanças brutais no andamento.

Antonio Vivaldi -Concerto per Archi em Sol menor RV 157

Esta obra de Vivaldi faz parte do grupo de concertos para cordas e baixo contínuo, sem partes solo. Às vezes são chamados de concertos ripieno, um termo que Vivaldi usou em três deles. Vivaldi compôs quase cinquenta desses concertos ao longo de sua carreira. Eles são bastante diferentes em caráter, mas têm em comum o fato de que foram escritos para um conjunto de cordas, em vez de uma voz por instrumento. Nesse gênero, Vivaldi liga essas composições a um estilo popular nas últimas décadas do século XVII, especialmente no norte da Itália.

Uma coleção de doze concertos ripieno é preservada em manuscrito na biblioteca do Conservatório de Paris. Esses podem ter sido o resultado de uma encomenda de um francês, amante de música. Eles incluem algumas características do estilo francês, especialmente ritmos pontilhados. Os Concertos em Dó Maior (RV 114) e em Sol menor (RV 157) pertencem a esse grupo. O último é um dos mais famosos dessa parte da obra de Vivaldi. Em particular, os dois movimentos rápidos são irresistíveis e devem ser tocados com grande entusiasmo.

PROGRAMA

ANTONIO VIVALDI (1678-1741)

Sinfonia

(da ópera L'Olimpiade RV 725)

ANTONIO VIVALDI (1678-1741)

Concerto em Mi bemol Maior RV 253

“La tempesta di mare”

Presto

Largo (em Dó menor)

Presto

ANTONIO VIVALDI (1678-1741)

Concerto per Archi em Sol menor RV 157

Allegro Largo

Allegro

ANTONIO VIVALDI (1678-1741)

As Quatro Estações

Concerto no. 1 em Mi Maior, Op. 8, RV 269

La primavera (Primavera)

Allegro

Largo et pianissimo sempre

Allegro Pastorale

Concerto no. 2 em Sol menor, Op. 8, RV 351

L'estate (Verão)

Allegro non molto

Adagio e piano - Presto e Forte

Presto

Concerto no. 3 em Fá Maior, Op. 8, RV 293

L'autunno (Outono)

Allegro

Adagio molto

Allegro

Concerto no. 4 em Fá menor, Op. 8, RV 297

L'inverno (Inverno)

Allegro non molto

Largo

Allegro

Antonio Vivaldi - As Quatro Estações

Os quatro concertos que formam As Quatro Estações são respectivamente em Mi maior (Primavera), em Sol menor (Verão), em Fá maior (Outono) e em Fá menor (Inverno), e todos adotam a estrutura tripartida vivo-lento-vivo, mais nítida, aliás, na Primavera e no Outono do que no Verão e Inverno. Em seu prefácio, Vivaldi observou que, bem antes de seu aparecimento, o conde Morzin havia escutado As Quatro Estações com agrado. Rapidamente, a Primavera conheceu uma grande celebridade. Em 1728, o Concert Spirituel já a havia programado três vezes. Em 1730, em Marly, Luis XV pediu para ouvi-la. Em 1765, depois da morte de Vivaldi, e quando o compositor havia caído no esquecimento, Corrette dela realizou um moteto para grande coro intitulado "Laudate Dominum" e, em 1775, Jean- Jacques Rousseau dela realizou uma transcrição para aut solo.

Vivaldi soube conciliar os elementos descritivos da obra com suas exigências de músico puro, de inventor do concerto clássico. Na edição, cada estação é precedida de um soneto explicativo em língua italiana, com remissão às partes correspondentes da música. Por vezes, dois textos se sobrepõem. No movimento lento da Primavera, por exemplo, a parte do violino evoca em certo momento "o pastor adormecido", e a da viola, "o cão que ladra". Nos movimentos vivos, os detalhes pitorescos correspondem a uma sucessão de episódios distintos, separados pelo retorno periódico de um tema principal entregue à massa orquestral, expressando o matiz que domina o trecho (despreocupada alegria da primavera, languidez acabrunhante do verão, danças para festejar a safra no outono, tremores de frio do inverno), enquanto nos movimentos lentos os detalhes refetem a simultaneidade de diversos acontecimentos sonoros. Significativas também são as tonalidades escolhidas: luminosidade de Mi maior, doçura e melancolia de Sol menor,

rusticidade de Fá maior e desolação de Fá menor. Para atingir seus objetivos, Vivaldi utiliza nas Quatro Estações os instrumentos de cordas com invenção e engenho ilimitados. Enérgicos uníssonos traduzem os raios e o trovão do primeiro movimento da Primavera, a tempestade e a geada do último movimento do Verão. A notar os efeitos de leveza obtidos pelos instrumentos no registro agudo (pássaros da Primavera), ou pela supressão dos baixos (Largo da Primavera), os efeitos de espera ou de aeração produzidos pela redução do acompanhamento a uma só nota pedal, ou a um simples contracanto do contrabaixo (canto do cuco no início do Verão), ou o caminhar sobre o gelo do último movimento de Inverno; os efeitos de meias-tintas devido ao emprego de surdinas (sono depois da bebida do Adagio molto do Outono); os efeitos de cordas arranhadas (vigília do lado do fogo do Largo do Inverno), - a música propondo mais concretamente uma plácida melodia de violino (horas tranquilas ao lado do fogo e um acompanhamento realista em pizzicatos - a chuva que cai lá fora). A notar também as pesquisas harmônicas: no Adagio molto do Outono (doçura do sono depois de copiosas libações), o contínuo apenas destaca as notas dos acordes mantidos pela orquestra; não há "melodia", e a caçada que segue (final Allegro) desconcerta por seus cromatismos. Quanto à "cena do frio" do início do Inverno, trata-se certamente de um verdadeiro trecho antológico. Ouvindo- se As Quatro Estações, a verdade da pintura se impõe, mas é a beleza dos sons que emociona.

CORO DA CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Festival Penalva

MISSAS I - PERSEVERANÇA

Regência Mara Campos (SP)

Narrador Ademir Maurício (RJ/PR)

Flauta doce Ângela Sasse (PR)

Perussão Vina Lacerda (PR)

8 de junho, 20h

Capela Santa Maria Espaço Cultural

9 de junho, 18h30

Capela Santa Maria Espaço Cultural



Junho

PROGRAMA

PERSEVERANÇA

*O mundo não é, o mundo está sendo...
amar é um ato de coragem. (Paulo Freire)*

PE. JOSÉ PENALVA (1924-2002)

Duas Despedidas

1º Boa noite (1967)

PE. JOSÉ PENALVA (1924-2002)

Missa nº 3 (1969)

1. Senhor (Kyrie)
2. Glória
3. Santo
4. Cordeiro de Deus

OSVALDO LACERDA (1927-2011)

Textos de Carlos Drummond (1902-1987)

Romaria

OSVALDO LACERDA (1927-2011)

Missa Ferial (1966)

1. Kyrie
2. Sanctus
3. Agnus Dei

LINDEMBERGUE CARDOSO (1939-1989)

Missa Nordestina

1. Kyrie
2. Glória
3. Credo
4. Sanctus-Benedictus
5. Agnus Dei

ANTÔNIO RIBEIRO (1971)

Oração de São Francisco (2016) 1ª Audição
(peça dedicada ao Coro da Camerata Antiqua)

PE. JOSÉ PENALVA (1924-2002)

Duas Despedidas

2º Boa noite (1968)

NOTAS DE PROGRAMA

FESTIVAL PENALVA

Como forma de prestar homenagem ao compositor e regente José Penalva, sua obra e sua memória, foram criados o “Festival Penalva” e a “Mostra de Música Paranaense”. A Mostra é um adendo que o evento recebeu após o sucesso da primeira edição do Festival, quando assumiu uma perspectiva ampla, não só de celebrar a obra de Penalva, como também de prestigiar compositores paranaenses e residentes no Paraná. José Penalva é um dos mais importantes compositores brasileiros da segunda metade do século XX. Além de compositor, Penalva foi regente, sacerdote, professor, musicólogo e escritor. Teve influência na atuação de compositores como Osvaldo Lacerda, Lindembergue Cardoso, Jamari de Oliveira.

José Penalva - Duas Despedidas

Faz parte da Série Madrigais Brasileiros. Sua melodia possui características do folclore do Rio Grande do Norte com texto secular. Sua linguagem tonal é acentuada pela presença de modulações, cromatismos e dissonâncias. As progressões seguem por harmonias cromáticas ou por graus conjuntos com constâncias rítmicas e melódicas da música brasileira. Neste programa de concerto, Duas Despedidas tem como peças constituintes o 1º Boa noite e 2º Boa noite, que servirão de moldura para o quadro de compositores do programa. Nele está inserida sua Missa nº 5 para coro masculino com uma proposta na qual a plateia não será apenas ouvinte. Ela é convidada a participar da obra. É uma exigência do compositor para estabelecer contrastes sonoros e um vínculo mais efetivo entre artistas e admiradores. Sua linguagem é modal/tonal livre, com linhas melódicas modais (modos: medievais,

nordestinos ou próprios), combinados em polifonia imitativa ou não imitativa. Uso de constâncias rítmicas e melódicas da música brasileira, em especial da nordestina. Uso da voz cantada e da voz falada. Voz falada em recitativo mensurado livre (povo). Voz cantada e flauta doce com alturas e ritmo dados. No Responsorial, a flauta doce alterna com povo e solista ou coro masculino. A peça tem também momentos de simultaneidade dos três planos sonoros com a flauta doce, povo e coro.

Osvaldo Lacerda - Romaria

Composta em 1967, para coro misto a capella, Osvaldo Lacerda se utiliza de uma bela poesia de Carlos Drummond de Andrade, valorizando-a na alternância de um narrador e dos sons que circundam um ato de fé de pessoas humildes realizados pelo coro. Em Romaria, o compositor estabelece um vínculo da técnica composicional com a arte poética. É uma extração musical que Lacerda faz do poema para construção do seu discurso poético-musical. O poema de Romaria atribui à imagem de Jesus crucificado, barrocamente, a possibilidade de estar sonhando com outra humanidade, em razão da fragilidade moral do homem moderno.

Osvaldo Lacerda - Missa Ferial

A Missa Ferial foi composta em 1966, período em que o compositor Osvaldo Lacerda atuou como membro da Comissão Nacional de Música Sacra. Escrita para coro misto a capella para ser cantada nos dias comuns do calendário litúrgico da Igreja Católica Romana. A obra foi uma sugestão do Padre José Penalva, como exemplo de composição desse gênero musical dentro do processo de aculturação estabelecido pelas leis que regiam a criação artística sacra. A Missa Ferial é a primeira das quatro missas de Osvaldo Lacerda, que apresentam elementos da cultura brasileira agregados à música sacra

católica de acordo com as determinações do Concílio Vaticano II. É uma obra de solidez técnica com linguagem erudita, heranças folclóricas e populares da música brasileira. Sua riqueza está na possibilidade de exploração de diferentes texturas de timbres, o que permite aos seus executantes criarem vários ambientes sonoros.

Lindembergue Cardoso - Missa Nordestina

O Concílio Vaticano II estabeleceu diretrizes que modificaram as práticas musicais ligadas à Igreja Católica, tanto do ponto de vista composicional quanto interpretativo. A aceitação dos cânticos em vernáculo, a inclusão da tradição musical nativa/regional e a flexibilização na utilização de instrumentos foram algumas das novidades. O Encontro Nacional de Música Sacra, realizado no Brasil em 1965, também tratou do tema, influenciando alguns compositores que passaram a empregar as constantes melódicas, harmônicas e rítmicas da música brasileira. Obras com tais características afloram a partir da segunda

metade do século XX. Nesse contexto se inserem a Missa Nordestina (Lindembergue Cardoso, 1971-1974) e a Missa Ferial (Osvaldo Lacerda, 1966), dentre outras. Nos resultados parciais de um estudo sobre esse assunto, percebe-se que as obras, com ou sem função litúrgica, estão em sintonia com as tendências do cenário musical da segunda metade do século XX, associando, em certa medida, a expressão criativa e artística às diretrizes do Concílio Vaticano II.

Vladimir Silva - Doutor em Regência Coral pela Louisiana State University (EUA)

Antônio Ribeiro - Oração de São Francisco

A Oração de São Francisco foi escrita por Antônio Ribeiro e dedicada ao Coro da Camerata Antiqua de Curitiba em 2016, por ocasião da II Semana de Canto Coral Henrique de Curitiba, realizada em junho do mesmo ano. Ela é para coro a capella com texto sobre um poema religioso, a Oração de São Francisco, numa versão em português. Nesta data, em junho de 2018, será realizada a 1ª Audição da peça.



ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA ENSEMBLE DE CORDAS

MUSIQUE FRANÇAISE - QUARTETO DE DEBUSSY & FAURÉ

Piano solo Win van Moerbeke (Bélgica/Brasil-PR)

16 de junho, 18h30

Capela Santa Maria Espaço Cultural



NOTAS DE PROGRAMA

Claude Debussy - Quarteto de cordas em Sol menor, Op. 10

O Quarteto de Cordas em Sol menor Op. 10, datado de 1893, encontra-se no ponto daquilo que viria ser o seu estilo tão particular. Dentro de uma textura muito homogênea, Debussy demonstra conhecer a fundo as possibilidades dos instrumentos de cordas, usando um leque de efeitos e técnicas expressivas alargado, particularmente patente no segundo andamento – *Assez vif et bien rythmé* - mas, também, no terceiro - *Andantino, doucement expressif*, no qual se encontra uma utilização bem equilibrada dos vários registros, oferecendo ao ouvinte patamares sonoros quase tangíveis. Estreada em 1893, esta obra recebeu um acolhimento frio, fruto da estranheza sentida perante as novidades da harmonia e da sonoridade em geral que amalgama num quadro formal estereotipado uma grande quantidade de elementos díspares, na época algo desconcertante.

Bárbara Villa-Lobos, 2012

Gabriel Fauré - Quarteto com Piano nº 1, em Dó menor, Op.15.

Fauré compôs este primeiro quarteto com piano em grande parte em 1876, na casa de seu amigo Clerc, em Saint-Adresse. Descontente com o final, o compositor o reescreve e a obra seria concluída três anos mais tarde. A estreia dela logo impressionou pela beleza dos temas (entre os mais memoráveis de Fauré) e pela ágil firmeza do estilo. O primeiro movimento está em forma de sonata. O comentarista Carl Dahlhaus refere-se ao “cantabile quase opulento e ao refinamento extremo da textura” dos movimentos de abertura de ambos os quartetos de piano de Fauré. O tema de abertura, uma melodia vigorosa que mostra a influência de Brahms, contrasta com um delicado segundo tema, no qual os tempos

fracos são levemente sincopados, ao contrário do primeiro tema fluente. O movimento termina com uma declaração final do tema de abertura. O segundo movimento, um Scherzo brincalhão, é uma das raras peças virtuais de Fauré. Ele geralmente esquiu-se de uma brilhante exibição instrumental, mas o estudioso Jean-Michel Nectoux comenta que aqui, como na Primeira Sonata para Violino, composta logo antes do quarteto, o compositor sentiu a necessidade de um scherzo brilhante para preservar o equilíbrio de toda a obra. O movimento segue a estrutura tradicional scherzo-trio-scherzo e consiste em dois temas principais contrastantes. Após este momento de humor, o movimento lento Adagio tem um forte ar de tristeza. Koscho escreve: “É impressionante pelo seu ar desolado e lacrimoso, que Fauré prolonga através de uma combinação de progressões harmônicas frustradas e fragmentos melódicos ascendentes”. Está em forma temática convencional, com a melodia secundária principal dando lugar a um tema central, antes de retornar para acabar o movimento. O crítico Stephen Johnson escreve que o movimento dá ao ouvinte “mais do que uma indicação” da tristeza de Fauré nos eventos de 1877, embora “a emoção seja sempre nobremente restrita, sem a menor sugestão de autoindulgência”. O animado final Allegro molto baseia-se em dois temas. O primeiro, em uma tonalidade menor, tem o piano mantendo uma base em tercinas, enquanto as cordas parecem perseguir-se em ritmos de cavalgada; e o segundo, totalmente diverso, lírico, serenamente apresentado pela viola, no tom de Mi bemol Maior. Finalmente, os dois temas são reunidos em uma mesma tonalidade de Dó Maior para concluir a peça.

PROGRAMA

CLAUDE DEBUSSY (1862-1918)

Quarteto de Cordas em Sol menor, Op. 10

1. Animé et très décidé
2. Assez vif et bien rythmé
3. Andantino, doucement expressif
4. Très modéré - Très mouvementé et avec passion

GABRIEL FAURÉ (1845-1924)

Quarteto com Piano nº 1, em Dó menor, Op.15

1. Allegro molto moderato
2. Scherzo: Allegro vivo
3. Adagio
4. Allegro molto

CORO DA CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

III SEMANA DE CANTO CORAL HENRIQUE DE CURITIBA

Compositor Homenageado EDMUNDO VILLANI-CÔRTEZ (1930)

40 Coros convidados nas modalidades infantil, juvenil e adulto

Direção Artística Mara Campos (SP)

19, 20, 21, 22 de junho, 20h Capela Santa Maria Espaço Cultural

23 e 24 de junho, 14h e 18h30 Capela Santa Maria Espaço Cultural

Oficinas

Dulce Primo (PR) **Prática de Coro Infantojuvenil**

Lúcia Passos (RS) **Técnica Vocal**

Mara Campos (SP) **Prática de Repertório**

Melina Sanchez (SP) **Corpo e Expressividade em Canto Coral**

Lançamento do CD *Acordes Poéticos*

Collegium Cantorum - Direção Artística, Regência Helma Haller (PR)

20 de junho, 19h Capela Santa Maria Espaço Cultural

Palestra

Edmundo Villani-Côrtes - Compositor | **Tema: Conversando sobre Música Coral**

23 de junho, 16h30 Capela Santa Maria Espaço Cultural

NOTA DE PROGRAMA

A Semana de Canto Coral Henrique de Curitiba - SCCHC, evento promovido pela Prefeitura de Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba e o Instituto Curitiba de Arte e Cultura, é realizada pelo Coro da Camerata Antiqua de Curitiba, sob a direção artística de Mara Campos. A SCCHC já faz parte da agenda cultural da cidade no mês de junho. Seu objetivo é fomentar a prática de canto coral nas suas modalidades infantil, juvenil e adulto, através da realização

de concertos diários, oficinas e palestra, referentes aos seus principais eixos, como a preparação técnica vocal, regência e didática, corpo e expressividade, a fim de compartilhar novas técnicas e experiências para o fortalecimento das modalidades. Na edição 2018, o homenageado será o compositor Edmundo Villani-Côrtes, que reconhecido pelos seus pares e pela crítica, é ganhador de inúmeros prêmios pela sua brilhante trajetória na carreira musical onde transita com muita propriedade entre o erudito e popular para a escrita do repertório coral e instrumental.



ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

ABERTURA DO II FESTSPIELE BRAZIL

Direção Artística Winston Ramalho (PR)

Piano solo Cristian Budu (Brasil/Bélgica)



29 de junho, 20h Capela Santa Maria Espaço Cultural
30 de junho, 18h30 Capela Santa Maria Espaço Cultural

PROGRAMA

WOLFGANG AMADEUS MOZART (1756-1791)

Divertimento para cordas nº 1 em Ré Maior, K.136

1. Allegro
2. Andante
3. Presto

Concerto para piano e orquestra nº 9, KV 271

1. Allegro
2. Andantino
3. Rondó: Presto

Sinfonia nº 29 em Lá Maior, IK 201

1. Allegro moderato
2. Andante
3. Minuetto: Allegretto-Trio
4. Allegro con espírito

NOTAS DE PROGRAMA

Divertimento para cordas nº 1 em Ré Maior, K. 136

O termo divertimento, que Mozart atribuiu aos seus primeiros quartetos, remete-nos para a palavra italiana divertire e é atribuído a um gênero musical para formações de câmara de pequenas dimensões propício para utilizar em ocasiões sociais. Esses proliferaram no que é hoje o território da Alemanha e da Áustria e, entre os muitos nomes de compositores associados ao gênero, ganhou destaque Joseph Haydn, o qual se tem de considerar a par da importante influência de Boccherini. Os três Divertimenti para quarteto de cordas K.136 a 138 de Mozart, escritos nos primeiros meses de 1772, pertencem a esse período de afirmação do gênero do Quarteto de Cordas, sendo considerados obras de transição. Originalmente escritos para a formação de quarteto, são muito mais populares na sua versão para orquestra de cordas, fato que leva os teóricos a afirmar que terão sido planeados como Sinfonias para apresentar numa viagem de Mozart a Milão, no final desse mesmo ano. O Divertimento K.136 está dividido em três andamentos contrastantes, obedecendo à fórmula mais comum da alternância de tempo Rápido Lento Rápido, e é uma obra de forte pendor melódico. Os andamentos rápidos são ricos nas fórmulas que definem o estilo clássico, com todas as variantes de escalas, arpejos e

acordes quebrados possíveis de imaginar e que desafiam a imaginação do ouvinte. Já o andamento lento, num compasso ternário extremamente elegante e cerimonial, com uma melodia mais ornamentada, é característico do estilo Galante.

Rui Pereira, 2013

Concerto para piano e orquestra nº 9 em Mi bemol Maior, KV 271

Uma das maiores contribuições de Mozart para a história da música reside no tratamento, expansão e desenvolvimento do gênero Concerto para piano e orquestra. Se é certo que esse gênero começou com Johann Sebastian Bach e seus filhos, é com Mozart que atinge uma dimensão estética e espiritual que lhe garantiria um lugar central no panorama dos gêneros musicais europeus dos dois séculos seguintes. O Concerto para piano e orquestra nº 9 em Mi bemol Maior, KV 271, pertence ao grupo dos Concertos de Salzburgo, tendo sido composto nessa cidade em janeiro de 1777. A sua denominação Jeunehomme deve-se a uma concertista francesa, Mademoiselle Jenomy, da qual pouco se sabe, a não ser que residiu em Salzburgo durante o Inverno de 1776. Para Mozart, já então asfixiado pelo provincianismo da pequena cidade alpina, o encontro com uma cosmopolita concertista representou um estímulo extraordinário, inspirando-o a compor uma das suas obras mais memoráveis. Neste concerto Mozart é totalmente ele próprio, não procurando agradar ao público, mas antes sim, conquistá-lo pela força da sua originalidade e da sua audácia. O primeiro andamento Allegro começa logo com uma originalidade: o instrumento solista participa ativamente na primeira frase, respondendo à fanfarra do tutti orquestral com uma declinação perfeita para a tônica. Solista e orquestra definem-se assim como duas forças de igual estatura, que irão engendrar um diálogo sereno e construtivo durante todo o resto do concerto. O Andantino que se segue, em Dó menor, é o primeiro grande exemplo de andamento lento

“espiritual”, deslocando o centro de gravidade da música para um profundo universo interior, definindo um espaço de concentração religiosa; a cadência final do solista é original de Mozart e não conduz a uma entrada da orquestra, sendo sim concluída pelo piano, um magnífico golpe dramático, de impacto surpreendente e direto. Depois da tragédia, eis a comédia: o Final, Rondó: Presto, um andamento de constante virtuosismo, alegre e fantasioso. No meio Mozart introduz um inesperado Minuetto, em Lá bemol Maior, criando um contraste de tempo, tonalidade e dinâmica. O concerto conclui-se com um pequeno motivo em colcheias, originário do tema principal, que se desvanecerá num longo pianíssimo dos últimos compassos, antes dos dois últimos acordes finais, tocados em uníssono pelo piano e pela orquestra.

Paulo de Assis, 2009

Sinfonia nº 29 em Lá Maior, IK 201

A sinfonia nº 29 em Lá Maior, foi escrita por Mozart e completada em 6 de abril de 1774. É, juntamente com a Sinfonia nº 25, uma das mais conhecidas de suas primeiras sinfonias. Stanley Sadie descreve isso como “um monumento em tom pessoal, talvez mais individual na busca da intimidade, no estilo da música de câmara, mas com um caráter veemente e impulsivo”. A sinfonia consiste em quatro movimentos dispostos de acordo com o esquema clássico: Allegro moderato, 2/2; - Andante, 2/4; - Menuetto: Allegretto-Trio, 3/4 e Allegro con spirito, 6/8. O primeiro movimento está em forma de sonata, com um tema principal elegante caracterizado por um salto de oitava e passagens ambiciosas. O segundo movimento é composto por cordas desligadas, e também está em forma de sonata. O terceiro movimento, um minuetto, por ritmos acelerados pontuados e frases de staccato; o trio fornece um contraste mais gracioso. O último movimento enérgico, também em forma de sonata, mas desta vez em 6/8, se conecta com o primeiro movimento devido aos seus saltos de oitava no tema principal.

ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

HAYDN EM CONCERTO



Direção Musical e Violino solo Maurício Aguiar (Brasil/EUA)

17 de agosto, 20h Capela Santa Maria Espaço Cultural

18 de agosto, 18h30 Capela Santa Maria Espaço Cultural

PROGRAMA

JOSEPH HAYDN (1732-1809)

Concerto em Dó Maior para violino e orquestra

1. Allegro moderato
2. Adagio
3. Presto

JOSEPH HAYDN (1732-1809)

Sinfonia nº 60, O Distraído

1. Adagio - Allegro di molto
2. Andante
3. Menuetto-Trio
4. Presto
5. Adagio (di Lamentatione)
6. Finale: Prestissimo

NOTAS DE PROGRAMA

Joseph Haydn - Concerto em Dó Maior para violino e orquestra

Dos quatro concertos para violino atribuídos a Joseph Haydn, o em Dó Maior é o mais célebre. Ele encontra-se na página 19 do catálogo de obras elaborado pelo próprio Haydn a partir de 1765 – quatro compassos do primeiro solo seguidos da indicação “Concerto per il Violino fatto per il Luigi” (concerto para violino feito para Luigi Tomasini, spalla da orquestra de Eszterhazy). A obra data de 1761 ou dos anos imediatamente posteriores. Ele foi publicado somente em 1909. Escrito para uma orquestra de cordas, este concerto se mantém impregnado ao mesmo tempo de barroco austríaco e de espírito italiano, dos quais testemunham também tanto sua feitura sonora e temática de conjunto quanto a frequência de seus ritmos pontuados no primeiro movimento e sua forma de repartir o solo do tutti. O Allegro moderato inicial adota um ritmo de marcha. A estrutura é simples, em três partes, correspondendo àquelas da forma sonata (exposição-desenvolvimento-reexposição), e introduzidas todas as três pelo tema principal. O Adagio em Fá Maior é um dos mais belos do jovem Haydn. O violino solista,

sustentado pelas harmonias expressivas da orquestra, apresenta primeiro, suavemente, uma escala ascendente completa. Em seguida, o solista continua sozinho numa admirável melodia com acompanhamento orquestral em pizzicatos. Após a cadência, o movimento termina pela escala ascendente do início. O finale Presto, de forma semelhante àquela do primeiro movimento, de caráter iluminado, reencontra o compasso em 3/8 de vários trechos conclusivos de sinfonias da juventude de Haydn e de partituras italianas da época.

Joseph Haydn - Sinfonia nº 60, O Distraído

Composta como música de cena para a versão germânica da comédia francesa *Le Distrait*, de Jean-François Regnard, estreada na corte dos Esterházy no Verão de 1774, esta Sinfonia nº 60 ganha por isso o nome de *O Distraído*. E é por ter sido a única obra de cena de Haydn, que ele quebra algumas das regras da sinfonia clássica, que ele próprio cristalizara. Por exemplo, em vez de três ou quatro andamentos, tem seis: a abertura, quatro entreatos e o final. E será também essa a razão pela qual a música dessa sinfonia é tão expressiva: conseguimos perceber mal-entendidos, absurdos, enganoso e piadas através daquilo que ouvimos. Porém, seja nas fanfarras militares ou nas melodias populares francesas, seja nos temas gregorianos ou nas interrupções e nas modulações repentinas, o caráter melódico e sagaz de Haydn está sempre presente. Na época em que foi estreada, a Sinfonia tornou-se bastante popular, mas Haydn, possivelmente assolado pelo distanciamento temporal que leva quem cria a reapreciar o que faz, referiu-se décadas mais tarde à sinfonia como “aquela velha panqueca” - o que não significa que tivesse perdido o orgulho por ela; poderá ter sido apenas o seu sentido de humor manifestando-se. Após uma breve introdução, explode uma fanfarra majestosa (em forma sonata), que em seguida se perde numa seção assinalada como perdendo-se (morrendo) e que é associada

ao caráter desatento de um dos personagens principais da peça, o distraído Monsieur Léandre. No segundo andamento, o diálogo que Haydn compôs entre as delicadas cordas e as intrusivas madeiras remete-nos para o flerte entre a jovem Isabelle e o galante soldado (Chevalier). Este andamento caracteriza-se por um lirismo quase schubertiano, que inclui referências a uma dança popular francesa. Segue-se um minuete clássico, que é interrompido pela referência ao surgimento do distraído (Léandre), quando uma nova linha melódica vagueia, subindo e descendo, como que procurando algo, até regressar ao minuete cortês. O fato de o quarto andamento soar a uma perseguição parece ser uma alusão à tentativa de conquista da sogra pela parte de Chevalier, interrompida por um final rápido que será o momento em que Clarice encontra Isabelle escondida no quarto de Léandre. Um Adagio di Lamentatione é interrompido por uma breve fanfarra (é a primeira vez que Haydn introduz tímpanos e trompetes num andamento lento - só o repetirá na 88ª Sinfonia) que murcha lentamente até ser retomado o Adagio, terminando num acelerando constante. Já o último andamento traz consigo a maior piada musical de todas, que de novo acompanha o que acontece em cena: o distraído Léandre, já depois dos dramas resolvidos, esquece-se do seu próprio casamento. Haydn faz com que a música pare por completo e as cordas afinem os seus instrumentos, como se também na orquestra tivesse havido uma distração.

Helena Lopes Braga, 2017.

CORO DA CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

MISSAS II - COMPAIXÃO

Regência Mara Campos (SP)

Tenor solo Alexandre Mousquer, Maico Sant'Anna



24 de agosto, 20h

Capela Santa Maria Espaço Cultural

25 de agosto, 18h30

Capela Santa Maria Espaço Cultural

PROGRAMA

COMPAIXÃO

A bondade humana é uma chama que pode ser oculta, jamais extinta. (Nelson Mandela)

GILES SWAYNE (1946)

Missa Tiburtina (1985)

(para coro a capella)

1. Kyrie eleison
2. Gloria
3. Sanctus
4. Benedictus
5. Agnus Dei
6. Dona nobis pacem

ARIEL RAMÍREZ (1921)

Misa Criolla (1963)

(para solistas tenor e barítono, coro e instrumentos)

1. Kyrie (vidala - baguala)
2. Gloria (carnavalito - yaravi)
3. Credo (chacarera trunca)
4. Santo (carnaval cochabambino)
5. Agnus Dei (estilo pampeano)

NOTAS DE PROGRAMA

Giles Swayne - Missa Tiburtina

Em 1985, ano da concepção da Missa Tiburtina, a fome no mundo era endêmica e a comunidade política pouco reagia às situações urgentes vividas em países como a Etiópia ou Moçambique. Os movimentos de artistas pela sensibilização de massas, como o USA for Africa, com a música We are the World, que contou com a participação de músicos como Lionel Richie e Michael Jackson, foram as manifestações pop da revolta sentida contra a apatia face às necessidades das população dos países em desenvolvimento. A Missa Tiburtina, de Gilles Swayne é, na área da música erudita, a grande representante da indignação que os músicos chamados eruditos também sentiam nessa época conturbada da história mundial. Encomendada pela International Kodály Society, a Missa Tiburtina teve a sua primeira exibição no Queen Elizabeth Hall, em Londres, e desde então foram realizados concertos dessa obra por todo o mundo. Ela está escrita numa linguagem moderna, agregando técnicas eruditas, nomeadamente minimalistas, com recorrência frequente à fragmentação, assim como elementos de origem étnica. O discurso é muito rico e variado, ora ilustrando um sentido principal e direto da palavra, ora um sentido subliminar, e, por vezes, até contrário. A vertente dramática dessa obra é quase teatral, obtida pela dinâmica de espaço introduzida no concerto, seja pela inclusão de textos declamados, seja pela justaposição de caracteres ou personagens, interagentes no discurso musical, que conferem à Missa Tiburtina um componente fortemente descritivo e discursivo, não só no âmbito estritamente musical, mas também no âmbito cênico. O texto é composto pela Missa e por uma mensagem do autor: o texto da Missa, a forma principal, durante séculos, para a expressão do clamor pela justiça divina contra a insaciedade e cegueira humanas, apresenta um forte meio de expressão, perfeitamente atual, ao qual Giles Swayne interpõe textos da sua autoria para uma

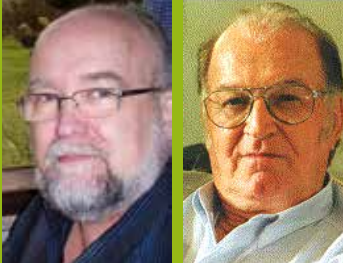
objetivação do percurso da Missa. Giles Swayne foi contemplado pela Academia Real de Música em 1968 com o prêmio de composição. Hoje é aclamado como um dos grandes compositores do Reino Unido.

Ariel Ramírez - Misa Criolla

Escrita e composta pelo compositor argentino Ariel Ramírez em 1963, a Misa Criolla tornou-se uma das obras corais contemporâneas mais conhecidas da América do Sul em todo o mundo. Um produto do longo estudo do compositor sobre a música folclórica argentina, a peça sintetiza estilos populares e litúrgicos, aproveitando os ritmos e melodias da Argentina e outras culturas sul-americanas. O Kyrie de abertura (Senhor, tenha piedade de nós) usa os ritmos lentos do estilo vidala-bagualla folk (característica do norte da Argentina) e um acompanhamento de reposição para retratar a solidão dos altos planaltos. No Gloria (Glória a Deus nas alturas e paz na terra para os homens de boa vontade), os ritmos alegres do estilo carnavalito são temporariamente interrompidos pelos pleitos queixosos dos solistas por misericórdia. O seguinte, Credo, baseia-se nos ritmos cruzados obsessivos (dois contra três) do estilo chacarera trunca, enfatizando a convicção desta profissão de fé. Ritmos cruzados similares do cochabambino carnaval boliviano estão subjacentes ao Sanctus (Santo, Santo, Santo). O Agnus Dei (Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo, conceda-nos a paz) usa o estilo pampeano (estilo dos pampas) para evocar a solidão e a distância daquela região sul de planícies.

ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

HOMENAGEM AOS 60 ANOS DE HARRY CROWL E 90 ANOS DE EDINO KRIGER



Regência Márcio Steuernagel (RS/PR)

Cravo solo Fernando Cordella (RS)

Flauta solo Gabriel Schwartz (PR)

31 de agosto, 20h Capela Santa Maria Espaço Cultural
1º de setembro, 18h30 Capela Santa Maria Espaço Cultural

PROGRAMA

HARRY CROWL (1958)

Sinfonia nº 2 “Paisagens Verdes”, para cravo e orquestra de cordas (Versão 2018)

- I. Araucárias
- II. Mata Atlântica
- III. Cerrados
- IV. Amazônias

EDINO KRIEGER (1928)

Divertimento para cordas (1959)

(1º Prêmio no 1º Concurso Nacional de Composição do Ministério da Educação, 1959)

- I. Allegretto
- II. Seresta
- III. Variações e Presto

SANTIAGO BEIS (1990)

la sed y el agua

GABRIEL SCHWARTZ (1976)

Concertino Brasileiro, para flauta e orquestra de cordas

- I. Valsa Querida
- II. Movido

NOTAS DE PROGRAMA

Harry Crowl - Sinfonia nº 2 “Paisagens Verdes”, para cravo e orquestra de cordas (Versão 2018)

Originalmente escrita para a Orquestra de Câmara do Estado do Amazonas, em 2003, a Sinfonia Paisagens Verdes foi estreada com transmissão ao vivo via internet naquele ano, a partir do Teatro Amazonas, em Manaus. Passados 15 anos da única execução da obra, percebi que a composição tinha um grande potencial que ainda carecia ser explorado. Raras são as obras modernas para cravo e orquestra, mesmo orquestra de cordas. No Brasil, a única composição do gênero, da qual temos conhecimento, seria o Concertino Barroco, do Pe. José Penalva (1924-2002), escrito em Curitiba e dedicado à Orquestra de

Câmara da Cidade de Curitiba. O conceito de sinfonia para mim passa pela ideia etimológica e não pela forma. São inúmeras as sinfonias escritas para orquestra sinfônica, até os dias de hoje, que demonstram uma intenção dos compositores em conservar o gênero mais do que uma renovação. No século XX, Webern, Berio e Lutoslawski avançaram no sentido de expandir a sinfonia para um conceito mais amplo que transpusesse a forma. As sinfonias de Harry Crowl, quatro até o momento, revelam um universo absolutamente contrastante. A Sinfonia nº 1, Concerto Harmônico, foi concebida para banda sinfônica; a Sinfonia nº 3, para oito violoncelos e a Sinfonia nº 4, para orquestra de 24 flautas. A Sinfonia nº 2, Paisagens Verdes, para cravo e orquestra de cordas está dividida em quatro movimentos com títulos que são poeticamente relativos a biomas brasileiros, - I. Araucárias, II. Mata Atlântica, III. Cerrados, IV. Amazônias. No primeiro movimento, Araucárias, o desenho do contorno da árvore símbolo do Paraná foi tomado como ponto de partida. Os imensos contrastes entre os diversos campos no sul do Brasil que outrora eram cobertos pela árvore e agora são vastas plantações, fazem com que a araucária seja uma espécie quase em extinção. Os elementos abordados como planos sonoros fazem alusão a grandes vazios e texturas com densidades variáveis. No segundo, Mata Atlântica, a diversidade da fauna e da flora do bioma é representada pelo diálogo e sobreposição do cravo e as cordas. Há momentos nos quais um grito desesperador é abafado pelo crescimento das cidades. Este bioma que hoje está confinado a uma estreita faixa costeira já foi uma gigantesca e exuberante mata. O movimento termina com a diluição da música que representa os ralos campos em que se transformou a floresta. Cerrados, terceiro movimento da obra, traz o mistério e a dureza deste que é um dos biomas mais resistentes. Aparentemente pobre na superfície, as raízes buscam incessantemente por água e criam uma trama complexa nas profundezas do solo. Com um plano habitado, à flor da terra, por

esparços arbustos tortos, baixos e ressequidos, os cerrados são aqui representados por sons agudos intermitentes e uma intensa atividade nos baixos. No quarto movimento, mesmo a densidade verde aparentemente intransponível da selva amazônica, não resiste à ação destruidora do homem. Diante de uma luta dura sem tréguas a selva cede gradualmente espaço à ganância. O confronto entre o solista e a orquestra neste movimento final é uma representação da luta pela sobrevivência da selva diante dos constantes avanços do homem para ocupá-la, mesmo percebendo que está diante de um adversário poderoso que reabsorve suas estradas e seus pastos sem tréguas. Há uma constante tensão que muda de cor sonora incessantemente. O cravo solista que, de certa maneira, representa a selva, tem um momento de afirmação através de uma complexa cadência solo. A versão 2018 da Sinfonia nº 2, Espaços Verdes, para cravo e orquestra de cordas, é dedicada à Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba e ao cravista Fernando Cordella.

Harry Crowl

Edino Krieger (1928) - Divertimento para cordas (1959)

O Divertimento para Cordas recebeu o 1º Prêmio no 1º Concurso Nacional de Composição do Ministério da Educação, em 1959. A obra integra o segundo período de criação do compositor, caracterizado pela utilização de formas tradicionais numa linguagem tonal-modal, de uma temática neoclássica com frequentes incursões por motivos de caráter brasileiro. O primeiro movimento, Allegretto, começa com um tema cantábile, a partir de um arpejo descendente de sétima, que se desdobra em imitações e dá lugar a um segundo tema, de caráter rítmico, em notas rebatidas e terminação ascendente. As duas ideias fornecem a matéria-prima de todo movimento. O segundo movimento é uma seresta (homenagem a Villa-Lobos), iniciada com uma



CORO DA CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

MISSAS III - BOA VONTADE

Homenagem aos 100 Anos de Nascimento de Bernstein

Regência Mara Campos (SP)

Arranjo e Adaptação Alexandre Brasolim (PR)

Participação Especial

MusicaR (Coro Infantojuvenil) . Coordenadora Ângela Sasse (PR)

Vocal Brasileiro . Diretor Artístico Vicente Ribeiro (RJ/PR)

Orquestra À Base de Soprano . Diretor Artístico Sérgio Albach (PR)

14 de setembro, 20h Auditório Salvador de Ferrante (Guairinha)

15 de setembro, 18h30 Auditório Salvador de Ferrante (Guairinha)

PROGRAMA

BOA VONTADE

Não é necessário que você veja toda a escada... apenas dê o primeiro passo. (Martin Luther King)

LEONARD BERNSTEIN (1918-1990)

MASS (excertos)

I. DEVOTIONS BEFORE MASS

- Hymn and Praise: A simple song
- Responsory: Alleluia

II. FIRST INTROIT (Rondo)

- Three-Triple Canon: Dominus Vobiscum

III. SECOND INTROIT

- Em nomine Patris
- Prayer for the Congregation (Chorale: Almighty Father)
- Kyrie
- Epiphany

VI. GLORIA

- Gloria Tibi
- Gloria in Excelsis
- Trope: Half of the People

IX. GOSPEL-SERMON: God said

X. CREDO

- Credo em unum Deum
- Trope: I Believe in God

XIII. THE LORD'S PRAYER

- Our Father

XIV. SANCTUS

XV. AGNUS DEI

Dona nobis pacem
Epiphany

XVII. PAX: COMMUNION ("Secret Songs")

cadência expressiva do violoncelo solista, cuja frase inicial é retomada por todo o conjunto, mantendo sempre o caráter expressivo, quase dramático, que Villa-Lobos imprime, por vezes, as suas serestas. O movimento final, Variações e Presto, desenvolve-se a partir de um tema hindemithiano, sobre o qual se sucedem cinco variações de caráter diversificado, assumindo feições de dança brasileira, de jazz, de seresta e de valsa suburbana. O Presto final interrompe a sequência, introduzindo um tema reminiscente do frevo, com suas volatas e acentuações rítmicas características.

Santiago Beis - la sed y el agua

A obra se propõe como expressão principal de uma imagem harmônica de muito pouco movimento em contraste a uma exacerbada articulação da superfície sonora de maior atividade percebida. Como elemento constituinte de amálgama formal na peça propõe-se a poética da contradição intencional entre fatores e sensações. A sede, a água, formar a sensação global de pertença, de necessidade de estabelecer uma sensação de repouso e contemplação em contraposição à superfície sonora e gestual que sempre está em movimento, distraindo o ouvinte do que realmente será a sensação global resultante. A sensação harmônica global da peça é de caráter frontal e mais decisiva na estética proposta que a assertividade de cada ataque e sincronicidade estabelecida como fator formal indispensável pela tradição ocidental, o qual enquanto textura se refere, ocupa um espaço de pouca preponderância no resultado final específico. O olhar que la sed y el agua propõe é de uma estética mais geral, dando valor ao trabalho em grupo e a uma percepção da coletividade por sobre a expressão de uma individualidade, seja ela do compositor ou de um solista na orquestra, ou ainda o retrato de um arquétipo harmônico da nossa tradição cultural.

Gabriel Schwartz - Concertino Brasileiro, para flauta e orquestra de cordas

A obra é escrita em dois movimentos e reverencia a flauta como instrumento solista acompanhada de orquestra de cordas. Trazendo a sonoridade brasileira, influenciada pelo "choro" e suas variações em roupagem harmônica moderna, esta peça também aborda diferentes texturas no acompanhamento orquestral. O primeiro movimento, inspirado em valsas brasileiras, apresenta um tema principal logo após a introdução; tema esse que reaparece para finalizar. Esse movimento valoriza o lirismo presente no som da flauta na sua linha melódica e através de uma cadência solo, bem como abre espaço para tutti da orquestra e um intermezzo misterioso. O segundo e último movimento trata-se de um andamento movido quaternário, porém conduzido em tercinas na maior parte do tempo, conferindo-lhe um ar de compasso composto. A flauta nesse segundo movimento passeia em frases líricas e ornamentadas no registro agudo. No desenvolvimento do tema é apresentado um intermezzo em forma de cânone dividido entre a orquestra e o solista. A forma segue a ideia de apresentar um tema principal no início e fazê-lo reaparecer mais tarde, seguido de uma pequena coda ao final da obra.

Gabriel Schwartz

NOTA DE PROGRAMA

Leonard Bernstein - Mass (Missa)

“A Mass (Missa) tem todas as qualidades de um trabalho dramático, de catástrofe e clímax, todos esses termos de Aristóteles”, escreveu o compositor. “O ritual é conduzido por um jovem simples, misterioso, chamado Celebrante (Sacerdote) que, ao longo do drama, é investido por seus acólitos (ajudantes) com roupões e símbolos cada vez mais ornamentados, que significam tanto o aumento do formalismo superficial de sua obrigação quanto o fardo que ele tem: um aumento paralelo na resistência de sua congregação, na nitidez e amargor de suas reações e na deterioração de sua própria fé. No clímax da comunhão, toda cerimônia quebra e a missa é quebrada. Então, resta para cada indivíduo no palco encontrar uma nova semente de fé dentro de si mesmo, através de uma meditação

dolorosa, permitindo que cada indivíduo transmita o abraço da paz (Pax) ao seu vizinho em última instância, com o público e, esperançosamente, ao mundo exterior”.

Apesar da sofisticação da organização musical da Mass (Missa), do conjunto estilístico vertiginoso e das enormes forças envolvidas, a música simples prevalece. Como Nina Bernstein escreveu: “No final, o Celebrante, à beira de renunciar à sua fé, descobre que a solidão de sua dúvida é incomparável com a alegria de se reunir com outros crentes em louvor”. Ou, como escreveu seu pai: “Quanto a qualquer outra nota de natureza analítica, espero que não seja necessária, uma vez que a intenção da Missa é se comunicar de forma direta e universal como eu pude reafirmar a fé”.

John Henken - Diretor de Publicações da Associação Filarmônica de Los Angeles



ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

BELLE DANSE DU ROI

Música & Dança da Corte de Luís XIII & Luís XIV

Direção Musical e cravo Fernando Cordella (RS)

Coreógrafa Raquel Aranha (SP)

Dança Clara Couto (SP), Osny Fonseca (SP), Raquel Aranha (SP)

21 de setembro, 20h Capela Santa Maria Espaço Cultural
22 de setembro, 18h30 Capela Santa Maria Espaço Cultural



Setembro

PROGRAMA

MÚSICA DA CORTE DE LUÍS XIII (1601-1643)

Manuscritos de Philidor (1615 a 1634)

1. Pavane du Mariage de Luis XIII
2. Les Suisses
3. Les Suissesses
4. Les Ninphes de la Grenouillere
5. Les Ameriquains
6. Les Ombres (clima lento mistério)
7. Courante de la Reine d'Angleteree (1634)
8. Sarabandes & Tambourin

DIVERTISSEMENT

Suíte de Danças originais dos Mestres de Dança de Luís XIV (1638-1715)

1. Loure Aimable Vanqueur (Pécour, 1701)
Da Tragédie Hésione, 1700
(André Campra)

2. Gigue à deux (Feuillet, 1700)
Da Tragédie Roland, 1685 (J.B. Lully)
3. Sarabande à deux (Pécour, 1704)
Da Tragédie Tancrede, 1702
(André Campra)
4. Le Menuet d'Alcide (Pécour, 1709)
Da Tragédie Alcide, 1693
(Louis Lully e Marin Marais)

JEAN- BAPTISTE LULLY (1632-1687)

Suíte “Le Bourgeois Gentil-homme”, 1670

1. Ouverture
2. Gavotte
3. Marche pour la Cérimonies Turcs
4. Sarabande femme
5. Sarabande homme
6. Chaconedes Scaramouche

NOTAS DE PROGRAMA

Música da Corte de Luís XIII - Manuscritos de Philidor (1615 a 1634)

A música da corte francesa de Luis XIII foi composta para acompanhar diferentes eventos reais. O rei, ainda criança, mostrou seu interesse pela música aprendendo a tocar violino e alaúde. Com a idade, ele também se mostrou interessado em dançar e cantar. Nos tempos do monarca podia-se apreciar a riqueza e a variedade da instrumentação utilizada. No entanto, grande parte dessa música que soou pela corte real foi perdida. Philidor l'Aine, bibliotecário de Luís XIV, foi o responsável pela compilação de grande parte da música de dança em manuscritos que são mantidos na Biblioteca Nacional da França. A maioria das peças vem do manuscrito intitulado Coleção de alguns atos antigos compostos para coroações, casamentos e outras solenidades sob os reinados de Francisco I, Enrique III, Enrique IV e Luis XIII, juntamente com diversos concertos de celebração. O manuscrito de Philidor não menciona os autores da música, mas é fácil pensar que teria sido escrito pelos mestres de balé ativos naquela época como Dugap, Cordier, Beauchamp, dentre outros.

Divertissement - Suíte de Danças originais dos Mestres de Dança de Luís XIV

Quando em 1581 a rainha consorte Catarina de Médicis chamou à corte francesa uma trupe de artistas italianos para representar o ballet comique de la reine, levou também ao público francês o gosto pelo gênero que menos de um século antes havia nascido na Itália por ocasião do casamento do duque de Milão, em 1489. Surgido a partir da sequência dos espetáculos oferecidos pelos nobres aos visitantes, era uma confluência de poesia, música, mímica e dança. O entusiasmo pelo balé foi tão

grande que anos mais tarde o próprio rei Luís XIV dançava e representava os papéis de heróis e de deuses, o que lhe valeu a alcunha de Rei Sol, e o levou a criar, em 1661, a Académie Royale de Danse. Estava assim se desenvolvendo um gênero próprio de drama musical dançado, chamado ballet de cour, mais próprio aos modos franceses do que a ópera italiana. Essa manifestação artística atendia perfeitamente às diferentes necessidades do cotidiano palaciano, e a partir deste suntuoso e colorido balé e da tragédia clássica francesa, desenvolveu-se a tragédie-lyrique, a comédie-ballet e a opéra-ballet, com grande proporção de elementos decorativos - espetáculo cênico e balé, com música descritiva, danças, coros e canções.

Divertissement por Raquel Aranha

As danças do divertissement propostas no concerto trazem releituras a partir de partituras coreográficas originais, impressas em coletâneas do século XVIII, de mestres de dança de Luis XIV: Louis-Guillaume Pécour (1653-1729) e Raoul-Auger Feuillet (1659-1710). Através do conhecimento da notação dos passos e movimentos, relacionados graficamente com a música, é possível recriar as danças do século XVIII, que também compõem inúmeras suítes instrumentais do barroco.

Jean-Baptiste Lully - Suíte Le Bourgeois Gentilhomme, 1670

Aos treze anos, Jean-Baptiste Lully (ou Giovanni Battista Lulli, nascido italiano) foi levado a Paris pelo chevalier Roger de Lorraine, filho do Duque de Guise, para atender ao desejo de sua sobrinha, mademoiselle de Montpensier, que procurava “un joli petit italien” para que pudesse treinar o idioma. O jovem, entretanto, era um verdadeiro entertainer, possuindo bons dotes como dançarino,

compositor e violinista. Além de seu espírito cortesão, era um prodígio oportunista e soube encantar e adular o rei que se tornou absoluto na música da corte. Dele ouviremos a satírica Marche pour la cérémonie des turcs, da comédie-ballet Le Bourgeois Gentilhomme (O Burguês Fidalgo, ou, com mais propriedade, O Cavalheiro Burguês, denunciando sua picardia, pois um gentilhomme (cavalheiro) é, por definição, nascido nobre, e como tal não é possível que um cavalheiro seja simultaneamente burguês). Com texto de Molière, a peça ridiculariza tanto a emergente e vulgar classe média quanto a esnobe aristocracia. O cômico se faz presente pela gravidade da marcha que simboliza a cerimônia do casamento entre um jovem da classe média se passando por um “príncipe turco” e a filha cujo ganancioso pai fora ludibriado com a promessa de um título de nobreza.



ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

ENSEMBLE DE CORDAS

Abertura do Festival de Violoncelos
QUINTETO DE SCHUBERT ©

Direção Musical Winston Ramalho (PR)

15 de outubro, 20h Capela Santa Maria Espaço Cultural



ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

Encerramento do Festival de Violoncelos
BACH & VILLA-LOBOS

Regência, Flauta solo Norton Morozowicz (PR)

Violino solo Winston Ramalho (PR)

Cravo solo Helena Jank (SP)

20 de outubro, 18h30 Capela Santa Maria Espaço Cultural



PROGRAMA

FRANZ SCHUBERT (1797-1828)

Quinteto em Dó Maior, Op. 163
- “O Último Quinteto”

1. Allegro ma non Troppo
2. Adagio
3. Scherzo
4. Allegretto

NOTA DE PROGRAMA

Franz Schubert - Quinteto em Dó Maior, Op. 163 - “O Último Quinteto”

Este Quinteto em Dó Maior Op. 163 de Schubert figura como uma das últimas peças escritas pelo compositor e foi descoberto após sua morte. É provável que sua primeira execução pública tenha ocorrido somente em 1850. É um trabalho denso com temáticas que vão da reflexão profunda a uma beleza indescritível. O fato de Schubert ter dobrado o violoncelo, a voz mais grave do quarteto, confere à obra uma sonoridade densa e vibrante, além de dar ao primeiro violoncelo a possibilidade de

desempenhar linhas solistas, sem que o conjunto perca a base sonora. O primeiro andamento é inaugurado com uma longa suspensão do acorde de Dó Maior; o esquema segue a forma sonata, com a apresentação de dois temas contrastantes, que são desenvolvidos e reapresentados. Uma coda concentra os dois temas e é justamente o segundo deles que encerra de maneira tranquila este movimento. No Adagio nos encontramos no coração de um silêncio melódico, entre o céu e a terra, num andamento assombroso pela sua simplicidade. Fogoso, nem alegre nem triste, nas suas dissonâncias abundantes e na exuberância das suas sonoridades, o Scherzo assume um caráter orquestral que contrasta com a parte central desse movimento, mais denso e dramático – quase um movimento autônomo. No final da obra, o Allegretto combina a forma rondó com a forma sonata em três diferentes temas. Trata-se de um finale “à cigana”, em que o compositor parece celebrar uma alegre reunião entre amigos. O Quinteto em Dó Maior Op. 163 recebeu ainda uma orquestração, o que confere a ele certa singularidade.

PROGRAMA

JOHANN SEBASTIAN BACH (1685-1750)

Concerto Triplo para violino, flauta e cravo, BWV 1044

1. Allegro (baseado no BWV 894/1)
2. Adagio ma non tanto e dolce (baseado no BWV 527/2)
3. Tempo di Alla breve (baseado em BWV 894/2)

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)

Bachiana Brasileira nº 5

1. Ária (Cantilena)
2. Dança (Martelo)

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)

Bachiana Brasileira nº 1

1. Introdução (Embolada) Animato
2. Prelúdio (Modinha) Andante
3. Fuga (Conversa) Un poco animato

NOTAS DE PROGRAMA

Johann Sebastian Bach - Concerto Triplo para violino, flauta e cravo, BWV 1044

Este concerto, elaborado por volta de 1730, tem a mesma formação instrumental do Concerto de Brandemburgo nº 5. Num tempo em que a composição musical era praticamente um objeto “descartável”, não é de se admirar que Bach reutilizasse, em um novo trabalho, temas e até movimentos inteiros de outras obras. Assim, o primeiro e o terceiro movimentos deste Concerto Triplo provêm do Prelúdio e Fuga para cravo BWV 894 e o andamento do meio corresponde ao Adágio da Sonata para órgão BWV 527. Nos dois movimentos extremos Bach compôs os episódios para solistas a partir do díptico original para cravo solo, acrescentando ritornelos de orquestra baseados no mesmo material temático. Essa conduta, no entanto, nada teve de sistemática, pois não impediu Bach de misturar em seu Concerto Triplo ritornelos de orquestra e episódios para solistas, de forma particularmente curta e original. No Adágio a orquestra silencia.

Os três solistas aqui repartem entre si a matéria musical extraída da Sonata para órgão.

Heitor Villa-Lobos - Bachiana Brasileira nº 5

Villa-Lobos escreveu esta composição para soprano e orquestra de violoncelos em duas etapas: em 1938 escreveu a primeira seção, *Ária* (Cantilena), e somente em 1945 escreveu a *Dança* (Martelo). Isso explica a razão do primeiro registro fonográfico da composição, com a célebre cantora brasileira Bidu Sayão (1902-1999), realizado em 1938 e regido pelo próprio compositor, conter apenas a primeira seção, pois a segunda só seria escrita sete anos depois. Somente depois de ter composto a última *Bachiana*, a de número nove, é que Villa-Lobos escreverá a segunda seção da obra, a *Dança*. Se a ideia da *Ária* era imitar um Choral figurado de Bach, a *Dança* nos remete ao nordeste do Brasil, especialmente na maneira de imitar os cordelistas. Ao colocar o termo “Martelo” nesta segunda seção, ele se refere não a um tipo de dança nordestina, mas sim a um estilo poético inventado pelo escritor Jaime Pedro Martelo (1665-1727), que criou um tipo de poema frequentemente usado pelos autores de literatura de cordel. Se a *Ária*, em sua parte central, contém um texto pouco relevante de Ruth Valadares Corrêa (cantora responsável pela estreia mundial desta seção), na segunda parte temos uma poesia de um grande nome da literatura brasileira: Manuel Bandeira (1886-1968).

Heitor Villa-Lobos - Bachiana Brasileira nº 1

A *Bachiana Brasileira nº 1* para oito violoncelos começou a ser composta em

1930 e foi dedicada ao violoncelista Pablo Casals. Sua primeira audição completa aconteceu em 13 de novembro de 1938, sob a regência do próprio autor. Ela é a primeira de uma série de nove composições, escritas entre 1930 e 1945 em formações diversas, nas quais Villa-Lobos fundiu material folclórico brasileiro (em especial a música caipira) às formas pré-clássicas no estilo de Bach (de quem Villa-Lobos era admirador), intencionando construir uma “versão brasileira” dos Concertos de Brandemburgo do mestre alemão. Esta espécie de homenagem a Bach também foi feita por outros compositores contemporâneos, como Stravinski. A propósito, todos os movimentos das *Bachianas Brasileiras* receberam dois títulos, um “bachiano” e outro brasileiro. A *Bachiana Brasileira nº 1* tem três seções distintas: uma *Introdução* (Embolada) - com o ritmo muito rápido de uma melodia popular; um *Prelúdio* (Modinha) - cujo tema principal, em forma de *ária* de Bach, tem como pretexto uma melodia ampla em lamentoso, concluída por um violoncelo solo em pianíssimo; e uma última seção, que é constituída por uma *Fuga* (Conversa) - composta, segundo o autor, “à maneira de um seresteiro” e permitindo-lhe sugerir (ou descrever) a conversa de quatro músicos de choro, cujos respectivos instrumentos, em crescendo, disputam a primazia.

CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA FOUNDLING HOSPITAL ANTHEM

Regência Diego Schuck Biasibetti (RS)

Soprano Luciana Melamed (PR)

Mezzosoprano Daniele Oliveira (MS/PR)

Tenor Sidney Gomes (GO/PR)

26 de outubro, 20h

Capela Santa Maria Espaço Cultural

27 de outubro, 18h30

Capela Santa Maria Espaço Cultural

PROGRAMA

JOHANN CHRISTOPH PEZEL (1639-1694)

Opus Musicum Sonatarum
Praestantissimarum

The Alphabet Sonatas

Ciacona - Sonata em Sib Maior

GEORG FRIEDRICH HÄNDEL (1685-1759)

Concerto Grosso Op. 6 nº 7

1. Largo
2. Allegro
3. Largo - Piano
4. Andante
5. Hornpipe

GEORG FRIEDRICH HÄNDEL (1685-1759)

Foundling Hospital Anthem, HWV 268

(para dois sopranos, contralto e tenor solistas, coro e orquestra)

1. *Ária* - Blessed are they that consider the poor
2. *Coro* - Blessed are they that consider the poor
3. *Ária* - O God who from the suckling's mouth
4. *Dueto, Coro* - The Charitable shall be in everlasting remembrance
5. *Coro* - Comfort them, O Lord, when they are sick
6. *Dueto* - The people will tell of their wisdom
7. *Coro* - Hallelujah



NOTAS DE PROGRAMA

Johann Christoph Pezel - Opus Musicum Sonatarum Praestantissimarum

“The Alphabet Sonatas” - Ciacona, Sonata em Sib Maior

A Opus Musicum Sonatarum Praestantissimarum, de The Alphabet Sonatas de Johann Christoph Pezel, foi publicada em Frankfurt em 1686. O trabalho consiste em 24 sonatas que seguem a cronologia das letras do alfabeto, como Sonata Abella em Sol Maior e Sonata Bacca em Ré menor. Além disso, há uma Sonata Ciacona em Sib Maior que apresenta um ostinato de graves de oito acordes em suas seções de ripieno, que é duplicada e estendida novamente por mais quatro acordes. É um movimento único, maciço. A Sonata Ciacona expõe uma nota muito ocasional, e tonalmente descentrada, enquanto os tempos são variados e bem sustentados. Há um legato atraente em movimentos mais lentos e um equilíbrio em acentuar a batida e as cadências. Curiosamente, Pezel deu as suas sonatas nomes femininos tirados da história e da mitologia greco-romanas. Como muitos acadêmicos desde o final da Idade Média, ele gostava de mostrar o conhecimento obtido dos gregos e dos romanos. Então, a Sonata Dejanira se refere à mulher tragicamente desconfiada que foi casada com Heracles, enquanto a Sonata Quinquatria destaca o festival romano realizado em homenagem à deusa Minerva. Porém, nada disso tem influência sobre a própria música.

Georg Friedrich Händel - Concerto Grosso Op. 6 nº 7

O Concerto Grosso Op. 6 nº 7 é o único para orquestra completa; não tem episódios solo e todos os movimentos são breves. O primeiro movimento é um Largo, de dez

barras de comprimento, que, como uma abertura, leva à fuga do Allegro em uma única nota, que apenas um compositor da estatura de Händel teria ousado tentar. O tema da fuga consiste na mesma nota para três barras, que com pequenas variantes são usadas como material temático para todo o movimento, um trabalho que depende principalmente de ritmo. O Largo expressivo central em Sol menor é harmonicamente complexo, com um tema cromático e uma escrita de quatro partes bem fechada. Os dois movimentos finais são um Andante constante com ritornellos recorrentes e o último movimento é o Hornpipe, movimento animado, repleto de síncopas inesperadas.

Foundling Hospital Anthem, HWV 268 de Georg Friedrich Händel

O Foundling Hospital foi criado em 1739 pelo filantropo Thomas Coram após receber uma carta real de George II para estabelecer uma nova instituição de caridade e assim cuidar dos bebês abandonados e em situação de risco, por mães desesperadas, geralmente jovens e solteiras, que não tinham como cuidar de seus bebês por questões financeiras ou para evitarem o preconceito e a repressão familiar. Historicamente, o Foundling Hospital foi a primeira instituição de caridade infantil do Reino Unido. Foi também a primeira galeria de arte pública graças à filantropia criativa dos artistas William Hogarth, George Frideric Händel e seus contemporâneos. Essa criatividade definiu o modelo pelo qual as artes podem apoiar efetivamente a filantropia. A filantropia criativa de Hogarth, Händel e seus contemporâneos foi notável, mas o apoio de Händel não foi sem interesse profissional próprio. Os dois artistas eram pioneiros em seus respectivos campos de atuação e precisavam de plataformas para promover seu trabalho. O Foundling Hospital proporcionou o lugar perfeito para

a sociedade desfrutar de arte e música contemporânea. Os artistas de todas as disciplinas foram inspirados para oferecer dignidade à vida das crianças desde 1740.

Anos mais tarde, Händel reconheceu o potencial da Capela do Foundling Hospital como um local de atuação que estava livre das associações problemáticas do teatro. Foi então que, em maio de 1749, ele se ofereceu para realizar um concerto beneficente. O programa incluiu a primeira apresentação do Anthem (Hino) Foundling Hospital especialmente escrito por ele e que abre com um texto adaptado do Salmo 41 - “Bem-aventurado é aquele que atende ao pobre”, em um apelo claro ao público para apoiar o trabalho do hospital. A música foi emprestada em parte de seu hino funeral para a rainha Caroline, seu oratório Susanna e música de Lotti e Kuhnau, que terminou com o coro Hallelujah, levado diretamente do oratório Messias, um trabalho que poucos de sua audiência conheceriam. Também foi incluída a música para o Royal Fireworks, que foi estreada no mês anterior, quando seu ensaio no Vauxhall Gardens causou

um engarrafamento de carruagens de três horas, tal como sua popularidade e o desejo das pessoas de ouvir a música.

O concerto beneficente foi um enorme sucesso musical e financeiro. Logo depois Händel doou um órgão para a Capela. No ano seguinte, ele voltou à Capela para realizar um segundo concerto beneficente. Desta vez ele escolheu o Messias. O evento foi um estrondoso sucesso e Händel foi convidado a repetir o Messias duas semanas depois. Posteriormente, o Messias foi realizado todos os anos na Capela do Foundling Hospital em benefício da caridade, uma tradição que continuou até a década de 1770. Händel realizou ou atendeu todas as apresentações até sua morte, em 1759, conseguindo arrecadações financeiras altíssimas para a instituição. Como um ato final de generosidade, deixou em seu testamento uma cópia justa do escore do Messias aos governadores do Foundling Hospital permitindo que a instituição continuasse lucrando com a sua música. A pontuação e as peças foram entregues ao hospital três semanas após sua morte e podem ser vistas no Museu Foundling.



CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Comemorativo dos 130 Anos da
Abolição da Escravatura (1888-2018)

SONGS OF STRUGGLE, HOPE AND TRIUMPH STORIES IN SONG AND POETRY FROM AROUND THE WORLD

*Canções de luta, esperança e triunfo.
Histórias em canção e poesia ao redor do mundo.*

Regência Keith McCutchen (Estados Unidos)

23 de novembro, 20h Capela Santa Maria Espaço Cultural

24 de novembro, 18h30 Capela Santa Maria Espaço Cultural



NOTAS DE PROGRAMA

COMEMORATIVO DOS 130 ANOS DA ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA (1888-2018)

O Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro, foi instituído oficialmente pela lei nº 12.519, de 10 de novembro de 2011. A data faz referência à morte de Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares, situado entre os estados de Alagoas e Pernambuco, na região Nordeste do Brasil. O Quilombo foi levantado para abrigar escravos fugitivos, pois muitos não suportavam viver em condições tão desumanas e, por isso, escapavam daquela ordem marcada pela repressão e o controle de seus proprietários. Zumbi, morto em 1695, era um símbolo de resistência. Algumas leis foram criadas para defender os direitos dos negros. A Lei do Ventre Livre foi a primeira delas, criada em 1871, concedendo liberdade aos filhos dos escravos nascidos após a lei. No ano de 1885, criaram a Lei dos Sexagenários, dando liberdade aos escravos com mais de sessenta anos de idade. Porém, com a Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel em 13 de maio de 1888, foi que os escravos conquistaram definitivamente sua liberdade. O Dia da Consciência Negra surgiu para lembrar o quanto os negros sofreram desde a colonização do Brasil. Mas também serve para homenagear àqueles que lutaram pelos direitos da raça e seus principais feitos.

SONGS OF STRUGGLE, HOPE AND TRIUMPH

STORIES IN SONG AND POETRY FROM AROUND THE WORLD

Canções de luta, esperança e triunfo.

*Histórias em canção e poesia ao
redor do mundo.*

Escrita por Keith McCutchen

Começamos nossa jornada de canções de luta, esperança e triunfo de todo o mundo com narrativas bíblicas. “Como é bonito ver os mensageiros trazendo boas notícias” (Romanos 10, 15) mostra claramente como o triunfo vem, por meio do mensageiro, quando a verdade é falada e a esperança é estabelecida. “No entanto, era o nosso sofrimento que ele estava carregando, era a nossa dor que ele estava suportando” (Isaías 53, 4-5) mostramos o ato de sacrifício final, enquanto o “Coro Aleluia” nos dá uma das exibições de triunfo mais brilhantes já escritas. Em seguida, cruzamos as palavras do escultor, pintor, arquiteto, poeta e engenheiro da Renascença italiana, Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simnoni, com a música da professora emérita da Universidade Estadual da Virgínia, compositora Undine Smith Moore (uma das poucas mulheres negras compositoras oficiais de música americana). As citações de Michelangelo, “O Triunfo está vencendo para Deus” e “A verdadeira arte é feita pela nobre mente que a produz” são estabelecidas por Smith Moore em um cenário dramático que utiliza os melhores recursos musicais, em termos de sua forma melódica e o uso de numerosas vozes entrelaçadas. A próxima seção apresenta inúmeras configurações de espiritualidades, mas prestamos homenagem especial a Gary Hines e aos Sounds of Blackness, de Minneapolis, Minnesota, e seus Medley Spirituals. O cenário contemporâneo de Hines está

PROGRAMA

SONGS OF STRUGGLE, HOPE AND TRIUMPH STORIES IN SONG AND POETRY FROM AROUND THE WORLD

I. THE ACT OF HURTING AND SUFFERING

- a) Human Trafficking: The Loss of Freedom
- b) False Positivity: It's Okay to Cry
- c) False Morality: It's Okay to be Angry

II. THE ACT OF BELIEVING

- Wheel in the Middle of a Wheel: Solutions across boundaries
- Breath of Life
- Rebirth
- Transformation

III. THE ACT OF WINNING

- Tension and Release: Constraints and Possibilities
- Points of Difference
- Global Commonwealth
- The Dance of Change

alinhado lado a lado com a obra histórica de Way over in Beulah Land pelo grande arranjador da Broadway e regente de coro, Hall Johnson. Também fazemos um tributo especial às maravilhosas canções de alegria e triunfo que nos são concedidas por Kirk Franklin. Novo no nosso repertório é o estilo da música de Chick Corea, “Spain” e “Canções de Esperança”, “Lutas de Esperança e Triunfo”, que combinam o hip-hop sinfônico com Be-Bop, palavra falada apoiada com nuances corais, para examinar a tragédia humana, luta, sobrevivência e o que a “Boa Vida” significa sob várias lentes culturais e sociais. A inspiração são as milhares de imagens de todo o mundo, mostrando sofrimento e abuso de poder. A inspiração fala que oferece conhecimento e estratégias de esperança para lidar com nossos problemas mais difíceis. A inspiração de milagres da vida real, exemplos de triunfos das pessoas em meio a graves obstáculos, visto que a verdadeira transformação espiritual e emocional ocorre

nos lugares mais difíceis, com as pessoas mais improváveis. A inspiração são meus próprios filhos e jovens em todo o mundo, tendo a coragem de defender o que eles acreditam ser certo e uma insistência sobre mudanças dramáticas para o bem de toda a humanidade. Voltamos para um lugar mais tradicional, com a coletânea histórica e lendária dos irmãos Johnson (Rosamond e James Weldon), “Levante cada voz e cante” organizado pelo Dr. Roland Carter. Uma das antologias mais prolíficas de “Ele Tem Todo o Mundo em sua Mão” foi definida pela brilhante pianista e compositora afro-americana Margaret Bonds. Isso conclui nossa jornada e esperamos que você sinta alegria apesar da sua dor; esperança em meio ao desespero e triunfo em seus esforços de vida.



ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA ENSEMBLE DE CORDAS

SEXTETO DE TCHAIKOVSKY & KORSAKOV

Homenagem aos 110 Anos de morte de Korsakov

Direção Musical Winston Ramalho (PR)

1º de dezembro, 18h30 Capela Santa Maria Espaço Cultural

PROGRAMA

PYOTR ILYICH TCHAIKOVSKY (1840-1893)

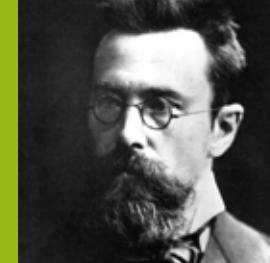
Sexteto de Cordas em Ré menor “Souvenir de Florence”, Op. 70

1. Allegro con spirito
2. Adagio cantabile e con moto
3. Allegretto moderato
4. Allegro con brio e vivace

NICOLAI RIMSKY-KORSAKOV (1844-1908)

Sexteto de Cordas em Lá Maior

1. Allegro vivace
2. Rondo fugato. Allegretto grazioso
3. Scherzo. Vivace alla saltarello
4. Andante espressivo
5. Finale. Allegro molto



Dezembro

NOTAS DE PROGRAMA

Pyotr Ilyich Tchaikovsky - Sexteto de Cordas em Ré menor

“Souvenir de Florence”, Op. 70

O Sexteto de Cordas em Ré menor Souvenir de Florence, Op.70, é constituído por dois violinos, duas violas e dois violoncelos e foi composto no verão de 1890. Tchaikovsky dedicou o trabalho à Sociedade de Música de Câmara de São Petersburgo, em resposta à sua adesão como Membro Honorário. O trabalho, na forma tradicional de quatro movimentos, foi intitulado Souvenir de Florence (Recordação de Florença), porque o compositor esboçou um dos principais temas desse trabalho enquanto visitava aquela cidade italiana, onde, aliás, também compôs a ópera A Rainha de Espadas. O sexteto foi revisado entre dezembro de 1891 e janeiro de 1892, antes de estrear em 1892. O primeiro movimento está em forma sonata e, sem introdução, apresenta um primeiro tema bastante violento e melódico em Ré menor. O segundo tema, na tonalidade dominante de Lá Maior, é muito mais calmo. Ele flui do primeiro tema quase sem esforço e depois passa para o desenvolvimento e a recapitulação, que conclui com uma rápida coda. O movimento lento, em Ré Maior, tem um tema muito inocente e romântico, inicialmente declarado pelo primeiro violino, com acompanhamento em pizzicato, antes de ser ocupado pelo violoncelo. Após a interrupção por um interlúdio para todos os instrumentos, o tema retorna para uma repetição da primeira seção. Os últimos dois movimentos, com suas melodias e ritmos claramente clássicos e russos, contrastam bastante com os anteriores.

Nicolai Rimsky-Korsakov - Sexteto de Cordas em Lá Maior

Com esta partitura, Rimsky-Korsakov participou de um concurso de composição organizado pela Sociedade Russa Imperial de Música. Foi escrita para duplo trio de cordas e datada do verão de 1876, que o compositor passou em Kholovska. A obra tem cinco andamentos, alternando episódios feéricos nos quais o compositor russo se recorda do Octeto de Mendelssohn, e passagens mais magistrais em que ensaia as formas clássicas, tal como a fuga. O Allegro vivace introdutório instala um clima encantador, com a entrada do tema nos violoncelos e as figuras de dança em resposta pelas outras duas famílias de instrumentos. O Rondo fugato propõe uma dupla fuga cuja escrita contrapontística, magistral e refinada, parece uma adaptação a três vozes da Dupla Fuga sobre o nome de Bach, composta anteriormente como exercício de composição. Com o Scherzo, Vivace alla saltarello, o exercício de contraponto é menos árido e até menos visível. No próximo andamento, Andante expressivo, deixamos esses sábios exercícios de escrita para ouvir o violoncelo entoar uma cantilena intensamente nostálgica, instalando, enfim, um clima romântico de perfume russo, enquanto os cinco outros instrumentos realizam um acompanhamento em forma de noturno. O final, Allegro molto, parece convencional na sua escrita simplista, após a emoção sentida no Andante que o antecedeu.

CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Concerto de Encerramento da Temporada

WEIHNACHTS ORATORIUM (ORATÓRIO DE NATAL)

Regência Bart Naessens (Bélgica)

Evangelista tenor Rodrigo del Pozo (Chile)

Soprano Natália Aurea (SP)

Contratenor Paulo Mestre (PR)

Tenor Rodrigo del Pozo (Chile)

Baixo Norbert Steidl (Áustria/Brasil-PR)

14 de dezembro, 20h Capela Santa Maria Espaço Cultural

15 de dezembro, 18h30 Capela Santa Maria Espaço Cultural



Dezembro

PROGRAMA

JOHANN SEBASTIAN BACH (1685-1750)

Weihnachts Oratorium 'Oratório de Natal' - BWV 248

PARTE I

1. Coro: Jauchzet, frohlocket, auf preiset die Tage
2. Evangelista tenor: Es begab sich aber zu der Zeit
3. Recitativo contralto: Nun wird mein liebster Brautigam
4. Ária contralto: Bereite dich, Zion, mit herrlichen Trieben
5. Coral: Wie soll ich dich empfangen
6. Evangelista tenor: Und sie gebar ihren essten Sohn
7. Choral sopranos e Recitativo baixo: Er ist auf Erden kimmen arm

8. Ária baixo: Grosser Herr, o starker Konig
9. Choral: Ach, mein hrezliebes Jesulein

PARTE II

1. Sinfonia
2. Evangelista tenor: Und es waren Hirten in derselben Gegend
3. Choral: Brich an, o schönes Morgenlicht
4. Evangelista tenor e Recitativo soprano: Und der Engel sprach zu ihnen
5. Recitativo baixo: Was Gott dem Abraham verheissen
6. Ária tenor: Frohe Hirten, eilt, ach eilet
7. Evangelista tenor: Und das habt zum Zeichen
8. Choral: Schaut hin, dort liegt im finstern Stall

9. **Recitativo baixo:** Sogehet denn hin, ihr Hirten, geht
10. **Ária contralto:** Schlafe, mein Liebster, genieße der Ruh
11. **Evangelista tenor:** Und alsobald war da
12. **Coro:** Ehre sei Gott in der Hohe
13. **Recitativo baixo:** So recht, ihr Engel, jauchzt und singet
14. **Choral:** Wir singen dir in deinem Heer

PARTE III

1. **Coro:** Herrscher des Himmels, erhore das Lallen
2. **Evangelista tenor:** Und da die Engel von ihnen gen Himmel fuhren
3. **Coro:** Lasset uns nun gehen gen Bethlehem
4. **Recitativo baixo:** Er hat sein Volk getrost
5. **Choral:** Dies hat er alles uns gatan
6. **Ária dueto soprano, baixo:** Herr, dein Mitleid, dein Erbarmen
7. **Evangelista tenor:** Und sie Kamen eilend
8. **Ária contralto:** Schliesse, mein Herze, dies selige Wunder
9. **Recitativo contralto:** Ja, ja, mein Herz soll es bewahren
10. **Choral:** Ich will dich mit Fleiss bewarhen
11. **Evangelista tenor:** Und die Hirten kehrten wieder um
12. **Choral:** Seid froh dieweil
13. **Coro:** Herrscher des Himmels, erhore das Lallen

NOTA DE PROGRAMA

Weihnachts Oratorium 'Oratório de Natal' - BWV 248

Escrita por Ricardo de Mattos

Johann Sebastian Bach finalizou a composição do Weihnachts Oratorium 'Oratório de Natal' em 1734. A evidente finalidade dessa obra era celebrar o nascimento de Jesus Cristo. Essa homenagem ao acontecimento máximo divisor do cristianismo verifica-se no decorrer e alternância de trinta e um recitativos, catorze corais, dez árias, oito coros, dois ariosos, um quarteto, um terceto, um dueto e uma sinfonia. Bach foi um homem de entranhada e madura religiosidade. Uma crença fervorosa e sincera transparece em suas obras sacras. E diante disso, podemos calcular seu senso de responsabilidade ao compor um oratório pelo advento d'Aquele que tanto amou. O texto-base do Oratório de Natal é formado por trechos dos Evangelhos de Lucas e Mateus, complementado com versos do poeta Christian Friedrich Henrici - "Picander". Na igreja de São Tomás, em Leipzig, para a qual foi composto, as celebrações natalinas estendiam-se por seis dias: 25, 26 e 27 de dezembro, primeiro e seis de janeiro e o primeiro domingo do ano. Assim, ou para não fracionar uma peça única ou repetir a mesma durante os seis dias, Bach dividiu-o em seis partes ou seis cantatas, reunidas de forma mais ou menos uniforme. O caráter geral do Oratório é glorificar e exaltar o espírito pelo nascimento do Messias. A primeira peça é um retumbante coro, ao qual os trompetes e tímpanos conferem um caráter de intrata:

Regozija-vos, cantai de alegria! Louvai esses dias!

Abandonai vossos temores, cessai vossos prantos,

Entoai hinos de regozijo e alegria!

Uni vossas vozes para cantar a glória do Altíssimo,

Adoremos o nome do Todo Poderoso!

Após o coro, inicia-se a narrativa, com a viagem de José e Maria de Nazareth a Belém. O contralto, primeiro em recitativo, depois em ária, admoesta São a bem receber o Salvador dos Judeus. Jesus Cristo nasceu sob Augusto e foi crucificado na era de Tibério. Dando-se o nascimento no presépio, um coro de sopranos, acompanhado do baixo, acentua a humildade do fato ("Pobre veio à terra/ Quem saberá honrar como merece/ O Amor que nos oferece nosso Salvador?"). O mesmo baixo, na ária seguinte, lembra a pouca importância do meio escolhido para nascer Aquele que reina sobre o mundo. No coral Ach mein herzliebes Jesulein - Ah, meu bem amado Jesusinho!, - Bach cria um ambiente de absoluta ternura. A segunda parte inicia-se com uma sinfonia pastoral

substituindo um previsível coro. Pastoral é uma obra vocal ou instrumental que, pela melodia e emprego de certos instrumentos (flauta, oboé), pretende reproduzir um ideal de vida simples e pacífica, a exemplo dos pastores pelos campos. Portanto, a escolha da sinfonia pastoral para iniciar a segunda parte, ou segunda cantata, é perfeita para retratar o ambiente rústico do nascimento de Jesus. Pode-se afirmar que toda esta cantata é pastoral, pois o tema da sinfonia repete-se no último coral. Segundo a mensagem da segunda parte, os simples serão os primeiros a encontrar Jesus Cristo. E nos Evangelhos encontramos o desenvolvimento doutrinário dessa assertiva. Basta ler o Sermão da Montanha. A última ária de contralto é uma canção para embalar o recém-nascido. Se na segunda cantata os pastores são avisados por um anjo - soprano - do nascimento de Jesus, na terceira parte ou na terceira cantata, eles efetivamente visitam-no. O mesmo coro do início é o do final (da capo), responsável pela volta do clima de júbilo.





Concerto nas Igrejas





Concerto nas Igrejas

O programa **Concerto nas Igrejas** é uma ação que visa descentralizar as atividades artísticas da Camerata Antiqua de Curitiba e de seus grupos, Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba e Coro da Camerata Antiqua de Curitiba, promovendo dessa forma uma aproximação mais efetiva com a comunidade.

Criado em 2012, o programa tem permitido a realização de diversos concertos distribuídos estrategicamente pelas dez Regionais da cidade de Curitiba, por meio dos quais milhares de pessoas têm tido acesso ao repertório da música erudita com apresentação de obras clássicas de compositores brasileiros e estrangeiros. Essa ação é um resgate do formato antigo de realização dos concertos, quando a Camerata Antiqua de Curitiba ainda não dispunha de uma sede própria. Portanto, nada mais justo que retomar a antiga parceria com as diversas denominações religiosas, além de fundamentar essa parceria pelo reconhecimento do importante papel que a igreja teve em prol do desenvolvimento e evolução da música através dos tempos

CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

CONCERTO NAS IGREJAS E NA SBEE

Regência Mara Campos (SP)

15 de março, 20h

Paróquia Santa Terezinha do Menino Jesus (Batel)

4 de maio, 20h

Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Belém (Cajuru)

31 de outubro, 20h

Santuário São Francisco de Assis (Xaxim)

6 de dezembro, 20h

Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas - SBEE (Tingui)

PROGRAMA

OLA GJEILO (1978)

Ubi caritas

ERIC WHITACRE (1970)

Poemas de Hila Plitmann

Five Hebrew Love Songs

CÉSAR GUERRA-PEIXE (1914-1993)

Mourão

EDMUNDO VILLANI-CÔRTEZ (1930)

Sina de Cantador

Frevo Fugato

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)

Prelúdio da Bachiana Brasileira nº 4

Bachiana Brasileira nº 5

Melodia Sentimental

CORO DA CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

CONCERTO NAS IGREJAS (desde 2012)

Regência Mara Campos (SP)

Piano Clénice Ortigara (PR)

Percussão Vina Lacerda (PR)

24 de maio, 20h	Igreja Bom Jesus (Portão)
2 de agosto, 20h	Paróquia São Pedro de Umbará (Umbará)
29 de novembro, 20h	Igreja São Braz (São Braz)

ORQUESTRA DE CÂMARA DA CIDADE DE CURITIBA

CONCERTO NAS IGREJAS (desde 2012)

Direção Musical Winston Ramalho (PR)

22 de junho, 20h	Santuário Nossa Senhora do Sagrado Coração (Pinheirinho)
31 de julho, 20h	Paróquia Nossa Senhora da Luz dos Pinhais (Vila N.S. da Luz dos Pinhais)
27 de setembro, 20h	Paróquia Sant'Ana (Campo de Sant'Ana)

PROGRAMA

OLA GJEILO (1978)

Ubi caritas

ERIC WHITACRE (1970)

Poemas de Hila Plitmann

Five Hebrew Love Songs

EDMUNDO VILLANI-CÔRTEZ (1930)

Sina do Cantador

Frevo Fugato

GEORG FRIEDRICH HÄNDEL (1685-1759)

Coronation Anthems

Anthem III (2 movimentos)

1. Exceeding glad shall he be

2. Alleluia

GEORG FRIEDRICH HÄNDEL (1685-1759)

Hallelujah (da obra Messias)

PROGRAMA

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)

Bachiana Brasileiras nº 5

PIXINGUINHA (1897-1973)

Rosa

BENTO MOSSURUNGA (1879-1970)

Sonho

ANTONIO VIVALDI (1678-1741)

As Quatro Estações

A Primavera (1º movimento)

JOHANN SEBASTIAN BACH (1685-1750)

Concerto de Brandemburgo nº 3

1. Allegro

2. Allegro

CARLOS GARDEL (1890-1935)

Por una cabeza

ASTOR PIAZZOLA (1921-1992)

Libertango



Música pela Vida



CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

MÚSICA PELA VIDA (desde 1990) 

Regência Mara Campos (SP)

14 de março, 10h30 Hospital de Clínicas

PROGRAMA

(PARA PÚBLICO ADULTO)

OLA GJEILO (1978)

Ubi caritas

CÉSAR GUERRA-PEIXE (1914-1993)

Mourão

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)

Prelúdio da Bachiana Brasileira nº 4

Bachiana Brasileira nº 5

Melodia Sentimental

EDMUNDO VILLANI-CÔRTEZ (1930)

Sina de Cantador

Frevo Fugato

Não é novidade o quanto a música exerce uma atração poderosa sobre o ser humano. Além de promover relaxamento e fazer bem para a alma, ainda atua no tratamento de determinadas doenças e ajuda a manter o cérebro mais ativo. É o que dizem as pesquisas. Os seus benefícios para a saúde já foram comprovados em diversos estudos como o da American Music Therapy Association - AMTA, dos Estados Unidos, e da World Federation of Music Therapy - WFMT, localizada em Gênova, na Itália. Baseada nessas pesquisas, a Camerata Antiqua de Curitiba (coro e orquestra) tem frequentado, desde 1990, inúmeras instituições públicas e privadas que têm trabalhos assistenciais de acolhimento e proteção de pessoas em situação de risco e vulnerabilidade social, bem como trabalho de ressocialização do indivíduo que é mantido em confinamento. Essa ação social voluntária praticada pelo grupo percorre asilos, hospitais, orfanatos, presídios e educandários, realizando concertos didáticos com o objetivo de promover o bem-estar físico, mental e espiritual dos internos, favorecendo ainda seus familiares e amigos que os acompanham, além dos funcionários e do corpo clínico. O projeto Música pela Vida é um programa de entretenimento diferenciado com propósitos terapêuticos para o cliente interno. Por essa razão, os benefícios de ouvir a música clássica vão muito além do prazer que podemos sentir em ouvi-la.

CORO CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

MÚSICA PELA VIDA *(desde 1990)*

Regência Mara Campos (SP)

Piano Clenice Ortigara (PR)

3 de julho, 10h30

Hospital Santa Casa de Curitiba

PROGRAMA

(PARA PÚBLICO ADULTO)

OLA GJEILO (1978)

Ubi caritas

EDMUNDO VILLANI-CÔRTEZ (1930)

Sina de Cantador

Frevo Fugato

GEORG FRIEDRICH HÄNDEL (1685-1759)

Coronation Anthems

Anthem III (2 movimentos)

1. Exceeding glad shall he be

2. Alleluia

GEORG FRIEDRICH HÄNDEL (1685-1759)

Hallelujah (da obra Messias)

CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

MÚSICA PELA VIDA *(desde 1990)*

Regência Mara Campos (SP)

4 de julho, 10h30

Rede de Instituições de Acolhimento de Curitiba e Região Metropolitana (RIA) – Capela Santa Maria Espaço Cultural

PROGRAMA

(PARA O PÚBLICO INFANTOJUVENIL)

ARRANJOS DE

ALEXANDRE BRASOLIM (1969)

Medley Nesta Rua...

Nesta Rua

Passa, passa, Gavião

Fui no Tororó

Terezinha de Jesus

Nesta Rua

O cravo brigou com a rosa

A canoa virou

Marcha Soldado

Cai-cai balão

CAMERATA ANTIQUA
DE CURITIBAMÚSICA PELA VIDA (desde 1990) 

Regência Mara Campos (SP)

30 de outubro, 10h30 Hospital Pequeno Príncipe

PROGRAMA

*(PARA O PÚBLICO INFANTOJUVENIL)*ARRANJOS DE
ALEXANDRE BRASOLIM (1969)

1. Palavra Cantada (1994)
2. Marlui Miranda (1949)
3. Caetano Veloso (1942)
4. Waldemar Henrique (1905-1995)
5. César Guerra-Peixe (1914-1993)
6. Hélio Ziskind (1955)
7. Tom Jobim (1927-1994)

ORQUESTRA DE CÂMARA
DA CIDADE DE CURITIBAMÚSICA PELA VIDA (desde 1990) 

Direção Musical Winston Ramalho (PR)

5 de novembro, 10h30 Instituto Paranaense de Cegos

PROGRAMA

(PARA PÚBLICO ADULTO)

ERNANI AGUIAR (1950)

Quatro momentos nº 3

CÉSAR GUERRA PEIXE (1914-1993)

Mourão

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)

Prelúdio da Bachiana nº 4

ANTÔNIO CARLOS GOMES (1836-1896)

Burraco de Pau (da Sonata para cordas)



Alimentando com Música





Alimentando com Música

(PROGRAMA SOCIOCULTURAL EDUCATIVO)

O programa **Alimentando com Música**, gerenciado pela Fundação Cultural de Curitiba e Instituto Curitiba de Arte e Cultura, tem a parceria do Departamento de Ensino Fundamental da Secretaria Municipal da Educação, por meio do programa Comunidade Escola e Fundação de Ação Social de Curitiba. Idealizado em 1993, pela musicista e servidora pública do município, Darci Almeida, o projeto inicialmente levava a música às escolas da rede pública e particular, nas quais cada aluno contribuía doando 1 kg de alimento num ato solidário. Toda a arrecadação era repassada às famílias e instituições carentes do município. E assim, a Camerata Antiqua de Curitiba, durante alguns anos, percorreu inúmeras unidades escolares com uma proposta didática socioeducativa, visando despertar neste público infantojuvenil, possíveis dons artísticos, quer seja pela escolha de um dos instrumentos de cordas ou pela prática do canto-corais, que é a identidade e formação deste grupo. Ou simplesmente tornar-se um público apreciador de um trabalho artístico musical de qualidade. Todavia, com o passar dos anos, o Conselho Artístico inverteu estrategicamente os encontros musicais que eram realizados nas escolas mensalmente. Assim, as turmas de alunos começaram a frequentar, na época, o Teatro Sesc da Esquina, um dos parceiros do programa, que além de abrigar os concertos executados pelo grupo, passou a doar toneladas de alimentos às instituições de caridade através do Mesa Brasil Sesc, que é uma rede nacional de bancos de alimentos contra a fome, e que contribui para a cidadania e a qualidade de vida de pessoas em situação de pobreza, promovendo uma perspectiva de inclusão social. Já a partir de 2008, com a Camerata fixada em sua nova sede, os concertos são realizados e apreciados pelos alunos na Capela Santa Maria Espaço Cultural, com conteúdos pedagógicos apresentados cenicamente e sobre um tema específico, elaborado criteriosamente dentro de um conceito e estética aplicados à cada edição, de forma a atender as necessidades desse público tão especial.

CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

ALIMENTANDO COM MÚSICA

APRESENTA **TERRAS DE PINDORAMA**



Regente Mara Campos (SP)
Arranjo e Adaptação Alexandre Brasolim (PR)
Direção Cênica Maurício Vogue (PR)
Roteiro Mara Campos (SP)
Textos Rhenan Queiroz (SP/PR)
Cenografia Rhenan Queiroz (SP/PR)
Figurino Áldice Lopes (PR)

Personagens
Kauê
Nina
Acir
Upiara

Atores
Giovana de Liz (PR)
Renet Lyon (Itália/Brasil-PR)
Otto Bueno (PR)

Concertos para as escolas da rede pública

2, 4 de outubro, 9h30 e 10h30 Capela Santa Maria Espaço Cultural
3 e 5 de outubro, 14h30 e 15h30 Capela Santa Maria Espaço Cultural

Concertos abertos ao público geral

6 e 7 de outubro, 18h30 Capela Santa Maria Espaço Cultural

PROGRAMA

OBRAS DE CÉSAR GUERRA-PEIXE (1914-1993)

BENTO MOSSURUNGA (1879-1970)

WALDEMAR HENRIQUE (1905-1995)

MARLUI MIRANDA (1949)

CAETANO VELOSO (1942)

HÉLIO ZISKIND (1955)

TOM JOBIM (1927-1994)



NOTA DE PROGRAMA

Terras de Pindorama

Palavra de origem tupi que significa terra das palmeiras. Palmeiras como inajá, pupunha, buriti, tucum, tucumã, pindoba, tucumaí. Em Pindorama, todos os dias eram dos índios, e também dos papagaios, dos tamanduás, dos gaviões. E do urubu-rei, da jaguatirica, da ariranha, do jacaré-de papo-amarelo, do peixe-boi, do lobo-guará, do macaco-prego, do mutum. Pindorama era também como os povos ando-peruanos nomeavam esta terra que hoje chamamos de Brasil e que era habitada por milhares de diferentes povos. A esses povos, de línguas bem diferentes entre si, foram atribuídos nomes que muitas vezes não eram adotados por eles mesmos. Hoje, descendentes dos antigos povos como os Krenak, os Pataxó, os Mura, os Maxacali, os Xavante, os Krahó, os Xacriabá, os Karajá ou os Ticuna vivem nas aldeias lutando para preservar sua língua, seus hábitos, suas tradições e sua própria terra. Dos milhões de índios que viviam no extenso território brasileiro restam apenas alguns milhares. Matemática estranha, que em quinhentos anos não multiplicou o número dos índios; subtraiu.



Biografia dos Compositores



Alexandre Brasolim (1969) - Arranjador

Natural de São Paulo, Alexandre Brasolim vem de uma família de músicos. Aos 10 anos iniciou seus estudos musicais em composição, regência, arranjo e orquestração com o professor Azor Massambani. O aprendizado durou doze anos. Estudou violino na Escola Municipal de Música de São Paulo com o professor Alejandro Ramirez. Foi aluno também dos professores Paulo Bosísio, Airtton Pinto e da renomada professora Maria Vishinia. Na área da regência, estudou com Juan Serrano, Flávio Florence, Arlindo Teixeira e Eleazar de Carvalho, por quem criou uma grande admiração. Participou de importantes festivais de música, destacando-se os Festivais de Inverno de Campos de Jordão, Oficinas de Música de Curitiba e Encontro Latino-Americano de Orquestras, Críticos e Regentes em La Plata, Argentina. Representou o Brasil no Festival de Orquestras das Américas em San Juan, Porto Rico, onde foi concertino da orquestra e teve aulas com músicos da Orquestra Sinfônica Nacional de Washington e masterclass com o maestro e violoncelista Mstislav Rostropovich. Em 2004, participou do Festival de Ravello, na Itália, junto com a Escola de Balé do Teatro Bolshoi no Brasil. Desde 1984 tem se dedicado a compor, orquestrar e reger as mais diferentes formações musicais. Nos anos em que tocou na Orquestra Jazz Sinfônica do Estado de São Paulo, se desenvolveu muito na área de arranjo musical com os maestros Luiz Arruda Paes, Ciro Pereira e Nelson Ayres. Por último, nessa área, teve aula de orquestração com o arranjador norte-americano Camp Kirkland. Em 1993 mudou-se para Curitiba. A música sacra também ocupa um importante lugar em

sua vida. Seus arranjos e composições vêm sendo tocados por inúmeras orquestras e conjuntos de câmara no Brasil e no exterior. Exerce também uma grande atividade musical como arranjador, maestro e produtor musical em estúdios, escrevendo e gravando para grandes nomes da música erudita, gospel e MPB. Foi por muitos anos compositor da Orquestra de Câmara da PUC-PR. Atualmente é concertino da Orquestra Sinfônica do Paraná, professor em seminários e oficinas de música sacra por todo o Brasil, maestro e arranjador da Orquestra da Primeira Igreja Batista de Curitiba, maestro titular e arranjador da Orquestra Filarmônica da Universidade Positivo de Curitiba e maestro e compositor residente da Orquestra Ladies Ensemble.

Antonín Dvořák (República Checa, 1841-1904)

Compositor da Boêmia do período romântico, Dvořák também aplicou algumas das características da música popular da Morávia e da sua terra-natal, a Boêmia (então parte integrante do Império Austríaco e atualmente parte da República Checa). Nascido em Nelahozeves, cedo demonstrou os seus dotes musicais. O seu primeiro trabalho conhecido, *Forget-Me-Not Polka in C* (Polka pomněnka) foi escrito em 1854. Em 1859, terminou o curso de órgão em Praga. Na década de 1860, tocou como violista na Orquestra do Teatro Bohemian Provisional e deu formação em piano. Em 1873, casou-se e deixou a orquestra para seguir a carreira de organista de igreja. Escreveu várias composições durante esse período. A música de Dvořák atraiu o interesse de Johannes Brahms, que o ajudou em sua carreira, como também o crítico Eduard Hanslick. Depois da estreia da sua cantata *Stabat Mater* (1880), Dvořák visitou o Reino Unido tornando-

se muito popular. Sua Sinfonia nº 7 foi escrita para Londres. Depois de um breve período na Rússia, em 1890, foi lecionar no Conservatório de Praga em 1891. No ano seguinte, mudou-se para os Estados Unidos para ser o diretor do Conservatório Nacional de Música da América em Nova York, onde também compôs. A saudade da sua terra natal o fez regressar à Boêmia. Dentre suas composições mais conhecidas destacam-se a Sinfonia do Novo Mundo, o Quarteto de Cordas Americano, a ópera *Rusalka* e o Concerto para Violoncelo em Si menor. Dvořák compôs óperas, música coral, várias músicas de câmara, concertos e outras peças orquestrais, vocais e instrumentais.

Antonio Vivaldi (Itália, 1678 - Áustria, 1741)

Apelidado de Il Prete Rosso (O Padre Vermelho) por causa de seu cabelo ruivo, foi compositor, sacerdote e violinista virtuoso. Celebrado como um dos maiores virtuosos de sua época, contribuiu para o desenvolvimento, tanto da técnica de execução do instrumento quanto da fixação do modelo formal do concerto com solista. O violino esteve presente em sua vida desde que nasceu. Seu pai, Giovanni Battista, barbeiro de profissão e violinista de coração, tornou-se músico da orquestra da Basílica de São Marcos, tendo sido o primeiro professor do filho – que cresceu nessa atmosfera eclesiástica, o que explica a escolha de Vivaldi pela carreira sacerdotal numa época em que, na Itália, era bastante comum associar a atividade musical ao sacerdócio. Foi ordenado padre aos 25 anos, mas um ano depois, em 1704, foi dispensado por sofrer de asma. Pôde, então, dedicar-se à música, tendo permanecido, entre 1703 e 1720, como professor de violino do Pio Ospedale Della Pietà em

Veneza, local que inicialmente funcionava como um albergue para cruzados. Porém, com o término das Cruzadas, ele mudou gradualmente sua função para uma instituição de caridade para órfãos e crianças abandonadas, originalmente, meninas. Grande parte da música sacra de Vivaldi, vocal e instrumental, foi escrita para o desempenho no Ospedale Della Pietà. Além de 50 óperas, três oratórios, 49 cantatas profanas e 21 sinfonias, Vivaldi compôs cerca de 500 concertos, dos quais 230 destinam-se para violino solista.

Antonio Ribeiro (Minas Gerais, 1971)

Compositor brasileiro, foi o último aluno de Camargo Guarnieri. Estudou música eletroacústica com Flô Menezes. É autor de cerca de 100 composições, tanto para orquestra sinfônica quanto para piano solo e diversas formações, além de música eletroacústica. Participou do Festival Música Nova, da Bienal de Música Eletroacústica de São Paulo e da Bienal de Música Contemporânea Brasileira do Rio de Janeiro. Recebeu o prêmio de Melhor Obra Vocal na Bienal de Música Contemporânea Brasileira da Funarte, em 2007. Entre suas principais obras se encontram a canção *Retrato* (1994, sobre poema de Cecília Meireles), as Quatro Miniaturas para Flauta e Cordas, a canção *Cidadezinha Qualquer*, o moteto policoral *A Flor Nasceu* (2008) e o Concertino para Fagote e Orquestra (2007).

Ariel Ramírez (Argentina, 1921-2010)

Compositor argentino, pianista e diretor de música, foi considerado “um dos principais expoentes da música folclórica argentina” e se destacou por suas composições musicais “icônicas”. Ramírez é conhecido principalmente por

sua Misa Criolla (1964) que lhe permitiu viajar pela Europa e América Latina para construir sua reputação. Escreveu mais de 300 composições durante sua carreira e vendeu milhões de álbuns. Ariel Ramírez perseguiu inicialmente o tango antes de mudar para o folclore argentino. Começou seus estudos de piano em Santa Fé, e logo ficou fascinado com a música dos gaúchos e crioulos nas montanhas. Ele continuou seus estudos em Córdoba, onde conheceu o grande cantor e compositor argentino Atahualpa Yupanqui, que o influenciou. Após uma sugestão de Yupanqui, ele visitou a parte nordeste da Argentina e aprofundou sua pesquisa sobre os ritmos tradicionais da América do Sul. Passou um tempo em Mendoza e Buenos Aires. Ao mesmo tempo, continua seus estudos acadêmicos como compositor no Conservatório Nacional de Música, em Buenos Aires. Em 1946 fez sua primeira gravação, com a RCA. Até 1956, fez vinte discos pela RCA. Plácido Domingo, José Carreras e Mercedes Sosa são alguns dos artistas que gravaram seu trabalho. Ele também foi associado a Miguel Brascó e Félix Luna. Ramírez passou a estudar música clássica em Madrid, Roma e principalmente em Viena, de 1950 a 1954. De volta à Argentina, reuniu mais de 400 canções populares e country, e fundou a Companhia de Folclore Ariel Ramírez.

Astor Piazzolla (Argentina, 1921-1992)

Partiu do tango para a elaboração de um estilo internacional, aparentado ao jazz e à música de concerto. Aos oito anos, começou a estudar bandoneón, em que se tornou virtuose. Sua família tentou a vida em Nova York. Em 1937, de volta à Argentina, tocou numa orquestra de tangos, formando depois conjuntos, em busca de novas formas. No início dos anos

1950, incorporou elementos do jazz à sua música, surgindo as primeiras referências a um nuevo tango, verdadeira revolução na música argentina, que encontrou a hostilidade de críticos e plateias. Retornou a Nova York, onde consolidou seu novo estilo e tocou jazz em clubes noturnos; mas foi em Paris, nos anos 1970, e depois em Milão, que criou as suas primeiras obras-primas conhecidas: Balada de un loco, Otoño porteño, Adiós nonino e La muerte del Angel. Fez a trilha musical de filmes como Lumière, Tangos, o Exílio de Gardel e Sur. Gravou um elogiado disco com Gerry Mulligan. Sua última evolução estilística, que estabelece pontes com Bach, Stravinsky e Bartók, mostra o resultado de seus estudos com Alberto Ginastera e Nadia Boulanger.

Bento Mossurunga (Castro, 1879 - Curitiba, 1970)

Foi maestro, pianista, violinista, regente e compositor brasileiro. Bento era filho do tabelião e foi registrado com um acréscimo em seu sobrenome: 'Mossurunga' (um simples apelido). Em casa, o ambiente era muito musical, pois seu pai e seu irmão tocavam viola e violão, enquanto suas irmãs tocavam órgão. Ainda pequeno aprendeu a tocar violinha sertaneja, tendo crescido entre violeiros populares e ouvindo música produzida por ex-escravos libertos que moravam numa colônia próxima à sua casa. Em 1895 foi para Curitiba estudar piano e violino no Conservatório de Belas Artes e frequentava o Grêmio Musical Carlos Gomes, tendo convivido com os compositores e músicos da época. Após um período de volta à terra natal, retornou a Curitiba e retomou seus estudos musicais, enquanto lecionava piano e apresentava-se num café-concerto. No Rio de Janeiro, em 1905, a revista carioca O Malho

publicou sua valsa Bela morena, o que o incentivou a mudar-se para o Rio, onde começou a atuar como violinista no teatro de variedades Guarda Velha. Prosseguiu seus estudos no Instituto Nacional de Música e fez parte da orquestra do Centro Musical, regida por Antônio Francisco Braga, como primeiro violino. Sua carreira como maestro se iniciou em 1916, na companhia do Teatro São José, onde foi auxiliar do maestro José Nunes até a morte deste, quando então assumiu o cargo de diretor do teatro. No período de 1918 a 1922, Bento Mossurunga dirigiu ensaios, fez instrumentações e musicou operetas, revistas e burletas, de autores como Cardoso de Meneses, Viriato Correia e Gastão Tojeiro. Depois dessa fase, foi regente em diversos teatros cariocas, como o Lírico, o Apolo, o Carlos Gomes e o Recreio Dramático. De volta a Curitiba dirigiu um curso de música e trabalhou na Sociedade Musical Renascença. Fundou a Sociedade Orquestral Paranaense e passou a produzir para o teatro musicado e a compor hinos, canções e obras para orquestra. Em 1946 organizou, com um grupo de estudantes e músicos, a Orquestra Estudantil de Concertos, que em 1958 se transformaria na Orquestra Sinfônica da Universidade Federal do Paraná. Em 1947, seu Hino do Paraná, composto em 1903, tornou-se o hino oficial do Estado. Foi professor de canto orfeônico no Colégio Estadual do Paraná e de instrumentação na Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Sua obra popular, que inclui numerosos sambas, tangos, choros, marchas carnavalescas, valsas e mazurcas, perdeu-se em grande parte.

Caetano Veloso (Bahia, 1942)

Caetano Veloso já sabia desde pequeno o

que queria ser na vida. Com pouco mais de quatro anos de idade, o irmão de Maria Bethânia já compunha. A trajetória musical começou em Salvador no início dos anos 1960. A capital baiana vivia um momento de efervescência cultural e Caetano aproveitou sua paixão pela música e pela Bossa Nova de João Gilberto e começou a tocar em barzinhos da cidade. Foi em Salvador que conheceu o parceiro Gilberto Gil. Do fruto dessa amizade surgiram inúmeras composições. Nesse período, também, conheceu Gal Costa e Tom Zé, futuros componentes da Tropicália. Seu primeiro trabalho musical foi uma trilha sonora para a peça O Boca de Ouro, de Nelson Rodrigues. O mesmo diretor, Álvaro Guimarães, também o convidou para compor a trilha de A Exceção e a Regra, de Bertolt Brecht. Esses trabalhos influenciaram definitivamente o seu futuro, fazendo-o decidir pela vida de cantor-compositor, o que faz brilhantemente com toda propriedade e requinte que se possa imaginar.

Carlos Gardel (Uruguaí ou França, 1890 - Colômbia, 1935)

Cantor e ator celebrado em toda a América Latina pela divulgação do tango. Iniciou-se como cantor ainda jovem com o nome artístico de El Morocho, apresentando-se em cafés dos subúrbios da capital argentina. Sua primeira interpretação formal se dá no Teatro Nacional na Avenida Corrientes, no qual também se apresentava Don José Razzano, com quem forma uma parceria por vários anos. Pela sensualidade de sua voz, que se presta muito bem à interpretação da milonga – gênero precursor do tango –, tornou-se conhecido a partir de Mi Noche Triste, em 1917. Teve como importante parceiro musical o paulistano Alfredo Le Pêra,

de cuja parceria surgiu *Por uma Cabeza*. Gravou mais de novecentas canções, entre tangos, foxtrotes, fados, pasodobles e músicas folclóricas, vendendo milhares de discos na América Latina e Europa. Em 2003, por proposta do governo uruguaio, a voz de Gardel foi gravada pela Unesco no Programa Memória do Mundo.

César Guerra-Peixe *(Rio de Janeiro, 1914 - 1993)*

Filho de imigrantes portugueses de origem cigana, teve como instrumentos violão, bandolim, violino e piano. Após prestar concurso para ingressar na Escola Nacional de Música, obtendo o primeiro lugar, transferiu-se para o Rio de Janeiro. Na Escola de Música começou a trabalhar como arranjador para alguns cantores e gravadoras. Em 1943, ingressou no Conservatório Brasileiro de Música, para se aperfeiçoar em contraponto, fuga e composição, tornando-se o primeiro aluno a concluir o curso de composição do Conservatório. Guerra-Peixe compôs trilhas para os filmes *Terra É Sempre Terra* e *O Canto do Mar*, sendo premiado em 1953 como melhor autor de música de cinema. Realizou trabalhos no campo da música popular brasileira, fazendo arranjos sinfônicos para músicas de Chico Buarque, Luiz Gonzaga e Tom Jobim. Integrou a Orquestra Sinfônica Nacional da Rádio MEC como violinista e dedicou-se à carreira de professor, dando aulas de composição na Escola de Música Villa-Lobos, e de orquestração e composição, na Universidade Federal de Minas Gerais. Ali, durante toda a década de 1980 até a sua morte, formou um grupo de músicos que ficou conhecido como “Escola Mineira de Composição”. Na sua fase de maturidade artística, compôs *Tributo a Portinari*, confirmando seu incomparável domínio

de orquestração. Poucos compositores conseguiram, como ele, atingir uma versatilidade e uma admirável concisão de linguagem, buscando na simplicidade a sua arma mais eficaz.

Edino Krieger *(Santa Catarina, 1928)*

Iniciou os estudos de violino com seu pai, Aldo Krieger, em Santa Catarina. No Rio de Janeiro, prosseguiu sua formação no Conservatório Brasileiro de Música, onde estudou com H. J. Koellreutter. Em 1945 passou a integrar o Grupo Música Viva. Em 1948 foi escolhido em concurso para estudar com Aaron Copland, no Berkshire Music Center de Massachussets, EUA, onde assistiu também a aulas de Darius Milhaud. Estudou ainda na Juilliard School of Music, de Nova York, com Peter Mennin (composição) e na Henry Street Settlement School of Music, com William Nowinsky (violino). Representou a Juilliard no Simpósio de Compositores dos Estados Unidos e Canadá, realizado em Boston, e atuou como violinista da Mozart Orchestra de Nova York. Retornando ao Brasil em 1950, iniciou a atividade de produtor e diretor musical na Rádio Ministério da Educação, onde organizou a Orquestra Sinfônica Nacional. Foi crítico musical do jornal *Tribuna da Imprensa*. Em 1952 estudou com Ernst Krenek no III Curso Internacional de Verão de Teresópolis, RJ. Com bolsa do Conselho Britânico, estudou em Londres durante um ano com Lennox Berkeley, da Royal Academy of Music. Em 1959 obteve o 1º prêmio no 1º Concurso Nacional de Composição do Ministério da Educação, com *Divertimento para Cordas*. Em 1961 seu Quarteto de Cordas nº 1 obteve o Prêmio Nacional do Disco. Em 1965 suas *Variações Elementares* foram estreadas no III Festival Interamericano de

Música de Washington e, no ano seguinte, seu *Ludus Symphonicus* foi estreado pela Orquestra de Filadélfia, no III Festival de Música de Caracas, Venezuela. Em 1969 e 1970 organizou e dirigiu os Festivais de Música da Guanabara, dos quais se originaram, a partir de 1975, as Bienais de Música Brasileira Contemporânea. Entre os prêmios e honrarias que recebeu estão: Prêmio Internacional da Paz do Festival de Varsóvia (1955), Prêmio da Fundação Rottelini de Roma (1955), Medalha de Honra do Cinquentenário do Theatro Municipal do Rio de Janeiro (1959), Troféu Golfinho de Ouro (1969 e 1988), a Medalha do Mérito Cultural Cruz e Souza, do Conselho Estadual de Cultura de Santa Catarina (1997), Troféu Barriga-Verde (1977), Comenda da Ordem Cultural do Ministério da Cultura e Belas Artes da Polônia (1985), Medalha do Mérito Cultural Anita Garibaldi, do Estado de Santa Catarina (1986), Prêmio Nacional da Música do Ministério da Cultura (1994) e Medalha Pedro Ernesto, maior honraria concedida pela cidade do Rio de Janeiro. Em 2004, recebeu o Prêmio Jorge Amado e participou neste ano como Compositor Residente do Festival Internacional de Inverno de Campos do Jordão-São Paulo. É membro do Conselho Estadual de Cultura do Rio de Janeiro. Edino Krieger dirigiu a divisão de música clássica da Rádio Jornal do Brasil e exerceu a crítica musical no *Jornal do Brasil*. Em 1976 assumiu a direção artística da Fundação de Teatros do Rio de Janeiro – FUNTERJ. Em 1979 criou o Projeto Memória Musical Brasileira/PRO-MEMUS, junto ao Instituto Nacional de Artes da Fundação Nacional de Arte – FUNARTE, do Ministério da Cultura. De 1981 a 1989 foi diretor do Instituto Nacional de Música. Foi presidente da FUNARTE, da Fundação Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro e da Academia Brasileira de

Música. Seu catálogo inclui obras para orquestra sinfônica e de câmara, oratórios, música de câmara, obras para coro e para vozes e instrumentos solistas, além de partituras incidentais para teatro e cinema. Suas composições têm sido executadas com frequência no Brasil e no exterior, inclusive por orquestras do Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife, Bahia, Belo Horizonte, Liège, Bruxelas, Paris, Londres, Munique, Buenos Aires, Córdoba, Nova York, Filadélfia, Washington, Colônia, Tóquio e outras.

Eric Whitacre *(Estados Unidos, 1970)*

O compositor e maestro Eric Whitacre é um dos músicos mais populares de sua geração. Sua música de concerto foi executada em todo o mundo por milhões de músicos amadores e profissionais, enquanto seus coros virtuais inovadores uniram cantores de mais de 110 países diferentes. Como maestro lançou vários álbuns ao topo das paradas, incluindo o best-seller de 2011. Eric tem realizado concertos corais e instrumentais ao redor do mundo, incluindo disputados concertos com a Orquestra Sinfônica de Londres, a Royal Philharmonic Orchestra e a Orquestra de Minnesota. Além de várias colaborações com o lendário compositor Hans Zimmer Hollywood, tem trabalhado com ícones do pop como a britânica Laura Mvula, Imogen Heap e Annie Lennox. Orador carismático, Eric deu palestras para inúmeras empresas Fortune 500 e instituições globais, incluindo Apple, Google, e o Fórum Econômico Mundial, em Davos. Graduado da prestigiosa Juilliard School of Music, Visiting Fellow e Compositor em Residência na Universidade de Cambridge, Reino Unido.

Franz Joseph Haydn

(Áustria, 1732 - 1809)

Um dos mais importantes compositores do período clássico, personifica o chamado “classicismo vienense” ao lado de Wolfgang Amadeus Mozart e Ludwig van Beethoven. A posteridade apelidou este grupo como “Trindade Vienense”. Além disso, é considerado como um dos autores mais importantes e influentes da história da música erudita ocidental com uma carreira que cobriu desde o fim do Barroco ao início do Romantismo. Tendo vivido mais tempo na Áustria, Haydn passou a maior parte de sua carreira como músico da corte para a rica família dos Eszterházy. Isolado de outros compositores, foi, segundo ele próprio, “forçado a ser original”. O seu gênio foi amplamente reconhecido durante a sua vida. Haydn é considerado o pai da sinfonia clássica e do quarteto de cordas, além de ter escrito muitas sonatas para piano, trios, divertimentos e missas, o que se tornou a base do estilo clássico de composição da música erudita. Escreveu músicas de câmara, óperas e concertos.

Franz Schubert

(Áustria, 1797 - 1828)

Compositor austríaco do fim da era clássica, com um estilo marcante, inovador e poético do romantismo, escreveu cerca de seiscentas canções (o “*lied*” alemão), bem como óperas, sinfonias, incluindo a Sinfonia Inacabada, sonatas, entre outros trabalhos. Viveu pouco e não teve reconhecimento público, morreu aos 31 anos. Hoje, o seu estilo considerado por muitos como imaginativo, lírico e melódico, o faz ser considerado um dos maiores compositores do século XIX, marcando a passagem do estilo clássico para o romântico.

Gabriel Urbain Fauré

(França, 1845-1924)

Compositor, organista, pianista e professor, foi um dos principais compositores franceses de sua geração. Seu estilo musical influenciou muitos compositores do século XX. Entre seus trabalhos mais conhecidos estão os seus Pavane, Requiem, nocturnes para piano e as canções “Après un Rêve” e “Clair de Lune”. Fauré compôs muitas das suas obras mais conceituadas, em seus últimos anos, de uma forma mais harmônica e num estilo melódico mais complexo. A música de Fauré foi descrita como ligando o fim do Romantismo com o Modernismo do século XX. Quando ele nasceu, Chopin ainda estava compondo e, na época da morte de Fauré, o jazz e a atonal música da Segunda Escola de Viena estavam sendo ouvidas. O Grove Dictionary of Music and Musicians, que o descreve como o compositor mais avançado da sua geração na França, observa que suas inovações harmônicas e melódicas influenciaram o ensino de harmonia para as gerações posteriores. Durante os últimos vinte anos de sua vida sofreu de surdez crescente.

Georg Friederich Händel

(Alemanha, 1685 - Inglaterra, 1759)

Compositor alemão, inglês de adoção. É considerado um dos maiores músicos do Barroco. Filho de um barbeiro que não concordava com a vocação de seu filho para a música, por isso, ele tocava cravo às escondidas. Numa visita à corte de Saxe-Weissenfels, o duque gostou da apresentação de Händel no órgão e pediu a seu pai para colocá-lo sob tutela de F.W. Zachau, organista da igreja de Nossa Senhora de Halle. Händel já era um virtuose no cravo e órgão com apenas

11 anos. Compôs a primeira ópera, Almira, apresentada em Hamburgo em 1705. Passou a maior parte de sua vida em Londres, onde, superando todas as dificuldades, realizou o supremo ideal do Barroco. Naturalizou-se inglês em 1726, quando já era compositor oficial da corte inglesa. Foi um exímio compositor de óperas, cantatas e oratórios, obras-primas da polifonia vocal. Escrevia para grandes orquestras e grandes corais. Sua característica era o drama especial que podemos ouvir em alguns coros de seus oratórios. A sua obra sacra é riquíssima. Dos oratórios, destacam-se *Messiah* (1741), *Israel in Egypt* (1738), *Judas Maccabaeus* (1746), *Joshua* (1747), *Jephtha* (1751); Das óperas, *Agrippina* (1709) *Rinaldo* (1711), *Tamerlano* (1724) *Rodelinda* (1725), *Ariodante* (1735) *Alcina* (1735), *Berenice* (1737). Já das cantatas temos: *La Lucrezia - O Numi Eterni* (1710), *Ode for St. Cecilia's Day* (1739). Das obras instrumentais destacam-se os concertos para órgão, *Música para os Reais Fogos de Artifício e Música Aquática*. No fim da vida estava praticamente cego. Morreu pouco tempo depois de uma apresentação do *Messias*, seu oratório mais conhecido. Händel faleceu em Londres em 1759. Seu corpo foi sepultado na Abadia de Westminster, numa cerimônia assistida por milhares de pessoas.

Georg Philipp Telemann

(Alemanha, 1681-1767)

Foi um compositor barroco alemão e multi-instrumentista. Quase completamente autodidata na música, tornou-se um compositor contra os desejos da família. Depois de estudar em Magdeburg, Zellerfeld e Hildesheim, Telemann entrou na Universidade de Leipzig para estudar Direito, mas optou pela carreira de músico.

Ele ocupou posições importantes em Leipzig, Sorau, Eisenach e Frankfurt, antes de se mudar para Hamburgo em 1721, onde se tornou diretor musical das cinco principais igrejas. Telemann é um dos mais prolíficos da história e foi considerado por seus contemporâneos como um dos principais compositores alemães da época. A música da Telemann incorpora vários estilos nacionais (francês, italiano e alemão) e, às vezes, é influenciada pela música popular polonesa. Ele permaneceu na vanguarda de todas as novas tendências musicais e sua música é um elo importante entre o final do barroco e os estilos clássicos iniciais.

Giles Swayne

(Reino Unido, 1946)

Swayne passou grande parte de sua infância em Liverpool, onde se dedicou ao piano e começou a compor em uma idade jovem. Ele foi educado na faculdade de Ampleforth e na Universidade de Cambridge, onde estudou com Raymond Leppard e Nicholas Maw. Ganhou uma bolsa de estudos para cursar composição na Academia Real de Música de Londres, em 1968, onde estudou com Harrison Birtwistle, Alan Bush, e, mais uma vez, Maw. Durante os anos de 1976 a 1977, estudou com Olivier Messiaen no Conservatório de Paris. De 1981 a 1982 fez uma visita de estudo à Gâmbia e ao sul do Senegal, para gravar a música da comunidade de Jola de Casamance. Essas gravações estão no Arquivo Sonoro da Biblioteca Britânica e são disponibilizadas pela internet. O seu interesse pela África e pela música africana marcaram grandemente sua vida e trabalho. Juntamente com sua segunda esposa, Naaotwa Codjoe, viveu em uma vila perto de Accra, Gana. Anos depois se estabeleceu em Londres. Hoje

Swayne é aclamado como um dos grandes compositores do Reino Unido.

Harry Crowl

(Minas Gerais, 1958)

Compositor e musicólogo, com um catálogo até o momento de 120 obras, sua música tem sido executada e transmitida frequentemente no Brasil e em vários países por grupos e orquestras, dos quais se destacam: o Trio Fibonacci (Canadá), o Ensemble Recherche (Alemanha), Orchestre de Flutes Français e Ensemble 2E2M (França), Moyzes Quartet (Eslováquia), The George Crumb Trio (Áustria), Orquestras de Câmara da Rádio Romena e da Cidade de Curitiba, Orquestras Sinfônicas do Paraná, de Minas Gerais e a Orquestra Municipal de Campinas. Foi delegado brasileiro junto à Sociedade Internacional de Música Contemporânea – SIMC, entre 2002 e 2006. Tem participado dos principais festivais dedicados à música contemporânea no Brasil, como a Bienal de Música Brasileira Contemporânea (Rio de Janeiro), Festivais Música Nova (São Paulo/Santos), ENCOMPOR (Porto Alegre), Festival Latino-americano de Música Contemporânea (Santiago, Chile), entre vários outros. Atualmente, é Professor da Escola de Música e Belas Artes do Paraná, Diretor Artístico da Orquestra Filarmônica da Universidade Federal do Paraná e produtor de programas de rádio da Paraná Educativa FM.

Heitor Villa-Lobos

(Rio de Janeiro, 1887-1959)

Compositor e maestro brasileiro, nasceu no Rio de Janeiro, filho de um músico amador, funcionário da Biblioteca Nacional. Desde cedo aprendeu piano e clarineta e, aos

12 anos, começou a tocar violoncelo em teatros, cafés e bailes. Também aprendeu violão e conviveu com os chorões (músicos populares que tocavam choros), que com suas canções de rua foram seus primeiros professores. Sua formação de autodidata foi completada lendo e estudando as obras dos grandes mestres. Mas foram o seu instinto e gênio, peculiares aos grandes mestres, e sua grande admiração por Johann Sebastian Bach (1685-1750), as forças que o impulsionaram a compor. O conhecimento do folclore nacional viria também a ser de vital importância para a criação de sua monumental obra nacionalista. Heitor viajou muito pelo interior do Brasil, fugindo de casa e de sua mãe, que queria que ele estudasse medicina. Nessas viagens, coletou vasto material folclórico que viria a ser uma rica fonte para o amadurecimento do seu estilo nacionalista, apesar das suas primeiras composições serem influenciadas por Richard Wagner, Giacomo Puccini e C. Franck, compositores da virada do século, do alto romantismo e do impressionismo francês.

Henrique de Curitiba

(Paraná, 1934-2008)

Compositor descendente de poloneses, conhecido como Henrique de Curitiba. Graduiu-se em 1953, na Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Aperfeiçoou-se em piano com Henry Jolles e em composição com H.J. Koellreuter na Escola Livre de Música de São Paulo. Em 1960, na Polônia, cursou interpretação pianística com Margherita Trombini-Kazuro na Escola Superior de Música de Varsóvia. Fez mestrado em Composição Musical nos Estados Unidos, onde estudou com o compositor Karel Husa.

Possuidor de numerosa obra como compositor neoclássico e tendo mais de 150 composições no gênero instrumental, vocal e de câmara, destaca-se como um dos principais compositores brasileiros de sua geração. Entre suas obras de maior destaque estão: *Evocação das Montanhas*, gravada por Milton Nascimento; *Serenata Noturna*, com a Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba; *Missa Breve*, com o Coro de Câmara da UFG; *Já Vem Primavera*, madrigal gravado pelo coral da Universidade de São Francisco, na Califórnia, USA, entre outras. Além de obras editadas no Brasil e no Exterior.

Hélio Ziskind

(São Paulo, 1955)

Compositor, arranjador, multi-instrumentista, cantor, produtor musical. Com os irmãos Paulo e Luiz Tatit funda o grupo Rumo, em 1974. Após formação no curso de Composição na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), monta o próprio estúdio e começa a compor trilhas e jingles para rádio e televisão. Atua como professor de música para crianças e cria, com fins didáticos, suas primeiras canções. Em 1986, produz em fita cassete (mais tarde reeditada em CD) *O Som e o Sint*, que acompanha o livro *O Som e o Sentido*, de José Miguel Wisnik. Em 1988, grava com o Rumo o quinto disco do grupo, *Quero Passear*, dedicado ao público infantil. Nele é incluída sua canção *A Noite no Castelo*, vencedora do Prêmio Sharp de melhor canção infantil. Participa, em 1993, da concepção e implementação do Laboratório de Linguagens Sonoras do programa de pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, trabalhando com música eletrônica. Compõe para diversos programas da TV Cultura e se torna

especialmente conhecido por seu trabalho na grade infantil, com os programas *Glub-Glub*, *Cocoricó*, *Castelo Rá-Tim-Bum* e *X-Tudo*. Algumas das canções criadas para esses programas são compiladas em seu primeiro disco infantil, *Meu Pé Meu Querido Pé* (MCD, 1997), vencedor do Prêmio Sharp 1998 de melhor CD infantil e melhor canção infantil para *Sono de Gibi*. O segundo CD destinado às crianças é *O Gigante da Floresta: Uma Viagem Musical de Hélio Ziskind*. No ano seguinte realiza o projeto *Lá Vem Pipoca*, do qual resultam um site, uma coleção de discos e diversos shows. Outros lançamentos são: CD *Cantigas de Roda* (MCD/Lua Discos); CD infantil, *Trem Maluco e Outras Cantigas de Roda* (MCD); CD *Na Casa de Ruth* (selo Sesc), e com o Rumo, o CD *Sopa Concha* (Biscoito Fino).

Jean-Baptiste Lully

(Itália, 1632 - França, 1687)

Compositor francês de origem italiana, Jean-Baptiste Lully, e em italiano Giovanni Battista Lulli, nasceu na Itália em 1632 e morreu na França em 1687. Mudou de nome quando se naturalizou francês. Foi, inicialmente, palhaço. Na França, sua rápida ascensão a um importante posto na corte de Luís XIV (o Rei-Sol) fez dele o compositor mais influente da história da música francesa. Durante um quarto de século teve o controle quase total da vida musical francesa, incluindo ópera, balé e música dramática, bem como da edição de música. A música de Lully é uma transformação do espírito do barroquismo para as formas oficiais do classicismo francês. Lully criou o gênero de sinfonia para proceder às óperas, a chamada *ouverture française*, lenta e majestosa. A forma é historicamente muito importante para a evolução dos gêneros abertura e sinfonia.

Desenvolveu o estilo das danças na ópera francesa. Elaborou a suíte, tornando-a quase tipicamente francesa. É importante a maneira como realiza o acompanhamento instrumental que Monteverdi tinha utilizado em grandes massas de cordas, sem estruturação. Organizou o grupo de 24 Violons du Roi (24 violinos do rei), com um pequeno agrupamento de instrumentos de sopro. Como único compositor de ópera francesa por 15 anos, Lully criou um estilo nacional. Suas óperas e óperas-balés eram montadas por toda a Europa e inspiraram compositores como Rameau e Gluck. A publicação de suas aberturas instrumentais e suítes de dança levou ao desenvolvimento da suíte francesa como gênero por Bach e Händel.

Johann Christoph Pezel (*Alemanha, 1639-1694*)

Violinista, trompetista e compositor alemão, morava em Leipzig de 1661 a 1681, com uma interrupção em 1672, quando entrou em um mosteiro agostiniano em Praga, de onde, no entanto, partiu pouco depois para se tornar um protestante. Seus últimos anos foram passados em Bautzen, onde, como em Leipzig, estava no emprego municipal como Stadtpfeifer e Stadtmusicus. Ele foi conhecido como violinista e trompetista clarino e publicou entre 1669 e 1686 um número considerável de coleções, principalmente de música instrumental, como *Musica vespertina lipsica* (1669), *Musicalische Seelenerquickungen* (1675), *Deliciae musicales, ou Lustmusik* (1678), *Musica curiosa lipsiaca* (1686), dentre outras, como também algumas músicas vocais sagradas e obras teóricas. Ele influenciou a evolução das formas instrumentais e o estilo da escrita orquestral. Pezel morreu em Bautzen, com 55 anos.

Johann Sebastian Bach (*Alemanha, 1685-1750*)

Nascido em uma família de longa tradição musical, cedo mostrou possuir talento e logo se tornou um músico completo. Adquiriu um vasto conhecimento da música europeia de sua época e das gerações anteriores. Ocupou vários cargos em cortes e igrejas alemãs. Suas funções mais destacadas foram a de Kantor da Igreja de São Tomás e Diretor Musical da cidade de Leipzig, onde desenvolveu a parte final e mais importante de sua carreira. Absorvendo inicialmente o grande repertório de música contrapontística germânica como base de seu estilo, sua obra recebeu, mais tarde, influências italiana e francesa, proporcionando-lhe uma multiplicidade de tendências. Praticou quase todos os gêneros musicais conhecidos em seu tempo, com a notável exceção da ópera, embora suas cantatas maduras revelem bastante influência desse gênero. Sua habilidade ao órgão e ao cravo foi bastante reconhecida e se tornou lendária, sendo considerado o maior virtuose de sua geração e um especialista na construção de órgãos. Tinha grandes qualidades como maestro, cantor, professor e violinista, mas como compositor seu mérito só recebeu aprovação limitada e nunca foi exatamente popular, ainda que vários críticos que o conheceram o louvassem como grande. A maior parte de sua música caiu no esquecimento após sua morte, mas sua recuperação volta à cena com grande força no século XIX e desde então seu prestígio não parou de crescer. Na apreciação contemporânea, Bach é tido como o maior nome da música barroca, e muitos o veem como o maior compositor de todos os tempos. Entre suas peças mais conhecidas estão os Concertos de

Brandenburgo, o Cravo Bem-Temperado, as Sonatas e Partitas para violino solo, a Missa em Si menor, a Toccata e Fuga em Ré menor, a Paixão Segundo São Mateus, Paixão Segundo São João, a Oferenda Musical, a Arte da Fuga e várias de suas cantatas.

Pe. José de Almeida Penalva (*Campinas, 1924 - Curitiba, 2002*)

Foi um sacerdote, compositor, professor, musicólogo, regente e escritor brasileiro. Formado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 1956 e Doutorado pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma em 1958, foi um dos mais importantes compositores brasileiros da segunda metade do século XX. Destacou-se por compor música contemporânea de vanguarda, explorando tanto as linguagens sacra e secular quanto as antigas e novas. Dentro de um discurso que o próprio Penalva classificava como pós-vanguardista, faz uma releitura das formas e das linguagens do passado aplicando técnicas de vanguarda e pós-vanguarda de maneira livre e individual. Sua obra demonstra de um lado um compositor preocupado com o lado reflexivo e filosófico da criação; de outro, um músico de humor refinado e de profunda humanidade. Também foi professor da PUC-PR e da Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Na sua produção, que abrange desde a música de câmara, peças solísticas para teclados até obras orquestrais e corais, Penalva utilizou os mais diversos idiomas, desde a música tonal orgânica e inorgânica até a música dodecafônica, atonal, tonal/modal livre e matérica, que combina a elementos da música brasileira e de épocas passadas como o canto gregoriano, a polifonia renascentista, o romantismo de Brahms e a música de Scriabin, Schönberg

e Webern. Sua produção integra ainda elementos da música de Ligeti, Penderecki e, principalmente, o ecletismo de Schnittke. Foi fundador da Sociedade Pró-Música de Curitiba e do Coro da Sociedade Pró-Música, que mais tarde se tornou o Madrigal Vocale, grupo vocal a capella curitibano que regeu até o final da vida. Além disso, José Penalva era pesquisador da música de Carlos Gomes e deixou livro sobre a obra desse compositor.

Leonard Bernstein (*Estados Unidos, 1918-1990*)

Em 1943, Bernstein teve de substituir temporariamente o maestro da Orquestra Filarmônica de Nova York. Seu expressivo modo de reger entusiasmou o público. De 1958 a 1968, dirigiu essa orquestra, tornando-se o primeiro maestro norte-americano formado no seu próprio país. A sua obra mais conhecida é o musical *Amor, Sublime Amor* (*West Side Story*), lançado em 1957, em que Bernstein funde o jazz, a música clássica e as canções da moda numa composição rítmica. Além de outros musicais, compôs música para balé e para a ópera *A Quiet Place* (1983). Entre as composições para orquestra, merece especial realce a Segunda Sinfonia para Piano e Orquestra (1949), que recebeu também o nome de *The Age of Anxiety*, segundo a obra de Aldous Huxley. Nessa sinfonia, em que o próprio Bernstein se sentou ao piano, revela-se de forma evidente sua predileção por Gustav Mahler. Bernstein foi o primeiro maestro a gravar as obras completas de Mahler. Destaca-se ainda o importante papel de divulgador da música clássica que Bernstein desempenhou por meio de livros e programas de televisão.

Lindembergue Cardoso

(Bahia, 1939-1989)

Diplomou-se em Composição e Regência na Escola de Música da Universidade Federal da Bahia - UFBA, na qual atuou como madrigalista, percussionista e fagotista da Orquestra Sinfônica, além de professor de Composição e outras disciplinas. Membro da Academia Brasileira de Música, Lindembergue Cardoso recebeu inúmeros prêmios nacionais e internacionais. Teve 24 de suas obras gravadas e várias outras editadas, inclusive no exterior.

Ludwig van Beethoven

(Alemanha, 1770 - Áustria, 1827)

Conviveu com a música clássica desde a infância, pois seu pai era professor de música e tenor na corte de Bonn. Beethoven viveu uma época de transição musical entre a era clássica e a romântica. Aos 22 anos de idade mudou-se para a cidade de Viena na Áustria, onde construiu sua carreira. É autor de sonatas, quartetos, sinfonias e da ópera Fidélio, uma de suas grandes criações. Em suas obras musicais passava um profundo sentimento e incomparável expressão. Nos últimos anos de sua vida, sofreu de surdez. Mesmo com o problema de saúde, continuou criando lindas obras musicais. Faleceu em 26 de março de 1827, enquanto compunha sua 10ª sinfonia. Uma de suas obras mais conhecidas é a 9ª Sinfonia, tocada em várias situações até os dias de hoje. Ao lado de Bach e Mozart, Beethoven é considerado um dos gênios da música clássica de todos os tempos.

Luís XIII

(França, 1601-1643)

Monarca francês chamado o Justo, foi filho de Henrique IV, primeiro da dinastia Bourbon, e de Maria de Médicis, a qual,

durante a sua menoridade, governou a França como regente. Luís XIII foi um rei-soldado, a exemplo de seu pai, sendo desde pequeno fascinado por cavalos e armas. Foi um excelente cavaleiro e frequentemente se fez presente em campo de batalha. Em tempos de paz a caça era seu passatempo predileto, mantendo um pavilhão de caça em Versalhes, que posteriormente daria origem ao Palácio edificado por seu filho Luís XIV. Luís XIII, cujo nome batizou a cidade de São Luís, capital do Maranhão, única cidade brasileira fundada por franceses, tinha uma enorme paixão pelas artes, especialmente a música. O rei dedicava-se à música, da qual era grande apreciador, compositor e hábil alaudista. A produção musical de sua corte foi extensa, embora reste apenas uma pequena parcela desse material. Luís XIII foi sucedido no trono por seu filho Luís XIV.

Luís XIV

(França, 1638-1715)

O Rei Luís XIV, conhecido como “Rei Sol” e monarca absolutista da França, com cinco anos de idade já tinha subido ao trono devido à morte do Rei Luís XIII, seu pai. Mas, só começou a governar com 22 anos de idade. Absolutista, governava sem nenhuma limitação imposta pela constituição ou pela legislação. É dele a famosa frase “O Estado sou eu”, que define bem como era o governo na época. Quando assumiu o poder, o tesouro real estava prestes a falir. Os anos se passaram e a ruína avançava. Foi então que em 1665, nomeou Jean-Baptiste Colbert Chefe da Controladoria Geral, e, com a ajuda de Colbert, conseguiu colocar a França de novo nos eixos. Durante o seu reinado, construiu o Palácio de Versalhes, que conta com mil e novecentos quartos e o primeiro banheiro interno da história. Ele lançou a “moda”

das perucas altas e bem elaboradas, que se arrastou por quase 150 anos nas cortes europeias. Tendo governado por 72 anos, Luís XIV morreu em 1715, no Palácio de Versalhes. Deixou seu país próspero e militarmente poderoso. Sua imagem é de um rei forte, mão de ferro e guerreiro. Foi um músico aplicado e amante do teatro, da dança, da poesia e de todas as formas de arte.

Marlui Miranda

(São Paulo, 1949)

Nascida em Fortaleza e criada em Brasília, mudou-se para o Rio de Janeiro na década de 1970 e estudou violão clássico com professores renomados como Turíbio Santos, Paulo Bellinati e outros. É cantora, compositora e pesquisadora reconhecida por interpretar, difundir e valorizar a cultura e a música indígenas do Brasil. Tocou com Egberto Gismonti, Milton Nascimento, Jards Macalé, e, em 1979, lançou o disco Olho d' Água. Suas músicas já foram gravadas por Ney Matogrosso, Sá & Guarabyra e outros. A partir da década de 1970, passou a pesquisar e estudar a música dos índios brasileiros, atividade a que se dedicou por diversos anos. Ganhou bolsa de uma instituição nova-iorquina e realizou um projeto de preservação e recriação da música indígena da Amazônia brasileira. Com esse trabalho, atuou como consultora de música indígena em filmes e eventos, gravou discos no Brasil e no exterior, produziu espetáculos como a missa indígena criada a partir de músicas de tribos, apresentada na Catedral da Sé, em São Paulo, em 1997, com a participação de orquestra Jazz Sinfônica e Coral. Recebeu prêmios da Academia Alemã de Crítica (Schall platten Kritik, 1996), por sua peça musical e CD intitulados IHU, Todos os Sons. Desde 1996 é integrante do grupo

Pau Brasil. Em 1998 participou do disco O Sol de Oslo com Gilberto Gil, Bugge Wesseltoft, Trikot Gurtu, Rodolfo Stroeter e Toninho Ferragutti. Recebeu a Ordem do Mérito Cultural do Ministério da Cultura, em 2002, e o Prêmio Chico Mendes de Meio Ambiente na categoria projeto cultural, em 2005. Compôs trilhas para teatro, cinema e documentários, recebendo o prêmio de melhor trilha sonora do longa-metragem Hans Staden, de Luis Alberto Pereira em 2002. Gravou e se apresentou com Egberto Gismonti, Naná Vasconcelos, Bugge Wesseltoft, Caíto Marcondes, Lucian Rogulski, Aylton Escobar, Rodolfo Stroeter e Tiago Pinheiro. Foi professora visitante nas Universidades de Chicago; Dartmouth, Indiana, e bolsista da Fundação Guggenheim e Vitae. Sua composição Sete Quartetos para Zé teve a première no Instituto de Estudos Avançados - IEA da USP, em outubro de 2010, durante memorial em homenagem ao poeta José Paulo Paes.

Nicolai Rimsky-Korsakov

(Rússia, 1844-1908)

Nicolai Rimsky-Korsakov deixou um considerável corpo de composições nacionalistas russas originais e formou uma geração de compositores e músicos mais jovens durante suas décadas como educador. Rimsky-Korsakov é, portanto, considerado “o principal arquiteto” do que a música clássica pública considera o estilo de composição russo. Sua influência para compositores mais jovens foi especialmente importante, pois ele serviu como uma figura de transição entre o autodidatismo que exemplificou Glinka e The Five e compositores profissionalmente treinados que se tornaria a norma na Rússia nos últimos anos do século XIX. Enquanto o estilo de Rimsky-Korsakov se baseava nos

de Glinka, Balakirev, Hector Berlioz e Franz Liszt, ele transmitiu esse estilo diretamente para duas gerações de compositores russos e influenciou compositores não russos, incluindo Maurice Ravel, Claude Debussy, Paul Dukas e Ottorino Respighi.

Niccolò Paganini

(Itália, 1782 - França, 1840)

Niccolò Paganini é considerado um representante do Romantismo que renovou o jeito de tocar violino. Recebeu as primeiras lições do pai, Antonio, e, antes mesmo dos seis anos, teve aulas com os melhores professores da cidade. Mas as primeiras apresentações em público começaram aos oito anos. Aos 13, ficou conhecido como “a criança-maravilha.” Viajou para a cidade de Parma para ampliar o conhecimento, mas os professores disseram que não tinham nada a acrescentar. Passou, então, a fazer seus próprios exercícios, e chegava a tocar 15 horas por dia. Foi quando também começou a compor. Mas só aos 27 anos Paganini passou a executar as próprias composições. Em 1828, aos 45 anos, iniciou uma volta à Europa que durou seis anos. Por onde passava, era aclamado. A execução de passagens delicadas chegava a arrancar lágrimas de quem assistia. Por vezes, tocava com tanta energia e velocidade que as pessoas diziam que Paganini tinha pacto com o diabo. Ele gostava de mostrar habilidades, como afinar a corda sol meio tom acima ou tocar apenas com ela, cortando as outras três. Também inovou. Memorizava todo o programa. Subia no palco e tocava sem partitura. Paganini ganhou muito dinheiro, mas gastava com jogatina e mulheres. Chegou a perder até o violino no jogo, mas um rico mercador francês emprestou-lhe outro. Depois do concerto, o mercador ficou tão entusiasmado que deu

de presente o instrumento a Paganini. Esse violino foi legado ao povo de Gênova e até hoje está preservado no museu dedicado ao artista. Considerado por muitos como o maior de todos os tempos, foi um ídolo que influenciou compositores como Schumann, Liszt e Berlioz. Compôs várias obras, entre elas Os 24 Caprichos para Violino.

Ola Gjeilo

(Noruega, 1978)

Começou a tocar piano e compor quando tinha cinco anos de idade, crescendo na cidade de Skui, Noruega. Confiando em sua capacidade instintiva para ouvir música, Ola sempre soube que queria ser um compositor desde muito jovem. Enquanto estava na escola, foi muito bom pianista e teve aulas de composição com Wolfgang Plagge. Em sua carreira de graduação, estudou na Academia Norueguesa de Música (1999 - 2001), transferido para a Juilliard School (2001), e estudou no Royal College of Music, em Londres (2002 - 2004) para receber o diploma de bacharel em Composição. Continuou seus estudos na Juilliard (2004 - 2006), onde concluiu o mestrado em 2006, também em Composição. Atualmente reside em Nova York. Suas composições foram o foco de um CD gravado com o Phoenix Chorale em 2009, intitulado Northern Lights: Choral Works por Ola Gjeilo. Além de compor cada faixa do álbum, Ola foi o pianista para cada uma das suas obras com piano na orquestração. Este álbum foi nomeado Melhor Álbum Clássico do Ano pela iTunes, em 2012, e foi o álbum mais vendido para as prestigiadas Chandos Registros, nos EUA, em 2012. Ola foi o primeiro compositor residente e vencedor do Grammy Phoenix Chorale.

Oswaldo Lacerda

(São Paulo, 1927-2011)

Pianista e compositor brasileiro, estudou com Ana Veloso de Resende, aperfeiçoando-se com Maria dos Anjos Oliveira Rocha. Em 1947, passa a ter aulas de piano com José Kliass e, três anos depois, com Camargo Guarnieri, que o desaconselha a tentar ser pianista para se dedicar à composição. Recebeu uma bolsa da Fundação Guggenheim para ter aulas com Aaron Copland e Vittorio Giannini, nos Estados Unidos. Pouco antes, contudo, Oswaldo Lacerda formou-se em Direito para satisfazer seu pai. Nessa época também criou a Sociedade Pró-Música Brasileira. Foi um dos compositores brasileiros que a American Composers Orchestra convidou para participar em Nova York, do Festival Sonido de las Américas: Brazil. Atuou como consultor na Comissão Nacional de Música Sacra; uma de suas proposições foi o uso da música sacra brasileira na liturgia da Igreja Católica. Casou com sua antiga aluna, a pianista Eudóxia de Barros. Lacerda ocupava a cadeira de número nove da Academia Brasileira de Música, que já foi de Brasília Itiberê da Cunha.

Palavra Cantada

(1994)

Palavra Cantada existe desde 1994, quando os músicos Sandra Peres e Paulo Tatit propuseram criar novas canções para as crianças brasileiras. Em todos os trabalhos que realizaram desde então, tornaram-se linhas marcantes a preocupação com a qualidade das canções e o respeito à inteligência e à sensibilidade da criança. A Palavra Cantada vem sendo aclamada pelo público e pela crítica como um trabalho diferenciado dentro da cultura musical voltada à criança. Objeto

de inúmeras matérias elogiosas, o Selo recebeu vários prêmios que o incentivaram a cumprir a difícil missão de unir sucesso com qualidade.

Piotr Ilitch Tchaikovsky

(Rússia, 1840-1893)

Compositor romântico, compôs trabalhos como sinfonias, concertos, óperas, balés, música de câmara e obras corais para as liturgias da Igreja Ortodoxa Russa. Alguns de seus trabalhos estão entre as obras mais populares dentro do repertório erudito. Ele foi o primeiro compositor russo a ter uma grande fama internacional, tendo feito aparições como maestro convidado no fim de sua carreira pelos Estados Unidos e Europa. Uma dessas apresentações foi no concerto inaugural do Carnegie Hall, em Nova York, em 1891. Tchaikovsky foi honrado, em 1884, com uma pensão vitalícia pelo Imperador Alexandre III. Embora não faça parte do chamado Grupo dos Cinco (Mussorgsky, César Cui, Rimsky-Korsakov, Balakirev e Borodin) de compositores nacionalistas daquele país, sua música se tornou conhecida e admirada por seu caráter distintamente russo, bem como por suas ricas harmonias e vivas melodias. Suas obras, no entanto, foram muito mais ocidentalizadas do que aquelas de seus compatriotas, uma vez que ele utilizava elementos internacionais ao lado de melodias populares nacionalistas russas. Tchaikovsky, assim como Mozart, é um dos poucos compositores aclamados que se sentia igualmente confortável escrevendo óperas, sinfonias, concertos e obras para piano.

Pixinguinha

(Rio de Janeiro, 1897-1973)

Normalmente conhecido apenas por ser um flautista virtuoso e um compositor genial, costuma-se desprezar seu lado de maestro e arranjador. Pixinguinha criou o que hoje são as bases da música brasileira. Misturou a então incipiente música de Ernesto Nazareth, Chiquinha Gonzaga e dos primeiros chorões com ritmos africanos, estilos europeus e a música negra norte-americana, fazendo surgir um estilo genuinamente brasileiro. Arranjou os principais sucessos da chamada “época de ouro” da música popular brasileira, orquestrando de marchas de carnaval a choros. Foi o primeiro maestro-arranjador contratado por uma gravadora no Brasil. Era um músico profissional, quando boa parte dos mais importantes músicos era amadora (os principais “chorões” eram funcionários públicos e faziam música nos horários de lazer). Pixinguinha foi, antes de tudo, um pesquisador de música, sempre inovando e inserindo novos elementos na música brasileira. Foi muitas vezes incompreendido e, apenas anos mais tarde, passou-se a dar o devido valor às suas composições. Pixinguinha foi um menino prodígio, tocava cavaquinho com 12 anos. Aos 13 passava ao bombardino e à flauta. Até hoje é reconhecido como o melhor flautista da história da música brasileira. Mais velho, trocaria a flauta pelo saxofone, pois não tinha mais a firmeza e embocadura necessárias. Aos dezessete anos grava suas primeiras instrumentações e, no ano seguinte, suas primeiras composições, nada menos que as pérolas Rosa e Sofres Porque Queres. Em 1922 tem uma experiência que transforma significativamente sua música. Um milionário patrocina a viagem de

Pixinguinha e de seu grupo Os Oito Batutas para uma turnê europeia. A temporada em Paris, que deveria ser de um mês, dura seis, tendo que ser interrompida devido a compromissos já assumidos no Brasil. Na Europa Pixinguinha trava contato com a moderna música europeia e com o jazz americano, então moda em Paris. Em 2017 comemorou-se Os 100 anos de uma das músicas mais apreciadas de Pixinguinha: Carinhoso.

Richard Georg Strauss

(Alemanha, 1864-1949)

É considerado um dos mais destacados representantes da música entre o final da era romântica e a primeira metade do século XX. É conhecido por suas óperas, sobretudo *Der Rosenkavalier* e *Salomé*; por suas *lieder*, especialmente *Quatro Últimas Canções* (*Vier letzte Lieder*), por seus poemas sinfônicos, como *Till Eulenspiegels lustige Streiche*, *Also sprach Zarathustra*, *Morte e Transfiguração* (*Tod und Verklärung*), *Uma Sinfonia Alpina* (*Eine Alpensinfonie*) e grandes obras orquestrais como *Metamorphosen*, geralmente interpretada como uma meditação sobre a bestialidade da guerra - diante da Alemanha devastada pela guerra, da destruição de Munique e de lugares muito caros ao compositor, como a Ópera da sua cidade, onde atuara como principal regente, entre 1894 e 1896. Strauss se notabilizou como regente orquestral na Alemanha e na Áustria. Com Gustav Mahler, é um dos principais representantes do Romantismo alemão tardio, depois de Richard Wagner.

Santiago Beis

(Uruguai, 1990)

Uruguai, residindo em Curitiba há pouco mais de um ano, Santiago é pianista, multi-

instrumentista e técnico em engenharia de áudio. Atua em diversos trabalhos e formações de música instrumental que vão do tango argentino, jazz, MPB à música latina, com apresentações no Teatro Guaíra, Biblioteca Pública do Paraná, SESC – Paço da Liberdade, Hospital Cruz Vermelha, Festivais de Música e Dança, além do circuito oficial da Oficina de Música de Curitiba – edições 2012/2013. Ministra aulas de música nas Escolas Airton Mann, Amusic e Jam Music. Atua como produtor e técnico de gravação produzindo como *free lancer* em estúdios como Audio Digital, Studio Sincope e Estúdio do SESC – Paço da Liberdade, no novo trabalho do saxofonista Gabriel Castro – CD *Trazos*, e nos trabalhos do saxofonista e multi-instrumentista Paulo Siqueira, ambos integrantes da Orquestra À Base de Sopro do Conservatório de Música Brasileira de Curitiba.

Tomaso Albinoni

(Itália, 1671-1750)

Albinoni foi um dos primeiros compositores a escrever concertos para violino solo. Sua música instrumental atraiu a atenção de Johann Sebastian Bach, que escreveu pelo menos duas fugas sobre temas de Albinoni (Fuga sobre um tema de Albinoni em Lá, BWV 950, Fuga sobre um tema de Albinoni em Si menor, BWV 951). Grande parte do seu trabalho foi perdida na Segunda Guerra Mundial, com a destruição da Biblioteca Estadual da Saxônia, durante o bombardeio de Dresden, em fevereiro de 1945. Por isso, pouco se sabe sobre seu trabalho a partir de meados da década de 1720. Ele compôs cerca de oitenta óperas, das quais 28 foram produzidas em Veneza entre 1723 e 1740, além de 30 cantatas, das quais só uma foi publicada (Amsterdam, c. 1701). Mas o que chegou até a nossa época foi sua obra instrumental, que havia

sido impressa, e nela se destacam os seus concertos para oboé.

Tomaso Vitali

(Itália, 1663-1745)

Compositor e violinista italiano era o filho mais velho de Giovanni Battista Vitali. Ele é conhecido principalmente por uma *chacona* em Sol menor para violino e baixo contínuo, que foi publicada a partir de um manuscrito na *Sächsische Landesbibliothek* em Dresden em *Die Hoch Schule des Violinspiels* (1867) editado pelo violinista alemão Ferdinand David. As modulações abrangentes do trabalho em chaves distantes aumentaram a especulação de que não poderia ser um trabalho barroco genuíno. Vitali estudou composição em Modena com Antonio Maria Pacchioni e foi empregado na Orquestra de 1675 a 1742. Foi professor, cujos alunos incluíam Evaristo Felice dall' Abaco, Jean Baptiste Senaillé, Girolamo Nicolò Laurenti e Luca Antonio Predieri. As obras autênticas de Vitali incluem um conjunto de sonatas trio publicadas com seus números 1 e 2 (1693), sonatas de câmara e sonatas de violino (incluindo seu opus 6), entre outros trabalhos. Entre aqueles que foram gravados incluem todos os op. 1 (no Naxos 8.570182), três das sonatas de violino (no rótulo suíço Gallo) e algumas das sonatas do op. 2 e 4 conjuntos (opus 4, nº 12 na Clássica CL 101 da Finlândia).

Waldemar Henrique

(Pará, 1905-1995)

Pianista e compositor, passou sua infância na cidade de Porto, Portugal. Voltou-se para a música quando retornou ao Brasil. Em Belém, estudou solfejo e piano com Nicota de Andrade. Estudou também violino, harmonia, composição e canto.

Minha Terra, composta em 1923, foi sua primeira música de sucesso. Estudou no Conservatório Carlos Gomes, tendo como professores Filomena Brandão e Ettore Bosio (harmonia e composição), e Beatriz Simões (piano). No Rio de Janeiro, para onde se mudou, estudou piano, composição, orquestração e regência com Barroso Neto, Newton Pádua, Arthur Bosmans, Lorenzo Fernandez. Suas obras têm principalmente como tema o folclore amazônico, indígena, nordestino e afro-brasileiro. Rádios, teatros e cassinos do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte foram os locais de sua maior atuação, tendo excursionado por todo o Brasil e pelo exterior. Ainda no Rio de Janeiro, além de professor, produziu programas para várias emissoras. Na Rádio Roquete Pinto foi diretor da seção de música orquestral. Apesar da sedimentação de sua carreira, seu primeiro disco foi gravado somente em 1956, com interpretação vocal de Jorge Fernandes. É autor da primeira versão musical de Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto (1958), poema dramático premiado pelo Jornal do Comércio. Por mais de 10 anos, o compositor dirigiu o Teatro da Paz, de Belém, PA. Trabalhou no Departamento de Cultura e no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, RJ. O livro Waldemar Henrique: o Canto da Amazônia, de José Claver Filho, foi publicado pela Funarte, em 1978 (vol. 2, da Coleção MPB). Em 1981 foi eleito para a Academia Brasileira de Música. Waldemar Henrique compôs mais de 120 canções, das quais pode-se citar Abalogum, Abaluaiê, Adeus, Boi-Bumbá, Cabocla Malvada, Coco Penuruê, Curupira, Cobra Grande, Essa Negra Fulô, Matintaperera, Meu Boi Vai-se Embora, Meu Último Luar, No Jardim de Oeira, Uirapuru.

Wolfgang Amadeus Mozart (Áustria, 1756-1791)

Foi um prolífico e influente compositor austríaco do período clássico. Mostrou uma habilidade musical prodigiosa desde sua infância. Já competente nos instrumentos de teclado e no violino, começou a compor aos cinco anos de idade e passou a se apresentar para a realeza europeia, maravilhando a todos com seu talento precoce. Chegando à adolescência, foi contratado como músico da corte em Salzburgo, porém as limitações da vida musical na cidade o impeliram a buscar um novo cargo em outras cortes, mas sem sucesso. Ao visitar Viena em 1781, com seu patrão, desentendeu-se com ele e solicitou demissão, optando por ficar na capital, onde, ao longo de sua vida, conquistou fama, porém pouca estabilidade financeira. Seus últimos anos viram surgir algumas de suas sinfonias, concertos e óperas mais conhecidos, além de seu Requiem. As circunstâncias de sua morte prematura deram origem a diversas lendas. Deixou uma esposa, Constanze, e dois filhos. Foi autor de mais de seiscentas obras, muitas delas referenciais na música sinfônica, concertante, operística, coral, pianística e camerística. Sua produção foi louvada por todos os críticos de sua época, embora muitos a considerassem excessivamente complexa e difícil. Estendeu sua influência sobre vários outros compositores ao longo de todo o século XIX e início do século XX. Hoje Mozart é visto pela crítica especializada como um dos maiores compositores do ocidente. Conseguiu conquistar grande prestígio, mesmo entre os leigos, e sua imagem se tornou um ícone popular.



Biografia dos Artistas



Abel Rocha
(São Paulo)
Regente

Abel Rocha é um especialista em ópera, mas sua posição de destaque no cenário brasileiro se deve a uma atuação versátil e diversificada no repertório sinfônico e também na direção musical de espetáculos cênicos, como balés, peças de teatro, e de diversos shows e musicais. Foi o responsável pela regência e direção musical de óperas do barroco de Monteverdi à modernidade de Schönberg e Debussy, passando por Händel, Mozart, Rossini, Donizetti, Verdi, Bizet e Puccini, entre outros, tendo realizado ainda a estreia mundial de títulos brasileiros como Anjo Negro, de João Guilherme Ripper, e A Tempestade de Ronaldo Miranda. Entre 2004 e 2009, teve atuação marcante como diretor artístico e regente titular da Banda Sinfônica do Estado de São Paulo, na qual empreendeu um profundo trabalho de reestruturação artística e administrativa. Nas temporadas de 2011 e 2012, foi diretor artístico do Teatro Municipal de São Paulo e regente titular da Orquestra Sinfônica Municipal, tendo recebido diversos prêmios da crítica especializada pela programação lírica da casa. Em sua atividade como regente orquestral, vem conduzindo programas sinfônicos com orquestras como a Sinfônica Brasileira (OSB), Sinfônica de Porto Alegre, Filarmônica de Minas Gerais, Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp), entre outras. Paralelamente, de 1983 a 2010, dirigiu o coral Collegium Musicum de São Paulo. Além da carreira artística, Abel Rocha tem atuado como professor e regente em diversos festivais de música e atualmente é professor de regência da Unesp e regente titular da Orquestra Sinfônica de Santo André.



Áldice Lopes (Paraná)
Figurinista

Ator, diretor, figurinista e produtor. Formado pelo Curso Permanente de Teatro da Fundação Teatro Guaíra, fundou o Grupo Delírio Cia de Teatro em 1984, com o ator, diretor e autor Edson Bueno, com quem participou em diversos espetáculos, entre eles: Um Rato em Família, A Sedução, Uma Visita para Frieda, New York por Will Eisner, Paisagem de Meninos, A Falecida, O Beijo no Asfalto, O Corvo, Investigação Sobre o Adeus, Coquetel Overdose, Se Eu Morresse Amanhã, Anatomia Humana Segundo Vico e Campanella, Fred & Clóe, Psicose A Comédia, Salomé Um Sonho de Oscar Wilde, O Evangelho Segundo São Mateus, Metaformose Leminski, Kafka, Capitu-Memória Editada, Macbeth, Projeto Poe, Minha Vontade de Bicho, Onde o Diabo Perdeu as Botas, Kafka A Vigília, Metamorphosis, A Vida Como Ela É, Satyricon Delírio. Além de Edson Bueno, trabalhou com os seguintes diretores: Cêsar Brie (Grupo Farfa & The Canada Project), Luís Otávio Burnier (Lume Teatro – Unicamp), Sérgio Britto, Gabriel Vilella, Cristina Pereira, Antônio Abujamra (Grupo Os Fodidos Privilegiados), Moacyr Góes, Paulo de Moraes (Cia Armazém de Teatro), Henrique Tavares, Fátima Ortiz, Maurício Vogue, Laércio Ruffa, João Fonseca, Lala Scheneider. É ganhador de 20 prêmios Gralha Azul. Como diretor de produção, trabalhou no Projeto Comboio Cultural, da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná durante dois anos com 150 profissionais das Artes Cênicas, com circulação nos 399 municípios do Paraná, Aterro do Flamengo no Rio de Janeiro e Parque do Morumbi em São Paulo com Música Popular Brasileira, Música Erudita, Espetáculo para Criança, Circo, Teatro de Bonecos, Dança e Ópera e os projetos, Festival Espetacular de Teatro de Bonecos de Curitiba, Fórum Cultural dos Municípios Lindeiros, Programa Integração Cultural com o Mercosul, Mostra em Língua Espanhola, Corredores Culturais do Mercosul, e Integração Cultural com o Mercosul. Foi um dos

organizadores e produtor do projeto Costurando a Liberdade e Cultura Popular promovido pelo Provopar em apresentações no Museu Oscar Niemeyer, Barragem Itaipu Binacional e 1ª Conferência Nacional de Segurança Pública em Brasília, DF. Organizou uma exposição de Artesanato Paranaense na ONU em Viena - Áustria. É fundador do grupo Delírio Cia. De Teatro e produtor dos corpos estáveis: Orquestra Sinfônica do Paraná, Balé Guaíra, G2 Cia de Dança, Escola de Dança Teatro Guaíra, Teatro de Comédia do Paraná, Festival Espetacular de Teatro de Bonecos, Festival de Ópera.



Alexandre Razera
(São Paulo)
Viola

Iniciou seus estudos musicais aos oito anos de idade, na Escola de Música de Piracicaba (SP). Graduiu-se pela Universidade de São Paulo (USP), sob a orientação de Marcelo Jaffé. Foi bolsista da Fundação Vitae para a Academia da Orquestra Filarmônica de Berlim (Alemanha), onde foi orientado por Wilfried Strehle, posteriormente estudando na Universidade de Artes de Berlim. No Brasil atuou como violista da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (OSESOP), Orquestra Experimental de Repertório e viola solo da Orquestra Sinfônica da Universidade de São Paulo (OSUSP). Também foi solista das orquestras sinfônicas Paulista, Santo André, Minas Gerais e Camerata Fukuda, entre outras. Ministrou aulas nos festivais de Campos do Jordão (SP), Juiz de Fora (MG) e Oficina de Música de Curitiba. É primeiro violista da Orquestra da Rádio e Televisão Eslovênia de Ljubljana e músico convidado da Mahler Chamber Orchestra, desde 2008. Participou de gravações com a Filarmônica de Berlim, sob a regência de Cláudio Abbado, Simon Rattle, Daniel Barenboim, Lorin Maazel, Kurt Masur, Nikolaus Harnoncourt, Trevor Pinnock, Gunter Wand. Realizou concertos, gravações e turnês junto a

várias orquestras europeias, como Filarmônica de Berlim, Orquestra da Rádio de Berlim, Orquestra de Câmara de Berlim, Orquestra da Ópera de Berlim, Mahler Chamber Orchestra e Orquestra da Rádio de Ljubljana.



Ângela Deeke Sasse
(PR)
Coordenadora
do MusicaR

Natural de Blumenau, formou-se no curso de Licenciatura em Música e em Bacharelado em Flauta doce na Escola de Música e Belas Artes do Paraná, onde concluiu também a pós graduação em Música de Câmera. Mestre em 2016 pelo Programa de Pós-graduação em Música da UFPR. Teve aulas com os flautistas: Plínio Silva, Flávio Stein, Hécio Müller e participou de Master class com: Bernardo Toledo Pizza, Ricardo Kanji, Christopher Ersham, Pierre Hamon e Rachel Brown. Participou de vários grupos, dentre eles: Boca de Forno (Coral Cênico), Terra Papagalis (Banda Renascentista), Extempore (Conjunto de Flauta Doce), Terra Canora (Conjunto de Música Antiga), Quadrante Sonoro (Quarteto de Flauta doce) e Quarteto de Flauta doce da Embap. Atualmente é professora de música na UNESPAR – Curitiba / Campus 1 - Escola de Música e Belas Artes do Paraná, e na Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Dirige e integra o Conjunto livre de Flauta doce da Embap - Ressonâncias, desde 2007, é membro do grupo de Música Antiga Iluminata desde 2017. Faz parte da equipe de Coordenação Pedagógica do Programa de Musicalização nas Regionais de Curitiba – MusicaR desde 2017, desenvolvido pela Fundação Cultural de Curitiba e a Instituto Curitiba de Arte e Cultura.



Bart Naessens
(Bélgica)
Regente

Bart estudou no Lemmens Institute em Leuven com o seu grande inspirador, professor Luc Ponet. Na sua classe, ele aprendeu não só a se concentrar no órgão, mas a criar um foco amplamente orientado do espectro musical e ter um respeito básico pela beleza intrínseca e pelo poder particularmente profundo da arte e da beleza. Em Paris, concluiu especialização (o chamado Prix d'excellence) de "música de órgão sinfônico francês" com a maior distinção e parabéns do júri. Em maio de 2007, se formou em cravo com Kris Verhelst e, em setembro de 2008, concluiu mestrado em direção de orquestra sinfônica na classe de Edmond Saveniers. Bart frequentou masterclass com Ben van Oosten, Ludger Lohmann, Louis Robillard, Leo Van Doeselaar, Menno Van Delft, Trevor Pinnock, Skip Sempé, Kazushi Ono, Bernard Haitink, Roland Börgner. Em 2016 concluiu o doutorado na Universidade Católica de Leuven - KU Leuven. Suas atividades musicais ocorrem em muitas áreas diferentes, nas quais é altamente respeitado, muito procurado e apreciado. Atua como músico solista e de câmara. Cada vez mais é visto em salas de concertos onde mora e no exterior com os mais diversos repertórios, desde polifonia precoce até criações de compositores contemporâneos. Como resultado tem recebido convites da Sociedade de Bacharões holandeses Ensemble Explorations, Zefiro Torna, Il Gardellino, Collegium Vocale Gent, Coro de Rádio Flamengo e Orquestra, Tulipa Consort, Il Fondamento, Les Muffatti, B' Rock, Currende (consorte), Orquestra Sinfônica Cluj, Coro e Orquestra do Teatro Royal Mint, La Hispanoflomenca, Ensemble Philidor, entre outras. Desde 1999, Bart tem sido palestrante e organista no Sint-Gilliskerk, em Bruges, onde toca o famoso órgão de Bach. Suas atividades pedagógicas ocorrem nas academias de Blankenberge e Ghent (De Poel)

e no Kunsthmaniora do Lemmensinstituut em Leuven, onde é organista principal e clavecista. Além disso, é professor de língua francesa no famoso Conservatório Royal de Bruxelas e pesquisador do Instituto Luca (Lemmensinstituut) em Leuven. Bart concentra-se cada vez mais como regente e é regularmente requisitado como convidado. Ele é diretor artístico do Roeselaars Kamerkoor. Em setembro de 2014, ele foi selecionado entre 400 candidatos para realizar a última semana de uma competição internacional / masterclass em Cluj (Romênia), na qual também ganhou o 1º prêmio. Em 2015 faz sua estreia intercontinental como regente sinfônico em apresentações na América do Norte e do Sul. Em 2007 fundou junto com sua esposa, Amayllis Dieltiens, o conjunto Capriola di Gioia para a prática do repertório barroco de forma original e influenciada. Bart também é fundador-regente da orquestra X-travaganza, onde já pode ser ouvido nacionalmente e internacionalmente em inúmeras produções, desde música barroca até música contemporânea.



Cintia de Los Santos
(Rio Grande do Sul)
Soprano

Cintia de Los Santos é Soprano Lírico Licenciada em Música com habilitação em Piano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Natural de Porto Alegre, iniciou os seus estudos vocais em 1991 a partir da prática do Canto Coral. Possui experiência artística como solista em obras para Soprano e Orquestra Sinfônica, Filarmônica e de Câmara e Recitais no Brasil, na França, Estados Unidos, China e Japão. Atua como protagonista em obras tais como Carmina Burana de Carl Orff, Messias de G. F. Haendel, Paixão Segundo São Mateus, Paixão Segundo São João e Magnificat de J. S. Bach, Magnificat de John Rutter, dos espetáculos Beatles Magical Classical Tour, Prêmio Açorianos com a Orquestra de Câmara da ULBRA e Musical

Chimango de Artur Barbosa, ópera As Bodas de Figaro de Mozart, Orfeo Dolente de Domenico Belli, Dido e Enéias de Henry Purcell, entre outros. Em 2014 foi indicada como melhor intérprete de Música Erudita pelo Prêmio Açorianos de Porto Alegre, lançou o CD Vox Aurumque com o Coral da UFRGS e o DVD Súbita Conexão de Marcelo Nadruz. Em 2017 lançou o livro A Arte da Técnica Vocal – Caderno I pela EDIPUCRS. Como preparadora vocal orienta os Corais da PUCRS, PROCERGS, Viva la Vida, em Porto Alegre, sendo atualmente a nova integrante do grupo Vocal 5, vencedor do programa A Cappella da Rede Globo (2016). Realiza a sua manutenção vocal com o barítono Carlos Rodriguez.



Clara Couto (São Paulo)
Dança

É bailarina, historiadora e professora. Tem formação em dança clássica e contemporânea e integrou a Uai Q Dança Cia. Estudou dança barroca na França, Portugal e Suécia com Béatrice Massin, Cecília Grácio Moura, Catarina Costa e Silva, Anna Romani e Catherine Turocy, entre outros. É mestre em História Social pela USP (2015) com estágio de pesquisa na França (Sorbonne-Paris IV), tendo estudado as danças e os balés de corte na França do século XVII.



Cristian Budu
(Brasil/Bélgica)
Piano

Brasileiro de origem romena, o jovem pianista Cristian Budu é considerado um dos expoentes de sua geração. Dotado de musicalidade genuína e uma calorosa força de comunicação, sua personalidade artística e sensível pianismo vêm sendo internacionalmente reconhecidos. Laureado com o primeiro lugar em diversos concursos nacionais, como o Concurso Nelson Freire (2010) e o Programa Prelúdio da TV

Cultura (2007). Em 2013, tornou-se o primeiro brasileiro a vencer o 25º Concours International de Piano Clara Haskil, na Suíça. Esse prêmio tem sido considerado pela crítica no Brasil como a mais importante premiação a um pianista brasileiro nos últimos 20 anos. Além do grande prêmio, Cristian também arrebatou o prêmio do público e o prêmio Children's Corner, vencendo também o concurso Wild Card Ensemble Honors Competition do New England Conservatory em Boston. Budu desenvolve uma carreira intensa como solista e camerista, apresentando-se na América do Sul, Europa, Estados Unidos e Israel. Dedicou-se também à música popular. Em 2009, participou como convidado especial de um espetáculo de Antônio Nóbrega no Auditório Ibirapuera e, em Boston, é integrante de um quarteto especializado em choro. Budu é mestre em Performance Pianística pelo New England Conservatory (EUA), onde foi bolsista de 2010 a 2012, na classe de Wha Kyung Byun, e bacharel em Música pela USP na classe de Eduardo Monteiro. Antes disso, estudou com Elsa Klebanovsky (pupila de Wilhelm Kempff).



Diego Schuck Biasibetti
(Rio Grande do Sul)
Regente

É formado na Hochschule für Künste (Bremen - Alemanha) em Violoncelo Barroco com a professora Viola de Hoog e em Viola da Gamba com a professora Hille Perl e na UFRGS em Regência Coral com o Prof. Dr. Joceley Bohrer. Tem participado em produções de CD e DVD no Brasil e na Alemanha e ainda em vários grupos do exterior como Balthasar Neumann Ensemble, Bremer Barock Consort, Concerto Copenhagen e Die Kölner Akademie. Como regente e solista, tem atuado com orquestras do sul do Brasil como Orquestra Unisinos-Anchieta, Orquestra Sinfônica da UCS e Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, tendo também destaque na direção da produção Ópera

na UFRGS, desde 2012. Atualmente é violoncelo solista na Orquestra Sinfônica de Porto Alegre e Unisinos-Anchieta, violoncellista e regente assistente do maestro Manfredo Schmiedt na Orquestra Sinfônica da UCS e regente do Porto Alegre Consort.



Domenico Nordio

(Itália)
Violino

Nascido em Veneza, Domenico Nordio é tido como um dos mais importantes músicos de sua geração. O violinista italiano apresentou-se nas principais salas de concerto do mundo, como o Carnegie Hall em Nova York, Salle Pleyel em Paris, Teatro alla Scala em Milão, Barbican Centre em Londres e Suntory Hall em Tóquio, com orquestras de renome como a London Symphony, a National de France, Orquestra Nazionale della RAI, Orquestra Filarmônica Borusan de Istambul, SWR Sinfonieorchester Stuttgart, Sinfonia do Estado de Moscou, entre outras. Entre os maestros com os quais trabalhou estão Peter Maag, Isaac Karabtschewsky, Pinchas Steinberg, Claus Peter Flor, Jean Claude Casadesus, Yehudi Menuhin. Aluno de Corrado Romano e Michèle Auclair, ex-menino prodígio (deu seu primeiro recital com dez anos de idade), ganhou, aos dezesseis anos, o Concurso Internacional Viotti em Vercelli com Yehudi Menuhin como Presidente do Júri. A partir de então, firmou-se vencendo diversos concursos do mundo como o Eurovision Grand Prix de Amsterdã, obtido em 1988, que o lançou à carreira internacional.



Dulce Primo

(Minas Gerais/Paraná)
Prática de Coro Infantil e Infantojuvenil

É natural de Minas Gerais. Iniciou seus estudos de música em Belo Horizonte, na Fundação de Educação Artística. Cantou no Coral ARS NOVA, sob a regência do

maestro Carlos Aberto Pinto Fonseca. Licenciada em Educação Artística - Habilitação em Música pelo IMSP. Estudou inglês na Inglaterra e USA. Curso de especialização no Método Kodaly Hungria, sendo reconhecida com mérito a melhor aula ministrada dentre 250 alunos representantes de vários países. Professora de regência, didática e prática de Coro Infantil, tem ministrado cursos em oficinas de música em Curitiba (1983 a 2001), Ouro Preto, Londrina, Campos do Jordão, Paraíba, Rio Grande do Sul, Poços de Caldas. Foi vice-coordenadora do CMI da Escola de Música da UFMG. Lecionou no período de 1980 a 1986 classes de flauta doce para as turmas de Licenciatura em Música e Formação Musical. Diretora musical e regente do projeto Natal do HSBC há 21 anos, hoje assumido pelo Bradesco. Foi vice-coordenadora do Centro de Musicalização Infantil da Escola de Música de UFMG, onde gravou o CD Musicando a Vida. Desde 1994 tem dirigido a gravação do coral de Natal do HSBC. Toda sua carreira é dedicada ao coral infantil e formação de professores de Educação Musical através da voz. Atuou em vários festivais no Brasil, sendo o primeiro o 5º Festival de Música de Ouro Preto, 1971. Em destaque, a regência do coral de 15 mil vozes na abertura do 4º Festival de Cascavel. Criou a classe de Didática e Prática de Coro Infantil na Oficina de Música de Curitiba, na qual atuou por 17 anos. É fundadora do curso de Educação Musical para Professores na cidade de Mogi das Cruzes, regendo coral de três mil vozes, fruto desse trabalho.



Edmundo Villani-

Côrtes (Minas Gerais,
1930) - Compositor
Homenageado da III
Semana de Canto

Coral Henrique de Curitiba

Edmundo Villani-Côrtes é pianista, maestro, arranjador e compositor brasileiro. Iniciou sua carreira profissional como pianista da Orquestra

Tamoio, do maestro Cipó no Rio de Janeiro e da Orquestra de Luís Arruda Paes. Estudou composição com Camargo Guarnieri e H. J. Koellreutter. Na década de 1960, trabalhou em gravadoras e em emissoras de TV, chegando a escrever mais de 600 arranjos para as orquestras da TV Tupi e TV Globo. Como pianista, acompanhou a cantora Maysa e o cantor Altemar Dutra em excursões ao exterior. Em 1968, fez arranjos e composições para o filme "O matador", de Amaro César e Egídio Ézio. Nos anos 1970, trabalhou como arranjador na TV Tupi de São Paulo, realizando mais de mil orquestrações para músicas de vários gêneros. Em 1978, venceu o Concurso Noneto de Munique, na Alemanha. Em 1986, obteve o 1º lugar no Concurso de Composição da Editora Cultura Musical, com a peça para violão "Choro pretensioso". Em 1990 e 1991, foi regente da Orquestra Jazz Sinfônica do Estado de São Paulo. Villani-Côrtes recebeu dois prêmios APCA, o primeiro em 1990, com a peça vocal "Ciclo Cecília Meirelles", e o segundo em 1995, com a melhor peça coral sinfônica "Postais paulistanos". Suas composições incluem várias obras de música orquestral, de câmara, instrumental e vocal, além de música eletroacústica. Algumas de suas obras podem ser ouvidas nos CDs: "Música brasileira para canto e piano" (1996, Rio Arte) e "Estados d'Alma" (1997, Sony). Villani-Côrtes lecionou arranjo, improvisação, contraponto, orquestração e composição na Academia Paulista de Música; no Instituto de Artes da UNESP, e no Festival de Inverno de Campos do Jordão. Em 1981, foi vencedor da Feira Livre de MPB, patrocinada pela TV Cultura, e escolhido como regente, arranjador, autor e compositor para representar o Brasil no México, no 10º Festival da OTI.. Em 1986, foi vencedor do concurso de composição patrocinado pela Editora Cultura Musical, tendo obtido o 1º lugar com a peça para violão "Choro Pretensioso", e 2º lugar com a peça para piano "Ritmata nº 1". Entre 1988 e 1991 atuou como pianista do programa "Jô Soares onze e meia",

no SBT. Em 1992, foi escolhido pela Escola de Música Arte Livre como compositor do ano. No ano de 1993, foi vencedor do concurso promovido pela prefeitura de São Paulo, com a composição "Rua Aurora", baseada em texto do poeta Mário de Andrade por ocasião de seu centenário de nascimento. Em 1996, sua peça "Chorando", para contrabaixo e piano, obteve o 3º lugar no II Concurso Nacional de Composição para Contrabaixo, promovido pela Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais. No mesmo ano, foi premiado pela APCA pelo "Concerto para vibrafone e orquestra". Compôs também o "Concerto para flauta e orquestra", estreado em 2000, em Londres, e o "Te Deum", em comemoração aos 150 anos da cidade de Juiz de Fora - Minas Gerais. Edmundo Villani-Côrtes possui Mestrado em composição pela Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Doutorado pela UNESP.



Edson Bueno (Paraná)
Ator

Autor, roteirista, diretor e ator de teatro, além de roteirista de cinema, já tendo recebido 18 prêmios Gralha Azul para os melhores do Teatro Paranaense e dois Kikitos em Gramado por roteiros de cinema. Dirigiu mais de 120 espetáculos de teatro em seus 35 anos de profissionalismo, além de espetáculos de dança para o Teatro Guaíra, Ballet da Cidade de São Paulo e Mercearia da Dança, também de São Paulo. É responsável por espetáculos de ópera, tais como Aída, de Verdi, O Elixir do Amor e La Serva Padrona. Edson Bueno é curitibano e já exerceu funções públicas como Diretor de Ação Cultural e Artística da Secretaria de Cultura do Paraná e Fundação Cultural de Curitiba. Já participou do projeto Palco Giratório do Sesc, por duas vezes, e do Fenata/Ponta Grossa, tanto como jurado quanto apresentando espetáculos na mostra competitiva e paralela. Edson Bueno é um dos criadores do Grupo Delírio Cia. de Teatro,

companhia teatral curitibana que em 2017 completou 35 anos de atividades ininterruptas, responsável por alguns dos espetáculos mais importantes criados no Paraná.



Érico Marques

(Goiânia/Rio Grande do Sul)
Oboé

Natural de Goiânia (GO), iniciou seus estudos musicais aos oito anos de idade e o primeiro contato com o oboé foi aos 10 anos. Porém, pela falta de professor na cidade, Érico só conseguiu ter aulas regulares do instrumento aos 14 anos de idade, época em que viajava a Brasília para fazer aulas com José Medeiros (Primeiro oboé do Teatro Nacional de Brasília). Em 2011, aos 17 anos foi vencedor do I Concurso Nacional de Oboé na categoria juvenil, realizado durante o 6º Femusc. No mesmo ano mudou-se para São Paulo, onde foi orientado pelo professor Arcádio Minczuk, durante o bacharelado em oboé na UNESP. Dois anos mais tarde, 2013, deixou a universidade para ser bolsista da Academia de Música da OSESP, sendo orientado por Joel Gisiger. Em 2015 venceu um dos prêmios do Concurso Eleazar de Carvalho, que acontece durante o Festival de Campos do Jordão. Isso possibilitou a ele a realização de um intercâmbio de três meses na Royal Academy Of Music (UK), na qual teve aulas regulares com Cilia Nicklin. Em 2016 foi admitido como primeiro oboé na Orquestra Sinfônica de Goiânia. Em 2017 foi admitido como oboé da Orquestra Filarmônica de Goiás e atualmente é oboísta da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (RS).



Fernando Cordella

(Rio Grande do Sul)
Direção Musical e cravo

É considerado um dos principais cravistas de sua geração na América Latina. Em 2015 recebeu, em São Paulo, o prêmio TOYP JCI Brasil

como a figura mais expressiva no Brasil do ano, na categoria “Êxito Cultural”. Em 2016 assumiu o posto de professor titular e coordenador da Oficina de Música Barroca da Escola Municipal de Música de São Paulo - EMMSP, vinculada ao Theatro Municipal de São Paulo. Tem atuado fortemente como solista e maestro convidado nas principais orquestras do Brasil. Na música de câmara tem atuado com Peter van Heyghen, Luiz Otávio Santos, Emmanuele Baldini, Roman Garrioud, Michaela Comberti, Juan Manuel Quintana, Rodolfo Richter, entre outros. Pianista de formação, iniciou seus estudos musicais em Carazinho com Fabiane Tombini, dando sequência em Porto Alegre, com a pianista Dirce Knijnik. No cravo, teve Nicolau de Figueiredo como seu principal mestre. Vencedor do Prêmio Açorianos 2011 como melhor intérprete da categoria música erudita pelo disco CRAVOS - de Frescobaldi a Mozart. Cordella é diretor artístico e maestro titular da Orquestra Sinfônica de Carazinho e da Sociedade Bach Porto Alegre.



Gabriel Schwartz

(Paraná, 1976)
Compositor e Flauta solo

Nascido em Curitiba, Paraná, formou-se em 2001 no curso de flauta transversal com Zélia Brandão pelo Conservatório de MPB e em 2002 graduou-se no curso de bacharelado em Flauta Transversal da EMBAP com Giampiero Pillati. Atua na Orquestra À Base de Sopro de Curitiba como saxofonista, flautista, arranjador e regente assistente. Com a OABS tem seis trabalhos fonográficos lançados, entre eles o CD/DVD ao vivo Orquestra À Base de Sopro de Curitiba & André Mehmari, do qual Gabriel fez a direção musical e regência. Também com André Mehmari, Gabriel fez uma participação no CD Angelus na gravação da Pequena Suíte Popular Brasileira. Em 1998 fundou o Trio Quintina, interpretando Música Popular Brasileira no qual

atua como multi-instrumentista, compositor e cantor. Com o Trio Quintina lançou até hoje cinco CDs, dois DVDs e um box triplo comemorativo dos 15 anos do grupo. Participou duas vezes da programação de concertos Música de Câmara da Capela Santa Maria em 2008 e 2010 ao lado de Davi Sartori, Dimos Goudaroulis, Ralf Dantas Barreto e Danilo Koch. Em 2010, lança o CD instrumental com o grupo Variedades Contemporâneas, no Teatro do Paiol, em Curitiba, com a participação de Gabriele Mirabassi e Laércio de Freitas. Posteriormente, em 2013, este show também foi lançado em DVD. Em 2014, após ministrar alguns workshops em Valência/Espanha, como resultado deste intercâmbio, Gabriel participa do lançamento do CD Brasileira com Thaís Morell e Orquestra À Base de Sopro Sedajazz, na programação do XVIII festival internacional de jazz de Valência, em concerto realizado no Palau de la Música.



Giovana de Liz (Paraná) Atriz

Graduação de 1988 a 2001. Pós-Graduação em Arte-Educação na Faculdade de Artes do Paraná. Estudou teoria e prática vocal, com Tayana Barbosa, Curso de Formação de Plateia, O Drama Europeu no Século XX com Anna Camati. Curso de Arte na Educação Ministrado por Hélio Barbosa. Fez curso de teatro ministrado pelos seguintes artistas: Amir Haddad, Marco Naninni, Pedro Paulo Rangel e Maria Padilha. Curso de dança contemporânea ministrado por Lou Monteiro (BH) e dança clássica ministrado por Jair Morais. Já atuou nas peças: “Entre lágrimas e cutículas” - Direção George Sada, “Peter Pan e a Terra do Nunca”, “A bicicleta do Condenado”, “As Fabulosas Histórias do Menino Leonardo”, “O Grande Rei Leão”, “Sonho de Uma Noite de Verão” - Direção Mauricio Vogue. “O Trenzinho do Caipira. Projeto Villa Lobos pra Crianças de Todas as Idades” - Direção: Giovana de Liz e

Letícia Guimarães. “O Marido Confundido” - Direção: Ney Mendes. Tenesse - Direção: Marcos Drewniak.



Helena Jank (São Paulo) Cravo

Helena Jank é considerada uma das maiores cravistas do Brasil e do mundo. Por influência da mãe, pianista e organista, começou estudando piano. Aos 17 anos, foi à Alemanha estudar órgão e lá entrou em contato com o estudo do cravo e nunca mais largou o instrumento. Na área acadêmica, Helena concluiu o doutorado em Música pela Universidade Estadual de Campinas em 1988. Professora titular da mesma Universidade, é especialista na interpretação da música barroca historicamente orientada. Desenvolve pesquisa sobre retórica musical do período barroco, a relação texto-música e o uso de figuras retóricas na expressão dos afetos em música desse período. Em seu projeto de doutorado apresentou uma análise interpretativa das Variações “Goldberg” de Johann Sebastian Bach, obra que se tornou determinante para sua concepção musical, no decorrer de toda a carreira artística e acadêmica. Na graduação, lecionou cravo, baixo contínuo, música de câmara e história da música. Na pós-graduação é orientadora de projetos de mestrado e doutorado, ligados às linhas de pesquisa: práticas interpretativas e musicologia histórica. Helena Jank foi diretora do Instituto de Artes, entre 1999 e 2003.



Keith McCutchen (Estados Unidos) Regente

Pianista, compositor, maestro, Keith McCutchen é diretor do Coro da Kentucky State University e diretor de atividades corais na mesma universidade. Anteriormente, McCutchen ensinou teoria musical e piano

de jazz no St. Olaf College, Northfield Minnesota, dirigiu os conjuntos de jazz vocal na Universidade de Minnesota, além de atuar como diretor do African American Choral Ensemble na Indiana University, Bloomington. Na Universidade de Indiana, McCutchen concluiu seu doutorado em Direção Coral da Jacobs School of Music. Keith graduou-se em Educação Musical com ênfase em Direção Coral e Piano na Kentucky University. Keith ensinou na Escola do Condado de Fayette, Lexington Kentucky, ensinou Artes e Humanidades na Tates Creek Middle School e na Escola Secundária Henry Clay e Escola para Artes Performáticas, SCAPA, de Lexington. McCutchen dirigiu o coro de St. Olaf. Seu arranjo de Amazing Grace foi gravado pelo Coro de St. Olaf, CD Great Hymns of Faith, vol.18, e também foi executado no Simpósio Mundial de Coro, realizado em Seul, Coreia do Sul. O arranjo de McCutchen de OI 'Time Religion / When the Saints Go Marching In foi gravado pelo American Spiritual Ensemble, direção de Everett McCorvey. Como maestro, pianista, compositor, McCutchen estreou suas Vésperas de Jazz para Coro, Solista, Orquestra e Jazz Quinteto em 2013, Curitiba, Brasil. No outono de 2014, a Orquestra Comunitária Des Moines encomendou e estreou a composição de McCutchen We Shall Lift Every Voice and Sing: A Historical Narrative for Chorus and Orchestra, para comemorar o 50º Aniversário da Lei de Direitos Civis. Mais recentemente, no verão de 2016, atuou como regente convidado, pianista e compositor no Coro da Juventude do Guri Santa Marcelina e Tom Jobim Big Band, São Paulo, Brasil. Keith atuou e lecionou com NEA Jazz Masters, compositor, David Baker, baixista, Richard Davis, e editor, educador, Jamey Aebersold. Ele atua regularmente com seu trio e quinteto de jazz.



Lúcia Passos
(Rio Grande do Sul)
Oficina de Técnica Vocal

Mineira, radicada no Rio Grande do Sul, trabalha como professora de técnica vocal para coro, paralelamente às atividades de cantora e professora de canto. Foi professora de técnica vocal do Coral Unisinos – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (RS) por 26 anos e coordenadora cultural da mesma universidade, durante cinco anos. Ministrou cursos por todo o Brasil, por meio da Funarte, incentivando o desenvolvimento do canto coral, bem como a formação de novos orientadores vocais. Foi solista da Orquestra Sinfônica Brasileira, Orquestra de Câmara da OSPA e Orquestra de Câmara Theatro São Pedro, entre outras.



Luís Otávio Santos
(Minas Gerais/São Paulo)
Regente

Formado em violino barroco pelo Koninklijk Conservatorium Den Haag, Holanda, onde recebeu o Diploma de Solista (master's degree) em 1996. Desde 1992 é spalla e solista da renomada orquestra barroca La Petite Bande (dir. Sigiswald Kuijken), com a qual já realizou turnês por toda Europa, China, Japão, México, Argentina, Colômbia e Chile. Gravou dezenas de CDs e programas de televisão para as TVs belga, francesa e japonesa. Também lidera outros grupos na Europa, tais como Ricercar Consort (direção de Philippe Pierlot), Le Concert Français (direção de Pierre Hantaï), Nederlandse Bachvereniging (direção de Gustav Leonhardt) e Den Haag Baroque Orchestra. Foi professor de violino barroco na Scuola di Musica di Fiesole em Florença, de 1997 a 2001, e no Conservatoire Royal de Musique de Bruxelles, de 1998 a 2005. Em 2004, foi professor convidado na Musik Hochschule de Leipzig, na Alemanha, e por várias

vezes foi membro do júri nos exames finais do Conservatoire de Musique de Genève, na Suíça, e do Conservatoire National Supérieur de Musique de Lyon, na França. Na sua discografia solo destacam-se a íntegra das Sonatas de Johann Sebastian Bach (ao lado do cravista Peter - Jan Belder) para o selo holandês Brilliant, As Quatro Estações de Vivaldi com La Petite Bande, pelo selo belga Accent, e das Sonatas para violino de J. M. Leclair para o selo alemão Ramée. Este último recebeu o prêmio Diapason d'Or na França, a maior distinção francesa concedida a um registro fonográfico. No Brasil é o diretor artístico do Festival Internacional de Música Colonial Brasileira e Música Antiga de Juiz de Fora, evento que há 19 anos promove e divulga a interpretação histórica da música antiga. Nesse evento é também regente da Orquestra Barroca do Festival, que já gravou nove CDs e um DVD com obras brasileiras e europeias, em registros inéditos no Brasil. Em 2005, a Orquestra Barroca recebeu o prêmio Diapason de Ouro, concedido pela revista Diapason Brasil. É também coordenador e professor fundador do Núcleo de Música Antiga do Centro de Estudos Tom Jobim - Universidade Livre de Música, em São Paulo. Em 2007, Luís Otávio Santos foi agraciado com o título de Comendador da Ordem do Mérito Cultural, concedida pelo Governo Federal e o Ministério da Cultura, por suas realizações em prol da cultura nacional e pelo reconhecimento de sua carreira internacional. Em 2011, Luis Otávio foi colocado na lista da revista Época entre as 100 personalidades mais importantes do ano, figurando entre nomes como Luis Inácio Lula da Silva, Dilma Rousseff, entre outros.



Márcio Steuernagel
(Rio Grande do Sul/Paraná)
Regente

Nascido em 1982, é mestre em Música pela UFPR, graduado em Composição e Regência pela EMBAP e Bacharel em Música pela

UFPR. Estudou regência com Osvaldo Ferreira, aperfeiçoando-se em cursos com Daisuke Soga e masterclass com Kurt Masur. Recebeu o primeiro prêmio no Concurso Nacional de Composição Michel Debost (2005); o Prêmio Funarte, na XVII Bienal de Música Brasileira Contemporânea (2007), e o Prêmio Funarte de Composição Clássica (2010). Foi bolsista no 40º Festival de Inverno de Campos do Jordão (2009), tendo aulas de composição com Stefano Gervasoni (Conservatório de Paris), e selecionado para o Workshop de Composição com o duo Friedrich-Schulkowski promovido pelo Goethe Institut em Córdoba, Argentina (2009). Em 2011 foi Diretor Executivo da I Bienal Música Hoje, evento internacional de música contemporânea em Curitiba e, em 2013, foi Compositor Residente no Visby International Center for Composers, Suécia. Dirigiu o Madrigal Ars Lubilorum e foi maestro assistente da Orquestra Sinfônica do Paraná. É membro fundador do Ensemble entre Compositores, professor na Escola de Música e Belas Artes do Paraná e regente da Orquestra Filarmônica da UFPR.



Maurício Aguiar
(Brasil/Estados Unidos)
Violino

Maurício Aguiar, primeiro violinista da Orquestra Sinfônica de Cincinnati há 20 anos, reside nos Estados Unidos desde 1991, onde cursou o Bacharelado em Música na Universidade de Cincinnati e o mestrado na Universidade Yale. Nessas universidades teve como professores de violino a célebre pedagoga Dorothy DeLay e Peter Oundjian, estudando música de câmara com os Quartetos de Tóquio. Na Universidade Yale, Maurício também concluiu a construção de seu primeiro violino, sob a tutela de Michael Becker, no qual tocou seu recital de formatura e, em seguida, no concurso para ingressar na Orquestra Sinfônica de Cincinnati. Desde então, Maurício tem também se dedicado à arte da

luteria, construindo violinos, violas e violoncelos. Seu tempo na sinfônica de Cincinnati lhe permitiu que trabalhasse sob a batuta de James Levine, Valery Gergiev, Sir Roger Norrington, Paavo Jarvi, Pinchas Zukerman, Itzhak Perlman, Roberto Minczuk, James Conlon, apresentando-se em várias turnês pela Europa e Ásia e como solista sob a regência do regente espanhol Jesus Lopez-Cobos. Mauricio iniciou os estudos de violino aos seis anos através do método Suzuki com a professora Hildegard Martins e mais tarde com Paulo Bosisio, cujos trabalhos lhe ajudaram a vencer vários concursos nacionais e aparecer como solista das principais orquestras sinfônicas do país. Graças a uma licença de dois anos de seu posto em Cincinnati, em 2012, Mauricio pôde voltar ao Brasil, dividindo seu tempo como spalla da Orquestra Sinfônica Brasileira e da Orquestra de Câmara de Curitiba, onde teve a chance de trabalhar com colegas, professores e amigos queridos de infância.



Maurício Vogue (Paraná)
Diretor Cênico

Ator, diretor, cenógrafo, dramaturgo e cantor. Iniciou sua formação artística no circo e no teatro de pavilhão, ainda criança, mas foi em Curitiba que se deu o desenvolvimento de seu talento como ator, cantor, bailarino e diretor de teatro. Iniciou seus estudos de dança no Curso de Dança Clássica da Fundação Teatro Guaíra e no Grupo de Dança da UFPR. Como cantor teve orientação de Pepes do Valle. Como ator trabalhou com os principais diretores de teatro nacional como Edson Bueno, em *New York By Will Eisner*, Marcelo Marchioro na Ópera *Barbeiro de Sevilha*, e os Espetáculos *A Flauta Mágica*, *Lulu uma Dupla Tragédia*; com Sérgio Brito na Ópera *Carmem* e com Gabriel Vilela em *Aurora da Minha Vida*. Participou do show *Tambores de Minas*, com Milton Nascimento, percorrendo o Brasil numa turnê durante dois anos. Recebeu os prêmios

Governador do Estado - Troféu Gralha Azul, como melhor ator coadjuvante com a peça *Alice no País das Maravilhas*, direção Paulinho Maia, e o prêmio de melhor ator em *O Menino Maluquinho*, de Ziraldo, com direção de Fátima Ortiz. Como Diretor destacam-se os prêmios: Troféu Gralha Azul de melhor diretor (1996 - *Peter Pan na Terra do Nunca*); Troféu Gralha Azul de melhor diretor e melhor texto original (2000 - *O Menino Rei*). Atualmente é cantor da Banda Denorex 80.



Melina Sanchez (SP)
OFICINA - Corpo e Expressividade em Canto Coral

Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, graduada em Terapia Ocupacional pela mesma universidade. Especializou-se em Dança-Educação pelo Trinity Laban (Londres, 2002) e Laban e Didática da Dança no Caleidos Arte e Ensino (São Paulo, 2003-2008). Dentre os vários cursos de formação, destacam-se Reeducação do Movimento com Ivaldo Bertazzo, Danças Circulares com Friedel Kloeke-Eibl e Mônica Goberstein (Semente Dança) e Yoga com Histórias com João Soares e Rosa Muniz. De 2011 a 2014 foi coordenadora pedagógica da Escola de Dança de São Paulo (antiga Escola Municipal de Bailado - Teatro Municipal de São Paulo). Foi consultora em Dança do Programa Fábricas de Cultura da Secretaria Estadual de Cultura de São Paulo (2009-2010). Possui ampla experiência como professora de dança para bebês, crianças, adolescentes adultos e pessoas com deficiência em cursos livres e em escolas de ensino regular. Na interface entre Dança e Educação Musical atuou em projetos de extensão, pesquisa, e docência, bem como em projetos de educação continuada para professores – entre eles “Música em Movimento” (UFSCar/ Prefeitura de São Carlos); “Dança Escola” (Caleidos/ Prefeitura de São Carlos) e “Rede em Rede” (SME/DOT – São Paulo). Foi professora no curso

de Licenciatura em Música da UFSCar (2007 a 2008) e no curso de Graduação EAD da mesma Universidade (2008-2012). Como bailarina tem uma formação diversificada – fez Balé Clássico e desde 1995 se dedica à Dança Contemporânea. Foi intérprete criadora da Caleidos Cia. de Dança (São Paulo) de 2004 a 2010 sob direção de Isabel Marques. Atualmente é professora do Curso Superior de Música (Licenciatura) e da Pós-graduação da Faculdade Cantareira e parceira do Instituto Caleidos.



Miguel Geraldi
(São Paulo)
Tenor

Iniciou seus estudos com o contralto Gledys Pierri e se aperfeiçoou com o soprano Neyde Thomas e correpetidores como Joaquim Paulo do Espírito Santo, Lázaro Wenger e Ruy Homem de Mello. Já integrou importantes grupos especializados em música antiga como Armônico Tributo, Coro Bach e Camerata Antiqua de Curitiba. Atualmente integra o Coro Lírico do Theatro Municipal de São Paulo. Tem se apresentado com importantes orquestras brasileiras como a Sinfônica Municipal de São Paulo, Orquestra Sinfônica do Paraná, Orquestra Sinfônica de Campinas, Orquestra Experimental de Repertório, Orquestra Sinfônica de Londrina, entre outras de reconhecida importância, sob a regência de maestros como Mário Zaccaro, Ira Levin, Benito Juarez, Alessandro Sangiorgio, Reynaldo Censabela, Jamil Maluf e José Maria Flôrencio. Debutou no Theatro Municipal de São Paulo, no papel de Alfredo Germont em *La Traviata* de G. Verdi, e desde então, vem participando das temporadas líricas da mesma casa. Acumulam-se em seu currículo inúmeras premiações como: vencedor do V Concurso Carlos Gomes de Campinas, II Concurso Aldo Baldin de Florianópolis, e III Concurso Internacional de Canto Bidu Sayão. Em 2007, interpretou Nemorino no *Elixir D’amore* de Donizetti, com direção cênica de Enzo Dara.

Em outubro de 2007 atuou como Rodolfo, em *La Bohème*, de Puccini, em Adria (Itália), sob regência do maestro Alessandro Sangiorgio. Em novembro do mesmo ano, participou como Duca na montagem do *Rigoletto* de Verdi do festival Aldo Baldin em Florianópolis. Atuou no *Elias de Mendelsson* junto à Orquestra Sinfônica de São Paulo sob a regência do maestro Mario Zaccaro. Miguel Geraldi vem também se destacando pela versatilidade de seu repertório no qual constam cantatas, oratórios e óperas dos mais diversos estilos musicais.

MusicaR (Curitiba-PR)
Coro Infantojuvenil



Pensando na importância do desenvolvimento infantojuvenil por meio da música, a Fundação Cultural de Curitiba e o Instituto Curitiba de Arte e Cultura estão desenvolvendo o Programa MusicaR, que tem por missão descentralizar as ações de formação musical para as Regionais de Curitiba, com a oferta de um Curso Integrado de Musicalização nas Regionais para crianças e adolescentes no contraturno escolar. O programa foi elaborado a partir de um plano pedagógico sob a supervisão da professora Ângela Deeke Sasse, docente na UNESPAR - Campus I - Escola de Música e Belas Artes do Paraná e PUCPR, com a colaboração da maestrina do Coro da Camerata Antiqua de Curitiba, Mara Campos, da professora Cristiane Alexandre da Escola Paidéia e dos professores Guilherme Romanelli da UFPR e Luís Bourscheidt do IFPR - Campus Curitiba. Os professores que atuam no programa diretamente com as crianças e adolescentes têm acompanhamento pedagógico e capacitação contínua; são, em sua maioria, egressos e estudantes dos cursos

de Licenciatura em Música da UNESPAR - Campus Curitiba I (EMBAP) e II (FAP), da Universidade Federal do Paraná - DeArtes e da PUCPR - Pontifícia Universidade Católica do Paraná - Campus Curitiba.



Natália Áurea
(São Paulo)
Soprano

A soprano Natália Áurea é conhecida por sua voz doce e sensível musicalidade. Teve o privilégio de ter como formadoras de sua voz Andrea Kaiser e Neyde Thomas. Estudou com diversos professores e maestros, brasileiros e estrangeiros. Fez masterclass com cantores como Nathalie Stutzmann, Susan Bullock e maestros como Ragnar Bohlin e outros. Teve aulas com Ulrich Messthaler em Basel e realizou audições em diversos teatros em Paris, Lyon, Genebra e Amsterdã. Foi premiada no Concurso de Canto Maria Callas 2016 e foi Musetta em La Boheme. Canta no Coro da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo - OSESP há 12 anos, tendo sido solista por diversas vezes, regida pelos mais importantes maestros do cenário musical mundial. Participou como solista em três CDs gravados com a OSESP e Coro da OSESP. Atualmente é chefe de naipe dos sopranos sob regência e direção musical de Valentina Peleggi.



Norbert Steidl
(Áustria/Brasil)
Barítono

Nascido em Lienz, na Áustria, é mestre em canto pela Universidade Mozarteum em Salzburg na classe de Barbara Bonney. Em 2006 participou do Festival de Salzburgo na ópera de Mozart Apollo et Hyacinthus sob a regência de Josef Wallnig e da ópera Il Matrimonio Inaspettato de G. Paisiello, também no Festival de Salzburgo, sob a regência de Riccardo Muti. Apresentou-se em inúmeros concertos e recitais

na Europa e Ásia. Seu repertório varia entre os papéis de óperas de Mozart, Donizetti, Puccini e Wagner. Seu repertório camerístico é vasto e inclui todos os grandes oratórios de Handel, Bach, Haydn, Mendelssohn, Fauré, e canções de Haydn, Mozart, Schubert, Beethoven, Schumann, Brahms, Mahler, Wolf, Korngold, Berg, Sulzer, Bialas e muitos outros também, com obras de Lassus, Palestrina, Monteverdi e Schütz.



Norton Morozowicz
(Paraná)
Regente

Curitibano de nascimento, o flautista e regente Norton Morozowicz tem papel de destaque no cenário da música brasileira. É regente e diretor artístico da Orquestra Sinfonia Brasil e membro da Academia Brasileira de Música. Como regente, tem dirigido, com particular sucesso de crítica e de público, as principais orquestras do país, como a Sinfônica Brasileira, Sinfônicas de São Paulo, da USP, de Campinas, Curitiba, Brasília, Porto Alegre e Salvador, Camerata Antiqua e Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba, Jazz Sinfônica e Banda Sinfônica de São Paulo, entre outras. Em 2017 esteve como regente convidado da Filarmônica de Lublin, na Polônia, apresentando música sinfônica brasileira com grande êxito de público e crítica. Como solista apresenta-se em recitais e concertos referenciais ao lado de renomados artistas nacionais e internacionais. Com Jean Pierre Rampal, fez inesquecível parceria em memoráveis turnês. Realizou inúmeras excursões pelo Brasil, Europa, Estados Unidos e Canadá como flautista-solista da Orquestra Sinfônica Brasileira. Fundou a Orquestra de Câmara de Blumenau, que, sob sua direção, tornou-se referência brasileira de música de qualidade, com abrangência nacional e internacional. Criou e dirigiu por várias gestões o Festival de Música de Londrina; idealizou e dirigiu os Festivais de Música de Câmara de Blumenau, foi professor titular Notório Saber da Escola de

Música da Universidade Federal de Goiás - UFG e Artista Visitante da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Com mais de 35 discos gravados, vem prestando importante contribuição para a música do país, por estrear, apresentar e gravar, como regente, instrumentista - solista e camerista, obras significantes de compositores brasileiros de todas as épocas.

Orquestra À Base de Soprano



Grupo especializado em música popular brasileira. Com aproximadamente 17 anos de existência, tem em seu currículo seis lançamentos fonográficos e mais de 20 artistas convidados, dentre eles: Nelson Ayres, Joyce Moreno, Vocal Brasileiro, Toninho Ferragutti, Vittor Santos, Itiberê Zwarg, Nailor Proveta, Gabriele Mirabassi, Roberto Sion, Mauro Senise, Laércio de Freitas, Emílio Santiago, Egberto Gismonti entre outros, além de um repertório de gafeira com a cantora Roseane Santos. Seu primeiro registro em CD é composto por obras do Maestro Waltel Branco, o qual chegou a ser finalista do Prêmio TIM em 2008. Em seguida lançou um DVD com Arrigo Barnabé, gravado ao vivo, com uma obra encomendada pela orquestra - A Metamorfose, e uma nova roupagem para as músicas do disco histórico - Clara Crocodilo. Em 2012 fez dois lançamentos: um DVD/CD no Teatro do Ibirapuera, com André Mehmari, e outro no Teatro do Paiol, com obras de músicos que fazem parte da história da orquestra, intitulado Nossos Compositores. O seu quinto lançamento é um CD gravado em Curitiba com o convidado italiano - o clarinetista Gabriele Mirabassi. Este CD foi gravado ao vivo no Teatro do Museu Oscar Niemeyer - MON, em dezembro de 2009, e produzido pelo selo italiano EGEA,

mais conhecido pelos seus trabalhos em música erudita. Em 2014 chega ao sexto trabalho fonográfico lançando o CD gravado ao vivo com a flautista e compositora Léa Freire, conhecida por suas melodias improvisadas e uma percepção aguçada. A Orquestra se apresentou ao lado de um dos maiores nomes da música brasileira da atualidade: Egberto Gismonti, com o qual realizou shows em Brasília, Curitiba e Florianópolis. Neste panorama diversificado de repertórios, a OABS é considerada hoje um dos principais grupos de música brasileira do país, e vem se aprimorando na pesquisa de novas sonoridades para a nossa Música Popular Brasileira.



Osny Fonseca
(São Paulo)
Dança

Bacharel em Regência e Cravo, Licenciado em Música pela Unicamp, é docente do Conservatório Municipal "Cacilda Becker" (Pirassununga/SP). Mantém importante atividade artística como cravista, regente coral, além de pesquisa e prática em Dança Barroca. Juntamente com Clara Couto e Raquel Aranha idealizou e criou "Passos do Barroco - Grupo de Estudo e Prática em Danças Antigas", em 2016. Iniciou-se na dança barroca em 1996, com Christine Bayle e, desde então, estuda as relações entre a música e a dança dos séculos XVII e XVIII.



Otto Bueno (Paraná)
Ator

Ator, músico e bailarino a mais de 10 anos. Atuou em mais de 30 espetáculos, entre eles o Musical "Miseráveis", "Narnia" e o mais recente "Rock Para Pequenos". Participou de mais de 10 comerciais publicitários, como Toyota Corolla com veiculação internacional. Na área da dança participou da cia de jazz e hip hop Luana Zeglin. Atuou como professor de dança de salão e Hip

Hop em diversas escolas. Músico e compositor já fez produção musical para alguns espetáculos, tem experiência em canto, violão, guitarra, baixo, bateria, banjo, ukulele e gaita



Paulo Mestre (Paraná)
Contratenor

Natural de Curitiba (Brasil), Paulo Mestre vem desenvolvendo importante carreira como solista. Destacando-se em apresentações internacionais em Washington com a Camerata Antiqua de Curitiba, da qual participou durante vários anos. Na França, em Pau, como convidado pela UNICEF, em Paris e Metz sob a regência de Ricardo Kanji, no ano do Brasil na França, e em turnê com o grupo Calíope no mesmo país. Com o mesmo grupo, apresentou-se na Fundação Gulbenkian em Lisboa e na Espanha e também no festival de Chiquitos na Bolívia, bem como no Canadá, Alemanha, Israel, Costa Rica, Uruguai e Argentina (Buenos Aires, Córdoba, Rosario e Mendoza). No Brasil vem atuando em Festivais de Música Antiga do Rio de Janeiro, Curitiba e Juiz de Fora, em recitais com Marília Vargas, Nicolau Figueiredo, Marcelo Fagerlande, Bruno Procópio ao cravo e José Luiz de Aquino organista, e como solista de importantes orquestras, entre as quais a Orquestra Jovem das Américas, OSESP, Sociedade Bach, Orquestra da USP, Orquestra de Câmara da UNESP, Orquestra de Câmara da ULBRA (Rio Grande do Sul), Orquestra do Teatro São Pedro (SP), Sinfônica do Rio de Janeiro, Orquestra da Petrobras, Sinfônica de São Paulo, Paraíba, Pernambuco, Paraná e de Ribeirão Preto. Com grupos especializados em Música antiga, como: Arte Barroca (SP), Armônico Tributo (Campinas-SP), Roberto de Regina (Curitiba), Benedictus (Rio de Janeiro), Tábula (Brasília), Calíope (Rio de Janeiro), Orquestra de Ouro Preto (Minas Gerais). Em ópera cantou como protagonista o Orfeu de Glück em Mendoza, como Sperança no Orfeu de Monteverdi, no

Rio de Janeiro, em Curitiba como Ptolomeu na ópera Júlio César de Haendel. E em ópera composta por Marcos Lucas no Rio de Janeiro e Brasília – O Pescador e sua Alma, no papel de Alma.



Raquel Aranha
(São Paulo)
Dança, Coreografia

É violinista e “mestre de dança”. Estudou violino barroco no Conservatório Real de Haia (Holanda) e dança barroca na Holanda (Maria Angard Gaur) e na França (Cecília Gracio Moura, Christine Bayle, Ana Yepes, Guillaume Jablonka e Bruno Benne). Vem se dedicando ao ensino dessas artes desde 2007, além de realizar pesquisas acadêmicas em torno do “balé de ação” de Noverre, com estágio de pesquisa na França (Sorbonne-Paris IV). É doutora em Música pela Unicamp (2016).



Pe. Reginaldo Manzotti (Paraná)
Evangelista

Descendente de uma família tradicional de italianos, o padre Reginaldo Manzotti nasceu em 1970, na pequena cidade de Paraíso do Norte, região noroeste do Paraná. Seus pais tiveram seis filhos, todos influenciados pela religião católica. Apenas com 11 anos, tornou-se seminarista no interior do estado. No Seminário dos Frades Carmelitas, aprendeu a tocar flauta e começou a compor suas primeiras canções. Naquele momento, teve a ideia de evangelizar usando meios de comunicação, foi então que começou a acompanhar com maior atenção os programas católicos de rádio e TV. Aos 25 anos, foi ordenado padre e formou-se em Filosofia e Teologia. O Padre Reginaldo Manzotti atuou em paróquias, como em Curitiba e Paranavaí, mas foi em Pinhais,

na Igreja São José Operário, que ganhou destaque. As mídias da cidade passaram a dar atenção às suas missas que eram sempre realizadas com muita música e coreografias. Suas músicas o deixaram tão popular no Paraná que o tornaram vigário episcopal da Arquidiocese de Curitiba, responsável por 55 paróquias e ainda diretor de duas rádios e uma TV local. Considerado um dos grandes padres carismáticos do país, no Santuário Nossa Senhora de Guadalupe é enorme o número de fiéis que participam das missas celebradas por ele. Em sua carreira de padre pop star, já lançou seis livros, sete CDs e dois DVDs.



Renet Lyon
(Itália/Brasil)
Ator

Ator, cantor, compositor, músico, dublador e locutor. Participou da temporada de diversos espetáculos e foi dirigido por muitos diretores importantes como: Mauricio Vogue, Del Rangel, Roberto Talma, Sergio Ortêncio, Anderson Jader, Fernanda Morini, Guto Pasko, Elaine Martochio, Agy Campos, Hugo Mengarelli, Letícia Guimarães, entre outros. Realizou workshops de TV e Cinema com a diretora global Cininha de Paula, com o ator autor e diretor francês Thomas Quillardet, com o diretor francês Pierre Pradinas. Curso de Interpretação para Cinema e TV com Fátima Toledo. Dança Contemporânea - Carmen Jorge e Carla Domingues; Reciclagem de Vídeo e TV, com o diretor Guto Pasko; curso O Ator Criador - ACT, com o ator Luís Mello 2007. Curso de dublagem com Maira Góes e Marcelo Garcia. Curso de bateria - Walmir Pegas. Tango - Salete Ucachinski e André Meirelles. Acrobacia - Solo e Aéreo - Luis Borges. Locução - com o jornalista e radialista Marcelo Cabral. Curso de Interpretação no Cinema com o

ator e cineasta norte-americano Joshua Leonard, conhecido por seu papel em “As Bruxas de Blair”. O Ator Cômico - Escola do Ator Cômico - Mauro Zanata. Curso Livre de Teatro - Cia do Abraço - Gerson Andrade. Curso com Carlos e Joyce Todeschine do Coral Curumim, curso de Esgrima com o ex-técnico da Seleção Brasileira Giocondo Cabral. Estudou saxofone com Paulo Branco e Marcio Schuster, Piano com René Rabello. Trabalha com cinema, televisão, vídeo, teatro, publicidade e internet.



Rhenan Queiroz
(São Paulo/Paraná)
Dramaturgo,
Cenógrafo

Realizou diversos Ensinos Técnicos, a saber: Arte Dramática no Colégio Estadual do Paraná, Ensino Técnico no Curso Técnico em Edificações na Escola Técnica Estadual ETE Júlio de Mesquita – Santo André-SP, Ensino Técnico em Artes Visuais – Fundação das Artes – São Caetano do Sul-SP. Superior Incompleto – Graduação em Zootecnia – Universidade Federal do Paraná – Curitiba-PR. Realizou os seguintes trabalhos na área do teatro como Dramaturgo. Em 2011: Do Barroco ao Contemporâneo – uma Comédia Musical. Em 2012: Os Saltimbancos - Texto: Chico Buarque / Adaptação: Rhenan Queiroz / Direção: Mauricio Vogue. O Santo Cristo – Roteiro de um Anti-herói. Em 2013: Algum Pontinho no Caminho entre o Céu e a Terra, Os Fantásticos Equilibristas, A Megera Domada e Shakespeare se Revirando no Túmulo, O Diário Musical da Bailarina, com a Camerata Antiqua de Curitiba. Já em 2014: Rapunzel e Mais Alguma História Cabeluda, Joaquim e a Escola Imaginária da Música, com a Camerata Antiqua de Curitiba, Música do Portão pra Dentro - MPB para Crianças, Sarah, uma Rosa para Joaquim, A Diva e o

Maestro sem Concerto, Kiki Fabrica Asas – Espetáculo realizado em parceria com a Fundação Solidariedade e Centro Volvo Ambiental; todos os espetáculos foram elaborados com texto de Rhenan Queiroz e direção cênica de Mauricio Vogue. Foi indicado ao Troféu Gralha Azul nas seguintes edições: Em 2013 - Indicado nas categorias de melhor texto original e melhor cenário por: Algum Pontinho no Caminho entre o Céu e a Terra e pelo Os Fantásticos Equilibristas (espetáculo ganhador nas categorias: Melhor direção para Mauricio Vogue e melhor espetáculo infantil). No ano de 2014 foi indicado na categoria de melhor texto original por: Música do Portão pra Dentro - MPB para Crianças (espetáculo ganhador nas categorias: melhor direção para Mauricio Vogue e melhor espetáculo infantil)



Rodrigo del Pozo

(Chile)
Tenor

Estudou violão, alaúde, guitarra clássica e canto no Instituto de Música da Universidade Católica do Chile. Na Inglaterra, estudou alaúde com Jakob Lindberg e canto com Nigel Rogers. Atualmente é professor de Canto no Instituto de Música da Universidade Católica do Chile. Em 1992, estreou na ópera L'Orfeo de Monteverdi, dirigido por Andrew Parrot, no Festival de Ópera de Oslo (Noruega) e, no ano seguinte, no Festival de Música Antiga de Boston (EUA). Possui intensa atividade no campo da ópera barroca e oratório, com um repertório que inclui as óperas The Fairy Queen e King Arthur de Purcell, L'Orfeo de Sartorio, El burgues gentilhomme de Lully, Euridice de Jacopo Peri e Acis and Galatea de Handel. Atuou com os conjuntos The King's Consort, Concerto Palatino, Tafelmusik, Ensemble Baroque de

Limoges, Les Arts Florissant, Les Musiciens de Louvre, The Gabrieli Consort, The Taverner Consort, The Harp Consort, Hesperion XXI, Le Parlement de Musique, Tragicomedia e com os diretores Robert King, Paul McCreech, Ivor Bolton, René Jakobs, Trevor Pinnock, Nicholas Kraemer, Mark Minkowski, William Chistie, Christoph Coin, entre outros. Gravou para rádios na América do Norte e Europa e para os selos Astrée, Harmonia Mundi, Deutsche Grammophon, EMI e Teldec.



Sérgio Albach (Paraná) Diretor Artístico da Orquestra À Base de Sopro

Sérgio Albach tem se demonstrado um versátil e requisitado instrumentista para a gravação de CDs, participação em concertos, espetáculos musicais e teatrais, arranjos e composições. É graduado na Escola de Música e Belas Artes em Licenciatura em Música. Foi curador da Oficina de Música Popular Brasileira de Curitiba durante 14 anos, na qual realizou um trabalho de troca de experiências entre estudantes e profissionais da música brasileira. Também fez a curadoria da programação da Caixa Cultural Nacional por quatro anos. Dirigiu importantes produções musicais como Uma Rosa Para Elizabeth e Noël, com lançamento de CD em 2009. Também compôs trilhas sonoras para peças teatrais e espetáculos de dança e vídeo. Como diretor artístico da Orquestra À Base de Sopro de Curitiba produziu o CD Mestre Waltel, um DVD gravado ao vivo com Arrigo Barnabé, um CD e DVD com composições de músicos da orquestra, um CD pelo selo italiano "EGEA" com o clarinetista Gabriele Mirabassi e um CD com a flautista e compositora Léa Freire; além de excelentes espetáculos que levaram ao público a pesquisa e a valorização da música brasileira, com a presença de vários

convidados, como: Nelson Ayres, André Mehmari, Proveta, Laércio de Freitas, Toninho Ferragutti, Vittor Santos, Itiberê Zwarg, Joyce Moreno, Emílio Santiago, Egberto Gismonti, entre outros. Como pesquisador do choro, criou os projetos Choro no Sebo, No TUC tem Choro e em 2001 a Roda de Choro do Conservatório de MPB, que existe até hoje. Como clarinetista, lançou seu primeiro CD solo em 2010, o Clarineteando, e já soma mais de 50 participações em CDs. Faz parte do Mano a Mano Trio ao lado de Glaucio Sölter e Vina Lacerda, grupo que já excursionou para a Itália, Suíça, Peru e Argentina, e lançou seu primeiro CD em 2012. Após contato com o professor Harry Spaanay, clarinetista baixo holandês, no Festival Clari Peru, em 2012, começou a pesquisa de peças para clarone solo e clarone e tape para participação no Festival de Clarinete na Patagônia, em 2016.



Vicente Ribeiro (Rio de Janeiro/Paraná) Diretor Artístico do Vocal Brasileiro

Compositor e arranjador carioca, é bacharel em Música Popular pela Faculdade de Artes do Paraná (FAP-PR) e mestre em Música pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Desde 1983 desenvolve trabalho intenso como arranjador vocal, com arranjos executados por diversos grupos brasileiros. Em 1993 foi indicado para o Prêmio Sharp na categoria arranjador, por seus arranjos vocais para o CD Beijo, do grupo Beijo do Coralusp. Paralelamente, sempre escreveu para grandes formações instrumentais: nos anos 1980, esteve à frente dos grupos Orquestra do Rio (1987) e Banda Brasil (1988), como regente e arranjador; a partir dos anos 1990, manteve atividade regular como orquestrador, elaborando arranjos para grupos como a Orquestra de

Música Brasileira, Orquestra do Conservatório de MPB, Orquestra À Base de Sopro, Banda da Polícia Militar do Paraná e Orquestra Municipal de Sopros de Caxias do Sul, e para as trilhas sonoras dos filmes Lamarca (1994), de Sérgio Rezende, e A Hora Marcada (2000), de Marcelo Taranto. Em 1996 transfere-se para Curitiba, quando é convidado para atuar como diretor musical do grupo vocal O Tao do Trio. Desde então vem trabalhando intensamente na produção de CDs, como arranjador, instrumentista e produtor musical. Em 2000, foi responsável pela produção musical e arranjos do CD Uns Caetanos, do grupo O Tao do Trio, lançado no Brasil em 2001 pela gravadora Cid Entertainment, e no Japão, em 2002, pela Emi-Toshiba. Este trabalho recebeu o Prêmio Saul Trumpet de melhor CD do Paraná produzido em 2000, e resultou na indicação de O Tao do Trio ao Prêmio Caras de Música, na categoria "melhor grupo de MPB". Foi responsável pela direção musical do FEMUCIC (Festival de Música Cidade Canção), realizado anualmente em Maringá nos anos de 1998 a 2004. Paralelamente, atua no ensino de música: de 2004 a 2011 foi coordenador pedagógico do Conservatório de MPB de Curitiba e atuou como professor em instituições como a PUC-PR, EMBAP, no Festival de Música de Itajaí e na Oficina de Música de Curitiba. Atualmente é professor das disciplinas de Harmonia e Arranjo na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) e realiza seu doutorado em música na UNICAMP, onde desenvolve pesquisa acerca da produção pós-bossanovista de Tom Jobim.



Víctor Torres (Argentina) Barítono

Víctor Torres estudou canto com Ida Terkiel, Catalina Hadis, Horacio Soutric e Mercedes Alicea (NY), composição com Eduardo

Bertola, Mariano Etkin e Gerardo Gandini. Pedagogia do método de Violeta Gainza com Dora Sujatovich. É formado pelo Instituto Superior de Arte do Teatro Colón. Ele participou de aulas de mestrado oferecidas pelo tenor suíço Ernst Haefliger e pelo barítono francês Gerard Souzay. Ganhou o primeiro prêmio no Concurso Internacional de Canto de Bilbao (1990). Recebeu o prêmio Clarin Award Figura da Música Clássica (2007) e o Diploma de Mérito da Fundação Konex (2009). Desenvolve sua carreira em grandes teatros como Teatro Colón, Teatro Argentino de La Plata, Staatsoper de Berlim, Liceu em Barcelona, Teatro de la Monnaie, Flanders Opera, Opera Bastille, Teatro du Chatelet, Teatro de Champs Elysées, Opera Nancy, Ópera de Bordeaux, Grande Teatro de Genebra, Opera de Laussane, Teatro Massimo em Palermo, Teatro Comunale em Florença, Teatro Real de Madrid, entre outros. Seu repertório operístico inclui papéis principais em La Traviata, Don Carlos, Simon Boccanegra, Falstaff, Rigoletto, Nozze di Figaro, Così fan tutte, La Bohème, Madame Butterfly, Adriana Lecouvreur, Manon, Werther, Cenerentola, Lucia di Lammermoor, L'Elisir d'Amore, Don Pasquale, L'Orfeo, Il Ritorno d'Ulisse in Patria, Orlando Paladino. Victor Torres cantou sob a batuta de diretores destacados, como Rene Jacobs, Georges Pretre, Evelino Pido, Giovanni Antonini, Michel Corboz, Jordi Savall, Gabriel Garrido, Josep Pons, Antonio Pappano, Masaaki Suzuki, Muhai Tang e William Christie. Participou da estreia parisiense e madrilena de Il Postino, ópera de Daniel Catán, juntamente com Plácido Domingo. Participou da estreia argentina da ópera Cachafaz, de Oscar Strasnoy, em texto de Copi, no papel de "La Raulito". Ele é reconhecido como intérprete de música de câmara e oratório. Seu extenso repertório inclui obras de Monteverdi,

cantatas e paixões de J. S. Bach, lieder de Mozart, Schubert, Schumann, Brahms e Wolf; melodias de Debussy, Ravel, Fauré e Duparc; canções de Purcell, Williams, Britten, Ives e Barber; canções de Falla, Buchardo, Aguirre, Guastavino e Ginastera. Entre os seus registros destacam-se L'Orfeo com G. Garrido, Vespro della Beata Vergine e Oitavo livro de Monteverdi com R. Jacobs, Zeichen im Himmel Erlebach com Stylus phantasticus, Canções argentinas com Jorge Ugartamendia, Canciones argentinas com Fernando Perez, Canciones de Guastavino com Dora Castro, La belle époque com Fernando Perez, Oda para Martin Fierro Juan Navarro e DVD Orlando Paladino de Haydn, Rene Jacobs e La Didone de Cavalli, com William Christie e Orfeo de Luigi Rossi, com Raphaël Pichon. Como compositor, estreou obras corais interpretadas por coros de prestígio de seu país, como o Coral Studio of Bs As, dirigido por Carlos Lopez Puccio, o Grupok de Canto Coral, dirigido por Néstor Andrenacci (editado em CD), o Vocal Group of Difusion dirigido por Mariano Moruja, entre outros.

Vocal Brasileiro



O Vocal Brasileiro foi criado e idealizado pelo regente e arranjador Marcos Leite (1953-2002), que esteve à frente do grupo no período de 1995 a 2001. No período de 2002 a 2005 foi conduzido por Reginaldo Nascimento e, desde 2006, conta com a direção artística de Vicente Ribeiro. Todos os cantores do Vocal Brasileiro são solistas; dessa maneira, o público tem a oportunidade de ouvir não somente o resultado do

conjunto de vozes, mas também os timbres particulares de cada um de seus integrantes. Em um extenso repertório acumulado ao longo de quase 20 anos, há canções de Ary Barroso, Caetano Veloso, Chico Buarque, Dorival Caymmi, Edu Lobo, Gilberto Gil, Guinga, Joyce Moreno, Milton Nascimento, Noel Rosa, Tom Jobim e Zé Rodrix, além dos paranaenses Paulo Leminski e Sérgio Justen. Dentre dezenas de espetáculos realizados, cabe destacar Coisas nossas, Como uma Onda, Splish Splash, Duetos, Bastidores, Eu Canto Samba, Estandartes do Contestado, Brasileiro 20 anos, Brasil Gongá e Antônio Brasileiro - Vocal Brasileiro e Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba Interpretam Tom Jobim. O grupo recebeu por três vezes consecutivas (1997, 1998, 1999) e ainda em 2002, o prêmio Saul Trumpet como Melhor Grupo Vocal do Estado do Paraná. A partir de 2006, sob a direção de Vicente Ribeiro, o grupo passou a dedicar-se paralelamente à montagem de shows com convidados especiais, tendo dividido o palco com artistas e grupos como Quarteto em Cy, Boca Livre, Joyce Moreno, Sá & Guarabyra e Ivan Lins. Em 2008, o Vocal Brasileiro gravou seu primeiro CD solo, Invisível Cordão, dedicado à obra de Chico Buarque e Edu Lobo. Atualmente aguarda o lançamento do segundo CD, O Contestado, com canções de Romário Borelli compostas para o espetáculo homônimo. Com um som personalizado e envolvente, já conquistou um lugar de destaque na vida cultural de Curitiba, combinando originalidade e alegria para obter um resultado sem similar.



Win van Moerbeke
(Bélgica/Brasil-PR)
Piano

Wim Van Moerbeke nasceu em Bruges, Bélgica, em uma família de músicos.

Recebeu suas primeiras lições de piano de sua mãe e aos sete anos ingressou no Conservatório de Bruges. Aos nove anos deu o seu primeiro concerto e iniciou a carreira na Europa se apresentando em vários países. Apresentou-se no Bolivar Hall em Londres, Sala Darsena em Lignano-Itália, Concertgebouw-Brugge, Bijloke-Ghent, Museu Oscar Niemeyer em Curitiba, Brasil, entre outros. Formou-se em Piano e realizou mestrado em Música – Piano, no Conservatório Real de Bruxelas, Bélgica. Participou de várias masterclasses, como no Mozarteum em Salzburg, com Hans Leygraf e em Milão, com Alexis Weissenberg. Nos últimos anos, Wim se especializou em pianos históricos tocando música de 1750-1930, adquirindo, ele mesmo, pianos históricos como: piano Erard (francês) carré (de mesa) de 1814, piano Erard de concerto de 1834 e 1845 e um piano de concerto de Broadwood (inglês) de 1848. O objetivo de Wim é tocar a música no instrumento de sua época, como já fez no Festival Lisztomanias em Chateauroux, França, apresentando-se em um piano Clementi, de 1821, marcando a época do jovem Liszt em contraste com os compositores contemporâneos dele. Também realizou concertos em pianos históricos em Torhout-Bélgica, nos quais se apresentou em um piano Erard de 1835 (Paris de Chopin, Liszt, Field, de 1830-1850) e um piano Erard de 1892 (Paris de Debussy, Ravel, de 1890-1920) juntando o período romântico ao impressionismo que marcou o domínio da marca francesa Erard. Seu envolvimento com pianos históricos conduz a uma diversificação de suas performances. A apresentação de um concerto histórico significa para Wim Van Moerbeke muita pesquisa de marcas de piano, as relações desses com os compositores e a interessante correlação com a própria partitura. Tudo isso se traduz

em performances nas quais Wim fala entusiasticamente sobre o período em que o piano está situado, quais compositores apoiavam aquela marca de piano e como isso se reflete na música. Assim, além da beleza do piano histórico, com elaborado trabalho na madeira, o público poderá ouvir o verdadeiro som da época das inúmeras obras escritas por Chopin, Liszt, Field, entre outros.



Zélia Brandão (Paraná)
Flauta

Flautista que se caracteriza pela versatilidade, dedicando-se aos vários estilos que a flauta transversal abrange. Em 1972, quando iniciou o estudo de flauta transversal com J. Frank, já tinha uma noção de piano e canto e participava do Conjunto de Câmara da Família Brandão. Tornou-se aluna do prof. Norton Morozowicz, tendo então se formado no Curso Superior da Embap. Fez curso de Aperfeiçoamento em Música do Séc.XX e Análise e Atualização da Didática, com H. Koellreutter. Fez curso de especialização em Flauta Traverso Barroca com o prof. Oskar Peter na Schola Cantorum Basiliensis (Basel-Suíça). Atua como convidada e solista em diversos grupos de câmara e orquestras. Dedicar-se à apresentação de música barroca com instrumentos originais. Participa de grupos dedicados à música contemporânea. Atuando no magistério desde 1978, é docente do Conservatório MPB de Curitiba desde 1994, onde foi diretora pedagógica (2002 – 2004) e tem atuado em diversos festivais. Dedicar-se à pesquisa da música popular brasileira, tendo participado de diversos grupos de choro e MPB. Envolvida com música cênica desde 1984, escreve e interpreta seus próprios espetáculos. Em 2012, juntamente com o pianista Gilson

Peranzetta, gravou o CD duplo: Linguagem do Coração, contendo repertório de Joaquim Antônio Callado e Pattápio Silva.

DIRETORES ARTÍSTICOS DA CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA



Winston Ramalho
(Paraná)
Spalla e Diretor
Musical da Orquestra

Winston Ramalho é um dos mais destacados violinistas brasileiros de sua geração. Como dizia seu grande mestre Tibor Varga: “Mãos perfeitas para o violino como as de Winston só nascem de 10 em 10 anos”. Foi orientado no Brasil e no exterior pelos professores Marco Damm, Hildegard Soboll, Elisa Fukuda, Wolfgang Redik (Vienna Piano Trio), Naoko Tanaka e a famosa pedagoga Dorothy Delay. Posteriormente foi aluno e assistente do consagrado professor e solista Tibor Varga na Univesität Für Musik und Darstellende Kunst Graz na Áustria. Nesse mesmo período recebeu orientações de renomados violinistas internacionais, entre os quais podem ser destacados: Jaime Laredo, Boris Belkin, Zakhar Bron, Ivry Gitlis e Rainer Kuchl (spalla da Filarmônica de Viena). Durante seus estudos na Áustria também estudou música de câmara com membros do Quarteto Alban Berg, Vienna Piano Trio e Quarteto Hagen. Foi primeiro lugar de vários concursos nacionais e internacionais, entre eles o Jovens Instrumentistas do Brasil, I e II Concurso Paulo Bosisio, Concurso Jovens Solistas da Osesp, Prêmio Jovem Talento do Soroptimist International of the Americas, Prêmio do Público e vencedor do Shell Competition for Young Musicians em Londres. Participou em concertos e recitais de câmara no Brasil e em países como Áustria, Alemanha, Hungria, Itália, Croácia,

Bélgica, com renomados grupos e músicos, nacionais e internacionais como Vienna Piano Trio e o Quarteto Camargo Guarneri, Catalin Rotaru, Antonio Del Claro, Gilberto Tinetti, Radovan Vlatkovic, Wolfgang Redik, Geza Hosszu Legocky, Paulo Gori, Olga Kiun, Roman Mekinulov, Fábio Martino, Cristian Budu, entre outros. Também se apresentou como solista e camerista em consagradas salas de concerto como o Barbican Hall em Londres, Musikverein de Viena, Stefaniensaal em Graz, Teatro Guaíra em Curitiba e a Sala São Paulo. Foi solista de importantes orquestras do Brasil e do exterior como a Orquestra Sinfônica do Paraná, Orquestra Sinfônica de São Paulo, Orquestrade Câmara Tibor Varga (onde também atuou como spalla), London Schools Symphony Orchestra, Camerata Fukuda, Orquestra de Câmara de Curitiba, Orquestra Filarmônica UniCesumar, sob a batuta de maestros como Tibor Varga, Diogo Pacheco, Paulo Florêncio, Alceo Bocchino, Martin Haselbock, Roberto Tibiriçá, Celso Antunes e Marcos Arakaki. Foi membro e violinista convidado das Orquestras Sinfônica do Paraná, Orquestra Sinfônica de São Paulo, Grazer Symphonishes Orchester, Recreation Orchester Graz, Orquestra Filarmônica de Viena, Orquestra de Câmara de Viena. Foi professor em vários festivais como na USP em São Paulo, Festival de Música de Londrina-PR, Festival de Música de Ourinhos, Oficina de Música de Curitiba, Festival Tchaikovsky em Maringá, Primeiro Festival Internacional de Música de Salta na Argentina, onde lecionou e se apresentou ao lado de músicos da Filarmônica de Viena e Berlim e no NEOJIBÁ (Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia). Foi um dos quatro ex-alunos escolhidos pela professora Elisa Fukuda para gravar o CD e DVD ao vivo com a Camerata, em comemoração aos 20 anos da Camerata

Fukuda. Em junho de 2017 Winston criou em Curitiba o 1º Violin Festspiele Brazil, no qual mais de 60 violinistas de todo o Brasil tiveram aulas com ele e seus assistentes. Atualmente leciona nos principais festivais do Brasil e América do Sul e é spalla da Orquestra de Câmara de Curitiba e Camerata Antiqua de Curitiba.



Mara Campos
(São Paulo)
Diretora Musical e
Regente do Coro

Regente coral desde 1978, formando e dirigindo inúmeros conjuntos, como: CORALUSP, Coral da Aliança Francesa, Coral da Escola de Música e Belas Artes do Paraná, Coral do Portal, Grupo Som-A-Pino, Coral Paulistano do Theatro Municipal de São Paulo e os Corais Infantil e Juvenil da Escola Municipal de Música. Mara Campos recebeu orientação de Adriana Ribeiro e Maria Luiza Carvalho, Benito Juarez, Hugg Ross, Henrique Gregori, J. E. Gardiner, Beth Pinheiro, Osvaldo Lacerda e Damiano Cozzella, além dos cantores Lucia Passos e Fernando Carvalhaes. Integrou o Projeto Villa-Lobos de Canto Coral - INM/FUNARTE e foi professora de Regência e Canto Coral em 20 edições da Oficina de Música de Curitiba. Regente convidada dos coros ingleses BBC Singers, New College e The Sixteen, do conjunto Vox Brasiliensis, da instalação coral Concerto Concreto da Bienal A Trama do Gosto e da gravação do CD Villa-Lobos, em Paris (França), respondeu pela criação e direção musical dos espetáculos ZAP - O Resumo da Ópera e Coro dos Contrários - 22. Mara Campos criou e coordenou os Festivais de Coros da Aliança Francesa, Igreja São Francisco, Grupo Pão de Açúcar e o Encontro de Coros Camargo Guarneri do Festival do Theatro

Municipal de São Paulo. Integra o Projeto Canto em Movimento junto a escolas de ensino fundamental do SESI em São Paulo e é professora de regência e canto coral da Faculdade de Música Cantareira e da FITO - Conservatório Villa-Lobos. Mara Campos é Diretora Musical e Regente do Coro da Camerata Antiqua de Curitiba.



Denise Sartori
(Paraná)
Orientadora Vocal

Denise Sartori nasceu em Curitiba. Após se formar em Biologia, graduou-se na Escola de Música e Belas Artes do Paraná em Canto. Dando continuidade aos seus estudos na Inglaterra, concluiu o curso de pós-graduação e mestrado no Royal Northern College of Music, recebendo prêmio de distinção. Venceu vários concursos, nacionais e internacionais, sendo a única brasileira a participar do Gala Concert, no Philadelphia Opera Theatre, promovido por Luciano Pavarotti. No Brasil atuou como solista das principais orquestras brasileiras. Seu repertório inclui música de câmara, sinfônica, oratórios e óperas. Atualmente Denise dedica-se ao ensino do canto, anatomia e fisiologia vocal e é pesquisadora nessas áreas. Promove, com jovens cantores, a execução de óperas e obras contemporâneas ainda inéditas no nosso país. Denise também interpretou, como atriz, a personagem Ofélia, na novela Laços de Família, de Manoel Carlos, pela Rede Globo de Televisão. Desde 2017 atua como preparadora vocal da Camerata Antiqua de Curitiba.



Capela Santa Maria





CAPELA SANTA MARIA ESPAÇO CULTURAL

Construída pela Congregação Marista, em devoção a Nossa Senhora da Conceição, a capela foi inaugurada em 15 de outubro de 1939, como parte do conjunto de edificações que compunham as antigas instalações do Colégio Santa Maria, que funcionou no local por quase 60 anos.

Propriedade do município desde 1998, a construção, em estilo neoclássico, foi inserida no programa Marco Zero, que tem como objetivo revitalizar a região central da cidade. Assim, iniciou-se um intenso trabalho de restauro e transformação da Capela Santa Maria em mais um espaço cultural da cidade.

Além do acompanhamento arqueológico do terreno, também foram feitas as obras e instalação de equipamentos necessários para transformar o espaço numa sala para apresentações de música erudita, com 203 lugares na plateia e 75 lugares nos mezaninos laterais e no primeiro balcão. Inaugurado em janeiro de 2008, durante a XXVI Oficina de Música de Curitiba, o espaço também é a sede oficial da Camerata Antiqua de Curitiba, grupo formado por coro e orquestra mantido pela Prefeitura há 44 anos.

CAPELA SANTA MARIA ESPAÇO CULTURAL


Instituto Curitiba de Arte e Cultura

Rua Conselheiro Laurindo, 273 - Centro,
Curitiba, PR - CEP 80060-100

Informações: (41) 3321-2840

icac.org.br  Capela Santa Maria

AQUISIÇÃO DE INGRESSOS

- Programação geral
R\$ 30 e R\$ 15
- www.aloingressos.com.br
(aquisição pelo site, quiosques e totens será cobrada taxa adicional de R\$ 5)
-  **Gratuito**
(programação nas igrejas, Ensemble de Cordas da Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba, concertos da III Semana de Canto Coral Henrique de Curitiba e Mia Cara Curitiba)

Atenção - Programação sujeita a alteração sem aviso prévio.



Ficha Técnica



CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Maestro Emérito
Roberto de Regina

ORQUESTRA

Violinos I
Winston Ramalho (spalla)
Paulo Hübner
Atli Ellendersen
Marco Damm
Vitor Andrade

Violinos II
Francisco de Freitas Jr. (chefe de naipe)
Moema Cit Meyer
Silvanira Bermudes
Vanessa Savytzky Schiavon
Walter Hoerner

Violas
Alexandre Razera (chefe de naipe)
Aldo Villani
Denis Gonçalves Castilho
Helena Alice Carollo Damm
Roberto Hübner

Violoncelos
Faisal Hussein (chefe de naipe)
Estela de Castro
Klaiton Laube
Thomas Jucksch

Contrabaixo
Martinho Lutero Klemann

Spalla e Diretor Musical da Orquestra
Winston Ramalho

Ensaaiador
Alexandre Razera

CORO

Sopranos
Darci Almeida
Luísa Favero
Luciana Melamed
Naura Sant'Ana
Sílvia Suss Marques

Contraltos
Ariadne Oliveira
Cissa Duboc
Daniele Oliveira
Fátima Castilho
Mirta Schmitt

Tenores
Alexandre Mousquer
Lucio Hossaka
Maico Sant'Anna
Marcos Brito
Sidney Gomes

Baixos
Ademir Maurício
Cláudio de Biaggi
Fernando Klemann
José Brazil
Marcelo Dias

Regente e Diretora Musical do Coro
Mara Campos
Orientadora Vocal
Denise Sartori

Pianista Corpetidora
Clenice Ortigara

Ensaaiadores
Clenice Ortigara
Maico Sant'Anna

FICHA TÉCNICA DA CAMERATA ANTIQUA DE CURITIBA

Conselho Artístico
Marino Galvão Jr.
Janete Andrade
Winston Ramalho
Mara Campos
Darci Almeida
Martinho Lutero Klemann
Marcelo Dias
Francisco de Freitas Jr.
Alexandre Mousquer

Coordenadora Executiva
Darci Almeida

Coordenador da Orquestra
Martinho Lutero Klemann

Coordenador do Coro
Marcelo Dias

Representante da Orquestra
Francisco de Freitas Jr.

Representante do Coro
Alexandre Mousquer

Arquivista/copista
Cornelis Kool

Coordenador Administrativo e de Produção
Agnaldo Oliveira

Produção
Alício Cardoso
Altair de Oliveira
Valdecir Pereira

Recepção
Valdir Rodrigues de Matos

FICHA TÉCNICA INSTITUCIONAL

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA

Prefeito
Rafael Greca de Macedo

FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA

Presidente
Ana Cristina de Castro

Diretor Administrativo e Financeiro
Cristiano Augusto Solis
de Figueiredo Morrissy

Diretor de Ação Cultural
José Roberto Lança

Diretor de Patrimônio Histórico Artístico e Cultural
Marcelo Sutil

Diretora de Incentivo à Cultura
Loismary Ângela Pace

Assessoria de Comunicação
Thaísa Marques Teixeira Sade

Fotos
Cido Marques
Alice Rodrigues
Lucília Guimarães
Luiz Cequinel

Diagramação de programa
Aparecido Oliveira
Brunah Capriglioni

INSTITUTO CURITIBA DE ARTE E CULTURA

Diretor Executivo
Marino Galvão Jr.

Coordenadora de Música
Janete Andrade

Gerente Administrativo / Financeiro
Maria Eduarda Rigos Maia Prata Bahls

Assessoria Jurídica
Simone Konitz

Assessoria de Música
Márcia Squiba

Analista Contábil
Willian de Lima Paula

Comunicação
Viridiana de Macedo
Luana Chemin

Design Gráfico
Clarice Midori Umezaki Iwashita

Revisão de Textos
Carla Anete Berwig

ENDEREÇOS INSTITUCIONAIS

Fundação Cultural de Curitiba

Rua Engenheiro Rebouças,
1732 - Rebouças
Curitiba PR - CEP 80230-040
Informações: (41) 3213-7500
www.fundacaoculturaldecuritiba.com.br

Capela Santa Maria Espaço Cultural Instituto Curitiba de Arte e Cultura

Rua Conselheiro Laurindo, 273 - Centro
Curitiba PR - CEP 80060-100
Informações: (41) 3321-2840
www.icac.org.br

ENDEREÇOS DOS CONCERTOS NAS IGREJAS E NA SBEE

Igreja Batista Alameda

Alameda Júlia da Costa, 2.225 - Bigorrião
Informações: (41) 3019-1308

Igreja São Braz

Rua Antônio Escorsin, 1.860 - São Braz
Informações: (41) 3024-1310
paroquiasaobraz@gmail.com

Paróquia Nossa Senhora da Luz dos Pinhais

Rua Davi Xavier da Silva, 615 - Vila Nossa Senhora
da Luz dos Pinhais
Informações: (41) 3246-2264

Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Belém

Rua Amador Bueno, 627 - Cajuru
Informações: (41) 3226-6544

Paróquia Sant'Ana

Estrada Delegado Bruno de Almeida, 2.565 - Campo
de Sant'Ana
Informações: (41) 3396-3660

Paróquia São Pedro Umbará

Rua Nicola Pelanda, 5.000 - Umbará
Informações: (41) 3348-1612

Paróquia Santa Terezinha do Menino Jesus

Av. Visconde de Guarapuava, 4.787 - Batel
Informações: (41) 3243-4171

Paróquia Senhor Bom Jesus

Rua João Bettge, 7 - Portão
Informações: (41) 3329-3468

Santuário Nossa Senhora do Guadalupe

Praça Senador Correia, 128 - Centro
Informações: (41) 3233-4884

Santuário Nossa Senhora do Sagrado Coração

Rua Nicola Pelanda, 545 - Pinheirinho
Informações: (41) 3349-2940

Santuário São Francisco de Assis

Rua Francisco Derosso, 715 - Xaxim
Informações: (41) 3275-1213

Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas (SBEE)

Rua Vinte e Nove de Junho, 504 - Tingui
Informações: (41) 3256-4383

Terceira Igreja do Evangelho Quadrangular

Rua Otávio Francisco Dias, 299 - Água Verde
Informações: (41) 3332-6633

ENDEREÇOS DOS CONCERTOS MÚSICA PELA VIDA

Hospital de Clínicas

Avenida General Carneiro, 181
- Alto da Glória
Informações: (41) 3360-1864

Hospital Santa Casa de Curitiba

Praça Rui Barbosa, 694 - Centro
Informações: (41) 3271-5851

Rede de Instituições de Acolhimento (RIA)

Capela Santa Maria Espaço Cultural
Rua Conselheiro Laurindo, 273 - Centro
Informações: (41) 3321-2840

Hospital Pequeno Príncipe

Rua Desembargador Motta, 1.070
- Água Verde
Informações: (41) 3310-1253

Instituto Paranaense de Cegos

Avenida Visconde de Guarapuava, 4.186 - Batel
Informações: (41) 3242-5487



